



# ROMIA 45

Antonio Nascimento

Maceió, AL, 2014

COPYRIGHT 2014©ANTONIO NASCIMENTO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR

Rua Padre Carapuzeiro, 813/apt. 2903

Edifício Sun Park, Boa Viagem

51020-280 Recife, Brasil

E-mail: nascimento.antonio@mayo.edu

FICHA TÉCNICA:

**Capa:**

Nadja Baía e Danilo Oliveira

**Diagramação:**

Edmilson Vasconcelos

**Copydesk:**

Vianney Mesquita – REG.PROF.: 240/FENAJ

**Impressão:**

Gráfica Iluminuras, Maceió-AL.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N193r

Nascimento, Antonio, 1948-

Roma 45 / Antonio Nascimento. – Maceió : A.

Nascimento, 2014.

219 p. ; 15 X 23 cm.

ISBN 978-85-91556-0-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD- B869.3

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS MACEDO - BIBLIOTECÁRIO CRB3575

*Printed in Brazil*  
Impresso no Brasil

Esta obra é dedicada as razões de minha  
existência: Alessandra, André, Lucas,  
Isabella, Danielle, e Ana Luisa.



## *AGRADECIMENTOS*

Foram muitas as pessoas que foram fundamentais para a realização desta obra, sendo impossível enumerar todas elas. Gostaria, entretanto, de lembrar alguns nomes, sem os quais esta publicação não aconteceria: Professor Vianney Mesquita, pelo trabalho editorial de excelente qualidade realizado, Professor José Anchieta Barreto, pelo paciente e valoroso trabalho de redigitação e segundo trabalho editorial da obra, Nadja Baía, pelo primoroso trabalho artístico da capa que cedeu beleza à obra, Sr. Robério Veloso, pela árdua tarefa de publicar a obra, a Maria Eduarda Baia, pelo incentivo e entusiasmo de todos os momentos, e a minha esposa e companheira na vida, Danielle Tavares, pelo apoio em todos os momentos.



PARTE I

A HISTÓRIA DE  
SALVATORE FOSCOLO E  
SANDRINA BARONI





**R**eggio di Calabria é hoje, uma cidade moderna e aprazível, que abriga cerca de 250 mil almas, em sua área metropolitana. Sua importância reside no fato de ser a sede administrativa da região da Calábria, a mais sulista das 18 regiões continentais, que, juntos com a Sardenha e a Sicília, formam, desde a Constituição de 1948, a soberania da República Italiana. A cidade, com suas imensas plantações de oliveiras, vinhedos, laranjais e sua rica floricultura, está localizada na falange distal do hálux da “bota” italiana, espremida entre o Maciço Aspromonte e o Estreito de Messina, e, praticamente, vendo, olho no olho, a cidade de Messina, na Sicília. Reggio di Calabria é conectada às cidades do norte da Itália por duas autoestradas litorâneas, uma correndo ao longo da costa do Mar Tirreno, e a outra paralela ao Mar Iônico, e, apesar da pobreza, que é mais predominante no sul do País, é considerada uma cidade tranquila e segura, na qual os seus habitantes usufruem as noites e os fins de semana, passeando com paz e harmonia na “Lungomare”, a comprida e elegante avenida costeira, de onde, em dias límpidos, se consegue visualizar a costa siciliana e o vulcão Etna. De seu movimentado porto, é possível atravessar em embarcações comerciais para a Sicília, com vários barcos saindo diariamente com destino a Messina, Catânia e Siracusa.

Reggio di Calabria, no entanto, não gozava desta modernidade, aprazibilidade e segurança na década de 1940. A região sul, mais do que o norte, sofreu muitíssimo com o enfileiramento da Itália ao lado da Alemanha nazista, na Segunda Guerra Mundial, e o governo fascista, desastroso, de Benito Mussolini. A participação na guerra no lado errado e a conseqüente derrota, trouxeram o acanhamento econômico e a anarquia social ao País inteiro, mas foram mais profundamente sentidas nas já desfavorecidas regiões sulistas. Reggio di Calabria era, naquela época, uma terra de ninguém, ou melhor, uma terra de uns poucos, poderosos e déspotas, que incentivavam a pobreza, o desmando e o crime, a fim de exercer seus domínios, baseados no poder econômico e na força. A então já famosa “Cosa Nostra”, de origem siciliana, mas deveras atuante em todo o sul da Itália, dominava a região da Calábria,

promovendo o vício, os jogos de azar e o crime organizado. E Reggio di Calabria estava sob o domínio do “capo” Fausto Baroni.

Fausto nasceu em 1895, em Agrigento, na Sicília, mas, muito cedo, seus pais mudaram para Palermo, onde cresceu e estudou, de modo precário, apenas o suficiente que lhe permitisse uma vida na sociedade “mafiosa” de Palermo. Seu pai, homem simples e muito trabalhador, era o contador dos negócios da Família Mingazzini, e Fausto passou a infância e adolescência, brincando e crescendo junto aos membros do clã Mingazzini, caindo nas graças e tendo sido praticamente ‘adotado’ pelo poderoso patriarca Gianni Mingazzini. Aos 25 anos de idade, Fausto teve seu casamento arranjado com Daniela, uma das numerosas netas de Gianni, e, logo em seguida, foi enviado a Reggio di Calábria, a fim de auxiliar o sogro, Dario Mingazzini, na administração dos negócios da família, que naquela época já havia “metastatizado” ao continente.

Apesar da cultura limitada, Fausto era inteligente, muito devotado ao trabalho, como o próprio pai, deveras leal, ambicioso, arguto e dono de um sangue-frio e uma índole maléfica, de amedrontar os capangas e inimigos mais valentes. Com ele, como seu braço direito, Dario percebeu os negócios crescerem e se reproduzirem meteoricamente, enquanto os algozes e toda a forma de obstáculos eram removidos ou desapareciam, fruto da atividade de Fausto e suas dezenas de capangas.

Enquanto isso, Daniela estava a cada dia mais apaixonada pela beleza, atenção, carinho e virilidade de Fausto Baroni. O sol, quase constante dos dias da Sicília e da Calábria, era responsável pelo bronzeamento deslumbrante, que parecia resplandecer da pele morena de Fausto. Associados à beleza de sua pele, o rosto longo, os olhos castanhos, o nariz grande e afilado, e os cabelos cheios e, de modo prematuro, parcialmente, grisalhos, faziam de Fausto um homem de extremada beleza. Apesar de ser um incentivador do vício do uso de bebidas alcoólicas, cuja distribuição em Reggio di Calabria e em toda a região Calabresa estava sob sua responsabilidade, Fausto não tinha vícios, isto é, se abstinha por completo do fumo, do álcool e do jogo de azar. Mantinha, com regularidade, sua participação em atividades

físicas extenuantes, hábito que lhe deu um físico de aspecto invejável. Embora não houvesse casado com Daniela por amor, Fausto Baroni seguia, à risca, os princípios ditados pela “Grande Família” e que regiam a conduta de seus membros, em relação ao respeito familiar. Com isso, ele se esmerava em ser um marido fiel e um pai exemplar, para os três varões, os quais foram produtos de sua união com Daniela. Cercava a mulher de carinhos e atenção, e se mostrava um amante insaciável, fazendo amor com Daniela diariamente. E o ato de se completarem era para ele um ritual de cunho quase divino, durando horas e horas. Daí a crescente paixão de Daniela.

Dario foi vitimado pela sua hipertensão arterial de difícil controle, a que não dedicava muitos cuidados, e, em 1925, se tornou completamente inválido, em razão de um acidente vascular cerebral hemorrágico, conhecido popularmente como “derrame cerebral”. Teve que, obrigatoriamente se afastar dos negócios, que, por ordem dos Mingazzini, de Palermo, deveriam ser conduzidos pela mão firme, forte e impiedosa de Fausto Baroni.

Daniela e Fausto tinham a mesma idade, mas, enquanto Fausto esbanjava saúde, Daniela padecia de problemas físicos, que, naquela época, tinham natureza ainda desconhecida. Assim, Daniela sofria da chamada artrite reumatoide, em seu caráter mais agressivo e incapacitante, doença que começou a se apresentar aos 30 anos de idade, após o nascimento do último filho. Aos 42 anos de idade, Daniela foi diagnosticada como portadora de um carcinoma mamário de evolução explosiva, que se exibiu já com metástases pulmonares, hepáticas e cerebrais. Ela faleceu seis meses mais tarde, deixando Fausto viúvo, aos 43 anos.

Fausto Baroni curtiu a viuvez por cerca de sete anos, período por ele dedicado inteiramente ao crescimento dos negócios. Assim, quando, em agosto de 1945 se casou com Sandrina, nos seus 20 anos de vida, Fausto era o regente de um império financeiro, que incluía destilarias e depósitos de whisky e outras bebidas espirituosas, fábricas e depósitos de refrigerantes diversos, industrialização e distribuição de cigarros e

fumo de modo geral, salas de jogos de azar, controle da loteria local, propriedade do jôquei clube do lugar e dos salões de apostas em corridas de cavalo e jogos de futebol, e vasto comércio de gêneros alimentícios e roupas. Politicamente, apesar de não exercer cargo administrativo algum, apontava os nomes daqueles que deveriam reger os destinos políticos da cidade e da região; e o fazia por meio do uso consciente e bem articulado de uma máquina criminal que fez história na Calábria.

Sandrina Baroni tinha o sobrenome Fachetti desde junho de 1928, quando foi adotada pelo casal Aldo e Antonietta Fachetti. Antes era conhecida pelo nome de Filha de Lucia de la Via Streza, alcunha pela qual sua mãe havia ficado conhecida no Hospital-Maternidade de Nápoles, onde Sandrina havia nascido e ficado, após ser abandonada pela mãe, depois do parto. A mãe, Lucia de la Via Streza, era uma prostituta que havia sido fecundada, num raro momento de descuido por um “mariner” dos Estados Unidos, um mulato parrudo de 19 anos de idade, de passagem rápida por Nápoles.

O casal Fachetti, herdeiro de uma imensa empresa de transporte de cargas pesadas, era radicado em Catanzaro, cidade do nordeste da Calábria, localizada entre os Maciços Sila e Aspromonte. Apesar de casados há 13 anos, não tinham filhos, e não os teriam, pois Antonietta sofria de endometriose, que era a causa da infertilidade do casal. Embora ainda tentando vencer um repúdio interior à adoção por parte de Aldo, o casal se apaixonou de imediato por aquela menina linda e irrequieta de três anos, de pele morena, lábios carnudos e olhos verdes e grandes, que conheceram na maternidade de Nápoles, aonde haviam ido para visitar uma amiga de Antonietta, então submetida a uma cesariana havia quatro dias. Do amor à primeira vista à adoção, foram apenas dias.

Sandrina cresceu filha única em Catanzaro, sempre exibindo uma beleza invulgar. Foi criada com muito amor pelos pais, principalmente por Antonietta, que a ela se apegou, formando com a filha um elo de rompimento difícil. Aldo era de opinião de que filha mulher devia ser criada dentro dos mais rígidos princípios morais, e que a educação haveria de visar à formação de uma exemplar esposa, mãe e dona de casa. E assim foi feito com Sandrina, que recebeu uma educação simples e básica, mas com profunda ênfase em princípios religiosos católicos e em conhecimentos de uso doméstico, como, por exemplo, a culinária.

Sandrina, contudo, era uma sonhadora e, desde cedo, na infância, demonstrava ser portadora dos genes responsáveis pelo desenvolvimento da rebeldia no caráter. Contestava a mãe, em relação às opiniões e decisões dos pais, no tocante a sua conduta. Lia, avidamente,

romances, nos quais a conduta das heroínas eram motivo de críticas por parte da igreja, tais como *Anna Karenina*, de Tolstói, e *Madame Bovary*, de Flaubert. Flertava abertamente com alguns rapazolas da cidade, e, até mesmo, iniciou uns namoricos com alguns deles. Na adolescência, protagonizou brigas sérias com Aldo, que inclusive a agrediu fisicamente, umas duas ou três vezes, em meio a discussões mais acirradas; tudo isso para sofrimento da mãe, que detestava ver o padecimento físico ou emocional de sua querida Sandrina.

Esta não conheceu os pais verdadeiros, mas nunca se preocupou com isto. Sabia de sua condição de adotada e, apesar da rebeldia e das discórdias com os pais, adorava incondicionalmente Aldo e Antonietta. E foi em nome deste amor, erroneamente temendo perder bem-querença dos pais, como se isto fosse uma coisa possível de acontecer, que Sandrina cedeu à chantagem emocional promovida por Aldo Fachetti, e aceitou contrair núpcias com o viúvo, milionário e poderoso chefe, Fausto Baroni, de Reggio di Calabria, para ela, simplesmente, um velho chato, nos seus 50 anos de idade.

Fausto mantinha negócios com Aldo. Na verdade, a empresa de Aldo era responsável por todo o transporte rodoviário dos produtos manufaturados e distribuídos pelo império de Fausto. Um dia, em uma visita de negócios a Aldo, em Catanzaro, Fausto conheceu e desejou, ardentemente, a morenice de Sandrina. Propôs casamento, aceito, imediatamente, pelo casal Fachetti e, então, Aldo sugeriu que Sandrina aceitasse a proposta, caso não desejasse que, tanto ele como Antonietta, lhe virassem as costas e a abandonassem.

O casamento e a mudança de Sandrina para Reggio di Calabria ocorreu em agosto de 1945. Apesar de Fausto usar de toda a sua técnica de sedução, e, malgrado de ainda se mostrar, no aspecto físico, um amante ardoroso, ele jamais conseguiu obter o amor de Sandrina Baroni. Esta o tolerava, mas, na verdade, se tornava a cada dia mais enfadada. E a situação entre Fausto e Sandrina piorou, sensivelmente, um ano após o casamento, quando Sandrina conheceu o calado Salvatore.

**F**austo Baroni não pode ser acusado de negligência por não haver sequer imaginado que o seu empregado, Salvatore Foscolo, pudesse desempenhar com vantagens o papel de seu rival na competição pela conquista do coração de sua adorada Sandrina. Salvatore era o mais improvável dos amantes.

Salvatore tinha 34 anos, quando conheceu Sandrina, em 1946, mas, na verdade, aparentava 44. Era relativamente baixo nos seus um metro e sessenta e oito centímetros, e de uma magreza esquelética, que lembrava aqueles tipos típicos, tão comuns nos sanatórios de tuberculose daquela época. Calvo, precocemente, só aparentava cabelos grisalhos, ralos, nas têmporas e na região occipital, e sua face de forma alongada era permanentemente acobertada por uns óculos gigantescos de lentes foscas, apropriado para corrigir sua acentuada miopia.

Ele falava muito pouco; só mesmo o essencial. Sua seriedade muda era interpretada como um grau avançado de timidez, mas, na verdade, tratava-se de uma defesa do seu inconsciente para ocultar uma forma leve da doença de Tourette, da qual sofria. Essa enfermidade, entretanto, se fazia notar se alguém prestasse atenção ao fato de que, ao iniciar uma fala, sempre balbuciava, quase imperceptivelmente, duas ou três palavras de baixo calão, completamente fora de qualquer contexto, além de exibir tiques nervosos corporais, os quais tentava suprimir, sem sucesso. O clipe mais exuberante, que lutava para suprimir, sem atingir sucesso, era o de coçar de forma acintosa, aberrante, a bolsa escrotal com uma manipulação associada do pênis, gigantesco para o seu tamanho, ato que causava horror e asco a todos aqueles que foram, miseravelmente, “agraciados” com tal espetáculo.

E foi por esta antítese do amante que Sandrina, dona do coração, super cobiçado, de Fausto, se apaixonou de maneira inapelável e irreversível, colocando em grande risco a vida de Salvatore e, por que não dizer, a própria vida. O que poderia haver naquele arremedo de ser humano, que fosse capaz de arrebatá-lo, de forma tão avassaladora, o coração lindo e moreno de Sandrina?

Salvatore Foscolo nasceu na pequena vila de Melito di Porto Salvo, que dista cerca de 35 quilômetros de Reggio di Calabria. Filho de pescador e de mãe de profissão e destino ignorados, Salvatore passou a infância no minúsculo povoado onde nascera, e, se não fosse a presença de um desconhecido poeta inglês, que havia escolhido o povoado para viver o restante de seus dias, Salvatore não teria sido educado. O poeta tomou a educação de Salvatore como uma missão em vida e, já precocemente, Salvatore ouviu os nomes e as poesias e prosas dos mais famosos autores da literatura mundial. Foi inicialmente alfabetizado na língua inglesa, e quando, aos sete anos de idade, se juntou ao grupo escolar do povoado, Salvatore já era considerado um caso excepcional, com domínio das línguas e gramáticas inglesa e italiana, além de um profundo conhecimento literário para a idade. Daí, a sua ascensão científica e cultural foi vertiginosa, e Salvatore se tornou um conhecedor profundo de Literatura Italiana e Mundial, História, Geografia, Matemática e Biologia, além de haver aprendido francês, espanhol e alemão. Não foi com surpresa que ele já morando em Reggio di Calabria, foi contratado para organizar, dirigir e ensinar no Centro Educacional de Artes e Ciências da Cidade, instituição fundada e subvencionada pelo Império Fausto Baroni, para administrar a educação dos empregados de Baroni e de seus respectivos dependentes. Só da doença de Tourette, não havia registro na vida de Salvatore Foscolo, isto é, quando e em quais circunstâncias havia se iniciado.

Quando Sandrina Baroni alegou enfado e falta de estímulo pela dificuldade de acesso à cultura e às artes, a Salvatore Foscolo ela foi enviada por Fausto. E entre os dois nasceu uma atração e admiração mútuas, que progrediu a passos muito rápidos para a paixão desenfreada e, finalmente, amor cego. Sandrina via em Salvatore tudo aquilo pelo qual havia sonhado por toda a adolescência, e era tão grande o seu arrebatamento e enlevo que nem ao menos notava os traços físicos deploráveis, as grosseiras palavras balbuciadas e os grotescos tiques nervosos de Salvatore. Nele, ela só via o homem gentil e culto, que passava horas recitando poemas e lendo textos maravilhosos, alguns deles de autoria própria, que a ela soava como as sinfonias mais



melodiosas. Do amor platônico, desprovido de malícia, o romance de Sandrina e Salvatore transformou-se em puro pecado. Faziam amor em qualquer local, nas salas de aula, na biblioteca ou nos banheiros do centro educacional, aproveitando o fato de que à noite, quando lá se encontravam, as dependências do centro educacional estavam desertas. O calor e a volúpia, no entanto eram tão intensos que o casal arriscava tudo, não se importando em serem descobertos no ato sexual. Não foram, porém, descobertos, pois, conhecendo o tipo asqueroso feito por Salvatore, Fausto Baroni não tinha a menor preocupação de saber como Sandrina passava o tempo que dividia com Salvatore no centro educacional, a pretexto de estudar e, assim sendo, nunca se preocupou em checar o casal.

Sandrina e Salvatore iniciaram o romance aos 21 e 34 anos de idade, respectivamente, e o idílio já ia avançado no seu oitavo mês de existência, quando o casal concluiu que o único modo de conseguir concretizar a união desejada por ambos, mantendo a integridade física e a vida, seria a fuga para muito longe, para outro país, remoto o suficiente a fim de impedir o alcance das mãos gigantescas da “Grande Família”.

Salvatore Foscolo era um homem voltado para a educação, ciências e artes. Não conhecia violência, e nunca, ao menos, havia olhado para um revólver em toda a sua vida. Ele, entretanto, tinha um primo do lado paterno que era um renomado “gangster” em Nápoles. Fulvio Foscolo era um bandido desalmado, assassino e ladrão, já com imensa dívida na Justiça. Trabalhava para si mesmo, sem ligação definitiva com quaisquer organizações criminais, muito embora praticasse uma criminalidade mercenária, vendendo seus serviços de exímio pistoleiro a todo aquele que pagasse o seu preço, sempre muito alto. Frio e calculista, só tinha uma paixão na vida, o velho pai, sapateiro aposentado que vivia adoentado nos arredores de Nápoles. Por causa do pai, adorava também o tio paterno e seu filho, Salvatore, com quem sempre mantinha contato.

Foi a Fulvio que Salvatore recorreu, pedindo ajuda. Contou o romance que vivia com Sandrina, o amor que devorava as duas almas,

a necessidade de iniciar uma vida em comum com a amada num país distante, o risco que os dois corriam, caso o romance viesse a ser descoberto, e a impotência que ele, Salvatore, sentia em resolver o problema por iniciativa própria. Fulvio pediu um tempo para pensar, elaborou um plano de fuga e deu instruções detalhadas que deveriam ser seguidas à risca por Salvatore e Sandrina.

No dia 16 de maio de 1947, Salvatore Foscolo solicitou uma ausência do centro educacional com o objetivo de visitar um tio enfermo, que aguardava a morte em Nápoles. Cinco dias depois, Sandrina Baroni, acompanhada do motorista e de um guarda-costas, iniciou uma breve viagem de férias a Catanzaro, onde iria visitar os pais durante uma semana. O destino final de ambos, entretanto, era o Brasil.

“**T**odos parados. Não se movam... Mantenham as mãos para o alto, onde eu possa vê-las.”  
“Mãos para o alto, seu filho da puta...”

O tiro saiu do Colt 38 de Fulvio, estilhaçou o para-brisa no lado esquerdo e explodiu o crânio de Paolo, o guarda-costas. O seu corpo foi projetado para trás, bateu contra o assento do Buick e caiu inerte sobre o painel do carro, a sua cabeça ensanguentada projetando-se para o lado de fora do parabrisas. A pistola, que havia retirado do coldre em sua axila esquerda, caiu no tapete do carro. O motorista e Sandrina permaneceram imóveis, mudos, com as mãos tocando o teto do Buick.

Fulvio, rapidamente, abriu a porta traseira do lado direito do Buick e sentou-se ao lado de Sandrina, encostando o cano frio de seu 38 na nuca do motorista.

“Continue em frente pela estrada e vire na primeira estrada à direita. Mova, vamos, seu viado.”

A suposta viagem de Sandrina a Catanzaro corria muito bem até o momento em que foram interceptados por Fulvio e seus homens. Haviam deixado Reggio di Calabria às três horas da tarde, na sexta-feira, dia 21 de maio, e, por ordem de Sandrina, haviam parado para dormir, ainda no começo da noite, num hotel da pequena localidade de Delianuova. No dia seguinte, reiniciaram viagem, mas fizeram pouco progresso, pois Sandrina solicitou que parassem diversas vezes naquela estrada tortuosa, alegando se sentir muito indisposta. Assim, o sábado já ia para o seu final, a noite já se havia feito presente, quando em uma curva da estrada deserta, a poucos quilômetros de Serra San Bruno, o caminho foi fechado pelo Ford preto, no qual estava Fulvio, e mais um capanga na direção. Outro carro, com dois homens, que estava parado à beira da estrada, abordou o Buick por trás, impedindo qualquer manobra de fuga.

O Buick, seguido pelos dois Fords, tomou a estrada à direita, em direção a Stilo, mas alguns quilômetros depois, numa ponte sobre um vale que se encontrava a 400 metros de profundidade, na localidade de Passo di Pietra Spada, Fulvio deu ordem de parar. O motorista encostou

o Buick para fora da estrada, freou e foi imediatamente baleado na cabeça por Fulvio, com seu corpo caindo sobre o volante. Os dois carros, que seguiam o Buick, encostaram logo atrás.

“Por favor, madame, passe para o carro de trás.”

“Lorenzo, traga a Rita.”

Uma Sandrina, em choque, foi retirada do Buick, colocada no banco traseiro do Ford preto, parado imediatamente atrás, e viu o seu lugar no Buick ser tomado por uma mulher magra, mais ou menos de sua altura. O rosto da mulher era irreconhecível, pois parecia uma massa avermelhada, tal a quantidade de sangue que a cobria. A mulher deveria estar morta, ou, pelo menos, em coma, a julgar pelo fato de que não se movia e não oferecia a menor resistência.

Ela chamava-se Rita e era uma jovem prostituta, conhecida das ruas de Nápoles. Há três dias tinha desaparecido, após ser vista conversando com dois homens que estavam em um carro preto. Rita havia entrado no carro, ali no centro da cidade, e depois ninguém mais a viu.

Quando conversou com Salvatore, Fulvio pediu uma descrição física detalhada de Sandrina. Conversando com o capanga, Lorenzo, este disse que algumas vezes dormia com uma jovem que correspondia, mais ou menos, a descrição de Sandrina. Foi fácil para Fulvio e Lorenzo localizarem Rita, em seu ponto habitual, atraí-la com uma proposta compensadora com o pretexto de participar de uma festinha íntima, mantê-la presa por três dias, e matá-la, naquele sábado, com um tiro no rosto.

O Buick com os três cadáveres em seu interior foi embebido de gasolina, queimou por completo e empurrado para o precipício.

O resgate foi dificultado pela inacessibilidade do local, e a polícia, tão logo tomou conhecimento do provável tipo de carro e da sua placa, avisou Fausto Baroni.

Fausto tomou um terrível choque. Ele amava Sandrina, e a havia perdido. Impediu que o que restou da ex-mulher, um corpo aos pedaços

e completamente carbonizado, fosse submetido a necropsia. A causa da morte dos três passageiros do Buick era evidente. Os três haviam sido assassinados a tiros e depois queimados, junto com o carro, e atirados no abismo.

Sandrina, ainda em choque, foi levada para Nápoles, onde Salvatore a esperava, ansioso.

Fausto tinha certeza de que o assassinato da mulher e dos dois empregados havia sido obra do clã inimigo, os Avancini, que lutavam em inferioridade pela hegemonia do comércio ilegal em Reggio di Calabria, e ordenou a destruição completa da família Avancini, iniciando-se uma sangrenta guerra, que tomou conta não só da cidade como também de toda a província da Calabria.

A suposta morte de Sandrina, entretanto, representou o primórdio da queda do Império Fausto Baroni. Conta-se que, apossado de melancolia e depressão profundas, Fausto, mediante várias decisões errôneas, viu o seu poderio ruir, e teria levado a família Mingazzini a completa falência na Calabria, se esta não houvesse enviado outro chefão para substituí-lo. Fausto morreu três anos mais tarde, num hospital psiquiátrico de Palermo, de um aparente suicídio, no qual, dizem, haver sido auxiliado pelo filho mais velho, penalizado com o sofrimento do pai. Fausto nunca soube da verdadeira história de Salvatore Foscolo e Sandrina Baroni. Ele, também, ignorou completamente o desaparecimento eterno de Salvatore. E, provavelmente, teria permitido a realização da necropsia no suposto corpo de Sandrina, se soubesse que a menstruação da mulher falhara em vir pelo segundo mês consecutivo.

“**E**scute, primo. É preciso que você preste atenção às instruções. A viagem é longa, acidentada e perigosa. Não há lugar para falhas.”

“Foda-se... Filho da puta... Foda-se... É importante, Fulvio, que eu não passe pela Sicília. Lá, há muita gente que conhece a Sandrina, e que poderá reconhecê-la.”

“Ora, primo, você sabe que não sou estúpido. Por que haveria de enviar vocês à Sicília? Não sou imbecil. Não, a viagem não inclui a Sicília. Agora preste atenção.”

Fulvio conhecia os problemas do primo Salvatore, inclusive os de saúde, por isso não se abalava com os improperios vociferados periodicamente por Salvatore.

“Fiz a reserva para vocês no barco que sai daqui há três dias, no dia 28, para Cagliari. Mas vocês não chegarão até Cagliari. Após dois dias de viagem, o barco fará uma parada no Porto de Arbatax, Tortoli, na Sardenha, para abastecimento, antes de seguir viagem para Cagliari. Em Arbatax, vocês devem abandonar a viagem. Um dos homens ligados a mim, chamado Manfredini, estará a sua espera, para conduzi-los de carro a Baunei, onde não há mais estrada.”

“Filho da puta... Puto... Foda-se... Vou poder confiar inteiramente nesse tal de Manfredini?”

“Pode, primo. É homem meu, de absoluta confiança. Trabalhamos juntos há muitos anos.”

“Foda-se... Foda-se... Puto... OK. E depois?”

“Depois, primo, vem a pior parte da viagem, em minha opinião. É o trecho que não poderá ser feito por qualquer tipo de condução. É a travessia do Sopramonte, onde não há estradas. Portanto, a travessia deverá ser a pé. Olhe aqui, no mapa. De Baunei, vocês deverão seguir paralelamente ao Golfo de Orosei, em direção a Cala Gonone, onde devem virar em noventa graus para o interior até Oliena. É uma travessia difícil, em terreno montanhoso. Vocês devem andar entre quinze a vinte dias para chegarem a Oliena. Levem pouca bagagem, só mesmo o indispensável. E não conversem muito com estranhos.”

“Foda-se... Filho da puta... Acho que vai dar. O que acha, Sandrina?”

“Vai dar, com certeza. Podemos ir devagar. Vamos conseguir... temos que conseguir. Não há escolha, nesse momento.”

“Foda-se... Foda-se... E então, Fulvio? Continue.”

“Após chegarem a Oliena, é possível conseguir condução, ônibus, carro, qualquer coisa, para o norte. Vocês devem ir para Santa Tereza di Gallura, no extremo norte da Sardenha. Daí, apenas algumas horas de barco no Estreito de Bonifacio, e vocês estarão em território francês.”

“Foda-se... Filho da puta... Vamos precisar de passaportes. Eles não nos deixarão pisar na Córsega sem passaporte.”

“Vamos deixar isto para o final, primo. Está tudo arranjado. A gente fala sobre isto depois. O importante é compreender e memorizar o percurso para evitar falhas.”

“Puto... Foda-se... Filho da puta... OK, continue.”

“Em Bonifacio, ajam com rapidez. Vocês terão que seguir para Bastia. Como? Não importa, carona, ônibus, cavalo, ... O que estiver disponível.”

“Foda-se... Foda-se... Entendido. Continue.”

“Em Bastia, tenho informações seguras, que sai diariamente um barco de passageiros para Marseille. Procurem achar lugar para vocês, no primeiro barco disponível. A travessia demora três dias. Quando vocês chegarem a Marseille, procurem este endereço. É um “puteiro”. Procurem pelo dono, falem que vieram a mando do Fulvio, o ‘napolitano’. O dono é amigo meu, homem de inteira confiança. O nome dele é Pierre Lloreaux. Me deve favores, pois fiz uns servicinhos para ele, aqui na Itália, no passado. Entregue a ele este bilhete. Depois disso, façam o que ele mandar, OK?”

“Puto... Foda-se... Filho da puta... OK. Mas, e aí? Você sabe que queremos ir para o Rio de Janeiro, no Brasil. Será que vamos conseguir?”

“Estou explicando tudo ao Pierre no bilhete. Ele vai saber do destino de vocês. Ele recebe muito “marujo” no “puteiro”. Você sabe,

são clientes. O que estou pedindo é que ele arranje dois espaços num cargueiro que saia com destino ao Brasil. Mesmo que não vá para o Rio de Janeiro, quando chegarem ao Brasil, será fácil para vocês procurarem o destino. ”

“Foda-se... Foda-se... Puto... Claro. O importante é chegar ao Brasil.”

“É isso, primo. Agora, pense bem, vai ser duro para a Madame Sandrina. ”

“Não se preocupe comigo, Fulvio. O pior já foi feito, que foi nos livrar de Fausto. Agora, só depende da gente, conseguiremos, tenha certeza.”

“Ótimo. Com este espírito, madame, tenho fé que irão conseguir. Acredito que devam levar de três a quatro meses até chegar ao Brasil. Aqui neste embrulho tem uma quantia, que coloquei junto para vocês. Deve ser o suficiente, de qualquer modo, procurem economizar. Viajem à noite, sempre que for possível, pois é menor a chance de alguém reconhecê-los à noite. A documentação está aqui. Consegui, com um amigo meu, uma certidão de casamento, Tomem cuidado, pois é falsa, de Salvatore Foscolo e Sandrina Fachetti. Nela você passou a se chamar Sandrina Foscolo. Como disse, é falsa, vocês devem ver se é possível regularizar a situação de vocês no Brasil. E aqui estão os dois passaportes para Salvatore e Sandrina Foscolo. Os passaportes são autênticos, pois foram emitidos por um amigo meu que trabalha para o governo. Com eles, vocês não terão problemas. Entenderam todo o plano? ”

“Puto... Foda-se... Filho da puta... Está entendido, primo. Vamos agora, memorizá-lo. Não sei o que dizer. Acho que lhe devemos a vida, a felicidade. Obrigado, Fulvio. ”

“É mesmo, Fulvio. Muito obrigado, de coração. Já te considero primo, também. Sabe, no início, fiquei muito assustada; chocada é o termo mais adequado, com toda a violência que presenciei. Mas, de qualquer maneira, muito obrigado. ”

“Era necessário, madame...”



“Por favor, me chame Sandrina, primo, você...O que você deseja, mas pare de me chamar de madame. ”

“Claro, desculpe-me. Era necessário, Sandrina. Se as coisas não fossem feitas do modo que o foram, hoje teríamos todo o exército de Fausto Baroni em nossos calcanhares. Tive que agir como o fiz, a fim de ludibriá-lo, para pelo menos ganharmos tempo para que a fuga de vocês se concretize. ”

“Foda-se... Filho da puta... Entendemos tudo e vamos esquecer o que passou, Fulvio. Só não conseguiremos esquecer você, primo, nosso salvador. Tem certeza de que você não sofrerá as consequências, quando o Fausto descobrir o que aconteceu? ”

“Não se preocupe comigo, primo. Me defendo com presteza. Se ele vier a descobrir, vamos decidir isso aqui em Nápoles, que é o meu terreno. Ele não terá boa vida, pode ter certeza. O que vocês têm a fazer agora é concentrar, estudar e memorizar o plano, fugir para o Brasil e procurar ser feliz. Que Deus os acompanhem. ”

“Foda-se... Filho da puta... Foda-se... Obrigado, primo. ”

“Obrigada, primo Fulvio. Fique ciente, o nosso primeiro filho chamar-se-á Fulvio. Salvatore e eu lhe mandaremos uma foto. Obrigada, de coração.”

Vocês já sabem que Fausto Baroni nunca descobriu o complô, e Fulvio Foscolo não teve que se explicar com a ‘Grande Família’. Salvatore e Sandrina Foscolo deixaram Nápoles no dia 28 de maio de 1947, uma sexta-feira, com destino à Sardenha. Fulvio, por acaso, naquele momento, estava contribuindo com o enriquecimento da história criminal do Brasil.

**T**udo correu bem, melhor inclusive do que previra Fulvio, embora a viagem houvesse durado seis meses para chegar ao final.

Um fato ocorreu, porém, que não constava da programação inicial. Na Sardenha, no caminho montanhoso, na Região do Sopramonte, a uns seis ou sete quilômetros após haverem deixado o povoado de Baunei, o casal encontrou em meio a floresta uma bucólica igreja, a Igreja Campestre di San Pietro.

Na concepção religiosa de Salvatore e Sandrina, pouco importava o fato de que a união deles havia sido estabelecida por um documento falso. Se a união fosse aprovada e realizada perante Deus, a consciência de ambos estaria definitivamente livre de qualquer pesar ou culpa. Foi, então, que se propuseram voltar os seis ou sete quilômetros que já haviam vencido, a fim de contratar o Padre Bruno Chedid, pároco de Baunei, para a realização da cerimônia matrimonial na Igreja di San Pietro. A caravana, constituída por Salvatore, Sandrina, Padre Chedid e um jovem pastor de 14 anos, sacristão nas horas vagas, retornou a pé até o templo campestre, onde a cerimônia foi realizada. Transcorria o dia 7 de junho de 1947.

“Senhor Salvatore Foscolo, aceita a Senhorita Sandrina Fachetti como esposa, jurando ser fiel e honrá-la nos bons e maus momentos, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na miséria, na saúde ou na doença, e na vida e na hora da morte, que Deus os proteja?”

“Foda-se... Foda-se... Filho da puta... Sim... Sim, aceito.”

“Senhorita Sandrina Fachetti, aceita o Senhor Salvatore Foscolo como marido, jurando ser fiel e honrá-lo nos bons e maus momentos, na alegria e na tristeza, na riqueza e na miséria, na saúde ou na doença, e na vida e na hora da morte, que Deus os proteja?”

“Sim.”

“Eu, então, os declaro marido e mulher.”

Finalmente estavam unidos diante de Deus, que era, segundo o casal, o que mais importava. Salvatore Foscolo e a então Sandrina Foscolo esbanjavam felicidade.

Padre Bruno Chedid também estava feliz. Havia, entretanto, desconfiado e achado estranho que aquele fiel houvesse pronunciado palavras horrorosas, verdadeiras ofensas, no interior da Casa Divina. Mesmo assim, porém, não questionou Salvatore. Prosseguiu com a cerimônia, já que Salvatore estava pagando uma pequena fortuna, logo em um local onde os casamentos eram celebrados gratuitamente. E por aquelas trinta liras, pagas adiantadamente, por Salvatore, Padre Chedid, de descendência libanesa, casaria a Virgem Maria com o próprio Satanás, se necessário fosse.

O jovem pastor Paolo havia, também, achado estranho os xingamentos de Salvatore, mas não se deixou irritar por eles. Pelo contrário, até apoiou os xingamentos, pois pareciam ser dirigidos ao pároco, com quem estava zangado, pois Padre Chedid lhe havia aplicado sete dias atrás, uma surra com vara de marmelo, ao surpreender Paolo se masturbando no alto de uns caixotes, enquanto olhava, pela janela de ventilação do banheiro, a volumosa arrumadeira da igreja local, Julieta, quando esta limpava seu vasto traseiro, após evacuar.

Em Marseille, o casal Foscolo ficou hospedado num dos quartos do puteiro de Pierre Lloreaux do dia 15 ao dia 26 de agosto, quando embarcaram no cargueiro norueguês, que deixou o Porto de Marseille, com destino ao Rio de Janeiro. Inicialmente, tiveram dificuldades em convencer o capitão do navio a levá-los a bordo, em razão da gravidez de Sandrina, que havia completado cinco meses. Salvatore o convenceu, prometendo trabalhar duro a bordo, para pagar a chance de viajar e as passagens dos dois. E, realmente, trabalhou duro nos três meses seguintes. O cargueiro “King Olaf II” entrou na Baía de Guanabara e atracou no Porto do Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1947.

Salvatore e Sandrina Foscolo deixaram o cargueiro em procura do Morro do São Carlos, no Estácio de Sá, onde tentariam encontrar uma irmã do pai de Salvatore, a Senhora Vincenza Leporaci. Marcello Fulvio Foscolo veio ao mundo no dia 16 de dezembro de 1947. E a vida no Morro do São Carlos nunca mais foi a mesma.



PARTE II

MARCELLO FOSCOLO



Salvatore e Sandrina foram muito bem recebidos pela família Franceschini. A tia de Salvatore, Vincenza, não existia mais, houvera falecido há uns quatro anos. Sua filha única, Catarina, porém, ainda morava na mesma casa, outrora de propriedade da mãe, na Travessa do São Carlos, ali residindo com o marido, o jornalista Gennaro Franceschini, e seus quatro filhos menores. Não foi difícil localizar a residência dos parentes, visto que tanto Gennaro quanto Catarina eram figuras muito populares e queridas no Bairro do Estácio de Sá.

Catarina não trabalhava fora. Dedicava o seu dia aos afazeres domésticos e à vigilância em relação aos quatro filhos. Excelente cozinheira, fazia diariamente uma cota de aproximadamente 500 pastéis com recheio de carne moída, queijo parmesão e batata, que eram vendidos na sua totalidade para os dez bares e mercearias do bairro. No início, começou a fazer estes pastéis como brincadeira, distribuindo entre os vizinhos, mas eles se tornaram tão populares e requisitados pelos comerciantes locais que passaram a ser, de uma simples brincadeira, uma importante fonte de renda para a família Franceschini. Poderia, se assim desejasse, aumentar a produção e ultrapassar os limites do bairro, mas Catarina, obsessiva em manter pleno domínio de sua vida, preferia conservar um negócio menor, artesanal, e assim limitava a produção às 500 unidades por dia. Para preservar a rotina da produção acordava todos os dias às 4 horas da manhã, pois os pastéis teriam de ser distribuídos até as nove horas, com exceção dos domingos, que eram dias de folga, dedicados a sua grande fé católica. Além da indústria dos pastéis, Catarina cozinhou para a família, levava e buscava os quatro filhos na escola e arrumava a casa de 11 cômodos. Como gostava de uma intriga de vizinhança, Catarina ainda encontrava tempo para uns pequenos fuxicos domésticos. Religiosamente, porém, às nove horas da noite, se recolhia ao quarto e dormia profundamente até às quatro da manhã seguinte.

Gennaro não compartilhava dos afazeres domésticos, e só quando requisitado interferia, geralmente de maneira intempestiva e violenta, na criação dos filhos. Desde que chegou ao Rio, há 20 anos, proveniente de

Milão, trabalhava no ramo de vendas de jornais e revistas. Inicialmente, mourejou como empregado para um 'patrício', tomando conta de uma banca de jornais na Avenida Mem de Sá, esquina com a Rua do Riachuelo. Logo após, no entanto, conheceu Catarina. Casaram-se, e com as economias que havia feito, mais a ajuda substancial dada pelos sogros, adquiriu uma banca de jornais, localizada no Largo do Estácio, na esquina da Rua de São Carlos. Recentemente havia adquirido a segunda banca, esta na esquina da Rua Sampaio Ferraz com Haddock Lobo, ponto excelente. Trabalhava das quatro horas da manhã até as oito da noite, diariamente, exceto aos domingos, quando fechava a banca ao meio-dia, ia para casa para comer a saborosa macarronada de Catarina, e se dirigia mais tarde, junto com os amigos, para o Maracanã, onde assistia aos jogos de futebol do Clube de Regatas do Flamengo, time que seu coração adotara pela semelhança das cores com o seu adorado Milan. Seus passatempos eram os jogos de buraco e sueca, nos sábados e domingos à noite, assim como alisar, às escondidas, o maravilhoso traseiro de sua jovem empregada Mercedes, uma pretinha bonita de 17 anos.

Por demais hospitaleiros, Gennaro e Catarina realmente agradeceram a Deus a inesperada chegada dos primos Salvatore e Sandrina, pois ela representou um descanso para eles. Tanto Salvatore quanto Sandrina se mostraram pessoas deveras confiáveis, saudáveis, otimistas quanto ao futuro e prontos para o trabalho. Não tiveram problemas em aprender português, e, então, Catarina passou a contar com a ajuda doméstica de Sandrina, e Salvatore foi gerenciar a banca de jornais recentemente adquirida por Gennaro. Foi perfeita a união, amizade e convivência dos dois casais.

Inicialmente, Salvatore e Sandrina ocuparam um quarto na casa dos Franceschini, e ali, 20 dias após a chegada do casal Foscolo, nasceu Marcello Foscolo, amparado pela parteira, famosa no local, Dona Almerinda. Apesar da habilidade e experiência de Dona Almerinda, os quatro quilos e meio de Marcello valeram uma leve rutura do períneo de Sandrina, que posteriormente seria responsável pelo desenvolvimento de uma pequena fístula retovaginal, que obrigou Sandrina a se submeter a uma plástica de períneo, anos mais tarde.



O trabalho árduo, no entanto, fez a vida sorrir para Salvatore e Sandrina, e assim, dez meses mais tarde, com a ajuda financeira de Gennaro e Catarina, o casal Foscolo adquiriu um conjunto de seis pequenas casas, geminadas, no início da subida do Morro do São Carlos e em dezembro de 1948 mudaram para o novo endereço, Rua de São Carlos, 595, onde Marcello cresceu e viveu toda a sua turbulenta vida.

O Morro do São Carlos e o Bairro do Estácio de Sá de outrora mereceriam por si um livro descritivo. Representaram localidades românticas na Cidade do Rio de Janeiro, capazes de excitar nos seus habitantes os sentimentos mais variados e antagônicos, e vê-los crescer, por mais opostos que fossem, dentro de uma mesma pessoa. Lá, coragem e covardia, tristeza e alegria, rancor e carinho, amor e ódio, e dor e prazer se fundiam numa mesma personalidade, e, o que é mais estranho, algumas vezes afloravam juntos neste mesmo indivíduo, ditando suas ações, claro que, algumas vezes, de completa incoerência. Não foi por acaso que esta região se transformou no berço e na origem da poesia e da música popular brasileira. O Morro do São Carlos e o Estácio de Sá abrigaram poetas e compositores que outrora faziam chorar ao som de suas obras e que hoje são lembrados com saudade e veneração.

É em homenagem a este berço de amor e romantismo que as próximas linhas deste capítulo serão dedicadas a uma descrição de cunho geográfico do Bairro e do Morro, que ajudarão no entendimento dos fatos que lá aconteceram. Junto com a geografia, um pouco dos aspectos social, econômico, e, até mesmo, cultural dos seus habitantes serão brevemente expostos, esperando que eles ajudem na compreensão e, até mesmo, na justificativa dos atos grandiosos ou inexpressivos, criminosos ou altruístas, românticos ou odiosos, heroicos ou covardes, e piedosos ou vingativos dos habitantes do local, todos, direta ou indiretamente, personagens com papéis de variados níveis de atividade, deste romance.

O coração do Bairro do Estácio de Sá era o Largo do Estácio. Era o centro pulsante que bombeava energia para as seis ruas que se desprendiam do largo. Era no Largo do Estácio que estava localizado o principal comércio do bairro, com o supermercado Casas da Banha, o Posto de Gasolina Esso, o armazinho Me Veste, a farmácia, o açougue do seu Nino, a padaria e leiteria do português Fernando, o caldo de cana, a banca de jornais do italiano Gennaro e o Hospital da Polícia Militar. No Largo do Estácio circulavam, diariamente, milhares de pessoas que, pela manhã, procuravam os pontos de bonde e ônibus,

que os levavam para os locais de trabalho e estudo nas zonas norte e sul do Rio de Janeiro, e que no final da tarde fervilhavam no largo, no regresso ao lar.

Do Largo do Estácio emergiam ao norte a Rua do Estácio, ao sul as Ruas Salvador de Sá e Frei Caneca, ao leste a Rua Pereira Franco, e ao oeste a Rua Maia Lacerda, e, mais ao sul, paralela à Maia Lacerda, a famosa e temida Rua de São Carlos, que corria em direção oeste e ao céu, para formar o local de residência de milhares de famílias, o berço do samba, do amor, do vício e do crime, o famoso Morro do São Carlos.

A importância da Rua do Estácio estava no fato de que ligava o Largo do Estácio com o largo onde se encontrava a paróquia religiosa do bairro, a Igreja do Divino Espírito Santo, dirigida, despoticamente, por muitos e muitos anos, pelo Padre Néelson, homem enérgico e disciplinador. Do Largo da Igreja emergiam duas ruas, a Haddock Lobo, que ligava o Estácio de Sá à Tijuca, e a Rua Joaquim Palhares, que ligava o Estácio à Praça da Bandeira e a Estação Ferroviária da Leopoldina, de onde saíam trens para alguns subúrbios do Rio de Janeiro, assim como para a Zona da Mata Mineira.

Ao sul do Largo do Estácio, as Ruas Salvador de Sá e Frei Caneca divergiam, inicialmente, para se juntarem, posteriormente, formando a Avenida Mem de Sá, ligando o Estácio de Sá à Praça Tiradentes. Na Rua Frei Caneca, entre o Estácio de Sá e o Bairro do Catumbi, ficava localizada o imenso complexo da Penitenciária Lemos de Brito, que retirava, periodicamente, e injetava, frequentemente, habitantes no Morro do São Carlos, tal era a frequência de fugas de presos da penitenciária que procuravam abrigo nos Morros do São Carlos, Catumbi ou Querosene. Da Rua Salvador de Sá vinha uma viela, onde se localizava o Clube Colégio, onde grandes “peladas” de futebol aconteciam, e se realizavam os ensaios monumentais da Escola de Samba Unidos do São Carlos, próximos à época do carnaval.

A Rua Pereira Franco deixava o Largo do Estácio em direção leste, e conectava o Estácio de Sá à Avenida Presidente Vargas, principal artéria do Rio de Janeiro. Logo na embocadura da Rua Pereira Franco,

no Largo do Estácio, estava o Cinema Colombo, conhecido “poeira”, que mostrava filmes populares, tais como o antigo e famoso filme espanhol “Marcelino Pão e Vinho”, e o velho clássico estadunidense “E o vento levou”. A instituição que deu fama à Rua Pereira Franco, no entanto, foi a imensa “Zona”, como era conhecido o enorme local de prostituição, o principal do Rio de Janeiro. Era constituída de centenas de casas velhas, com vários pequenos cômodos em cada uma delas, onde centenas de mulheres, brancas ou pretas, magras ou gordas, bonitas ou feias, jovens ou maduras, disputavam clientes. Elas ficavam aglomeradas nas portas das casas, atraindo os clientes, que circulavam pelo local, com palavras, sinais e gestos.

Ào oeste, a insossa Rua Maia Lacerda saía do Largo do Estácio, no lado norte do Posto de Gasolina Esso, com leve inclinação para cima, ligando o Estácio de Sá ao Bairro do Rio Comprido. Paralela à Rua Maia Lacerda, separada desta pelo posto de gasolina, a padaria e o caldo de cana, saía do Largo do Estácio a famosa e culturalmente rica Rua de São Carlos, que abrigava milhares de residentes, trabalhadores, estudantes, donas de casa, artistas e criminosos, todos atores neste palco encantado do Estácio de Sá. A Rua de São Carlos e seus residentes serão o enfoque dos próximos parágrafos.

Logo no início do plano inclinado, havia o ponto de táxi, que fazia o serviço de lotação entre o Largo do Estácio e o ponto mais alto do Morro do São Carlos. Era um serviço da maior utilidade para todos aqueles que viviam no ponto mais alto do morro, principalmente os idosos e aqueles acometidos de enfermidades. As “camionetes” subiam em direção ao morro usando a Rua Laurindo Rabelo, já que a Rua de São Carlos, após um longo trecho, tornava-se intransitável para automóveis.

Na Rua de São Carlos, na esquina com a Rua Laurindo Rabelo, encontrava-se a “Fortaleza” do jogo do bicho, que será citada com grande frequência e detalhes no decorrer desta história.

Continuando com a descrição geográfica do Morro do São Carlos, outro ponto importante é o Botequim do Baixinho, como

era conhecido o cidadão Agenor Fagundes Alvarenga, dono do bar. O botequim, que ficava localizado na Rua de São Carlos, em frente à “Fortaleza”, era freqüentadíssimo pela sociedade boêmia do Morro do São Carlos, que adorava os prazeres do álcool e do jogo de sinuca. O Botequim do Baixinho presenciou e, por que não dizer, foi palco de numerosos crimes cometidos no bairro.

Logo após a “Fortaleza”, a Rua Laurindo Rabelo deixava a Rua de São Carlos, à esquerda, formando com esta um ângulo de 90 graus. Ela subia de maneira mais íngreme que a São Carlos, fazia uma curva à direita, em forma de joelho, e continuava para cima até o cume do Morro do São Carlos, local que recebia o nome de Largo da Bica, pela existência no local de uma enorme caixa d’água com uma grande torneira, que era usada como manancial de água pelos moradores do morro. A Laurindo Rabelo, no seu trecho entre a curva à semelhança a um joelho e o Largo da Bica, era conhecida popularmente como “Rua do Morro”.

A Rua São Carlos continuava o seu trajeto em direção ao céu, e entre a Rua Laurindo Rabelo e a Travessa do São Carlos, onde moravam os Franceschini, existia a escola primária do bairro, a famosa Escola Canadá, instituição mantida pelo Governo Municipal e que recebia um auxílio acanhado do consulado canadense, no Rio de Janeiro. Na Escola Canadá, com seu prédio de três andares, estudaram e concluíram o curso primário todas as crianças, com raras exceções, do Bairro do Estácio de Sá.

Depois da saída da Travessa do São Carlos, a rua subia e era cortada por uma rua íngreme, apenas para pedestres, a Rua São Roberto, que ligava a Rua Maia Lacerda à “Rua do Morro”. Após o cruzamento da São Roberto, encontrava-se um grande depósito de lixo, a “lixreira”, onde os moradores colocavam, diariamente, o lixo, e que era esvaziada, precariamente, uma vez por semana, pelos lixeiros da Prefeitura. Em frente à lixeira, descia um caminho de pedras que desembocava num campo gramado, o “Campinho”, onde as crianças e adolescentes se reuniam para as chamadas ‘peladas’ de futebol. O “Campinho” era

também usado como ponto de encontro, a fim de fumar maconha, e era ladeado, à esquerda, pelo “randevu” da Dona Carlota, uma velha francesa que morava em uma enorme casa, e que alugava quartos a preços bem acessíveis a casais em procura de um local para fazer amor. À direita do “Campinho”, havia um barranco, que foi de fundamental importância na iniciação sexual dos meninos do morro, e o barraco da Rutinha, uma mulher com uma moderada deficiência mental, e que também contribuiu para o desenvolvimento da experiência sexual dos jovens do morro.

Depois da lixeira, começava o Morro de São Carlos, propriamente dito, e a rua se tornava de inteiro uso de pedestres, subia íngreme, sempre virando-se imperceptivelmente para a esquerda, com o caminho calçado com pedras e ladeado por matagal, até se encontrar com a “Rua do Morro”, no Largo da Bica. No largo, havia um posto policial, vigiado por dois policiais sonolentos, e a quadra de ensaios da Escola de Samba Unidos do São Carlos, agremiação que desfilava entre as grandes escolas de samba, na segunda-feira do carnaval do Rio de Janeiro.

O conjunto de casas adquiridas pela Família Foscolo ficava bem no início da subida do Morro do São Carlos, no lado esquerdo, a uns 300 metros da lixeira. A Família Foscolo juntou três das seis casas e fez destas três casas a residência onde cresceu Marcello. As três casas restantes eram alugadas, por preço bem acessível, a três famílias amigas.

As crianças do morro, incluindo Marcello Foscolo, cresceram dividindo o seu tempo, diariamente, entre a Escola Canadá, onde passavam estudando apenas uma parte do dia, manhã ou tarde, dependendo do grau de escolaridade, e as brincadeiras que consistiam das “peladas” futebolísticas no “Campinho” ou soltando pipas, e para tal finalidade usavam o topo da enorme pedreira, que se erguia ao lado da casa de Marcello Foscolo.

As “peladas” no “Campinho” eram interrompidas com frequência para dar lugar às experiências sexuais das crianças e adolescentes. De início, usava-se uma mula que costumava fazer

ponto pastando no gramado do “Campinho”. Usando-se como recompensa tufo de capim, a mula era conduzida para a beira do barranco, onde em fila os adolescentes, de pênis armado, esperavam a vez de penetrar o canal vaginal do dócil animal. Depois foi descoberto que, em vez da mula, poder-se-ia usar a Rutinha “Maluquinha” para o mesmo fim. E, então, uma fila de crianças e adolescentes esperava pacientemente a vez de penetrar a vagina da “Maluquinha”, que, tal qual a da mula, era molhada e igualmente inosso. A terceira atividade era a competição de masturbação, o “campeonato de punheta”, na qual os jovens se envolviam com ardor, cada um querendo abocanhar o cobiçado título que conferia ao vencedor a fama de ser o indivíduo capaz de fazer amor mais vezes seguidas com uma mulher, “sem tirar de dentro”. Naquele tempo e para aqueles personagens, romance, amor, o jogo da excitação amorosa, nada disso contava e era importante. A “performance” sexual era julgada, tão somente, pela frequência dos atos sexuais.

Como expressei antes, o “Campinho”, com os seus esconderijos, era também usado por crianças, adolescentes e alguns adultos para a obtenção do prazer com o uso de drogas recreacionais, naquele tempo quase que praticamente limitado ao uso da maconha.

Antes de finalizar esta cansativa narrativa do morro, é necessário entender que, entre os seus habitantes, havia representação de várias classes sociais, que ia da classe média alta, como era o caso da família de Florisvaldo Menezes de Azevedo, o conhecido Fininho, “banqueiro” de bicho que explorava o jogo na “Fortaleza” do bairro, até a classe miserável, que morava em barracos de madeira, cobertos por lâminas de zinco. A maioria era constituída de pobres trabalhadores que alimentavam a família, às vezes imensas, com seus poucos salários mínimos. Gente honesta convivia com criminosos, que naquele tempo respeitava e, até certo ponto, protegia a população trabalhadora, de bem. Nesse ambiente, todos, sem exceção, ricos, remediados, pobres, miseráveis, brancos, mulatos, pretos, honestos e criminosos, conviviam, respeitavam-se e se ajudavam, vibravam juntos com os clubes de futebol do coração, dançavam juntos no esperado carnaval, choravam as

desgraças, brindavam o sucesso e, juntos misturavam suas lágrimas, o sangue e, até mesmo, as salivas e secreções genitais, na luta incansável pela vida.



No jogo das probabilidades, em relação ao nascimento e crescimento de Marcello Foscolo, venceu o improvável. Os que se familiarizaram com a história de Sandrina, sua vida sexual dupla no final do casamento com Fausto Baroni, sabendo que sua frequência sexual com Salvatore superava em muito, às vezes, naquele período, em que cedeu à busca de sexo por parte de Fausto, esperava ver no recém-nascido Marcello todos os traços de Salvatore Foscolo. O que porém, não sabiam e esperavam era o fato de que Salvatore era estéril.

Marcello trouxe ao mundo quase todas as características físicas de Fausto Baroni, sua pele morena bronzada, seu rosto longo, seus olhos grandes e castanhos, seu nariz grande e afilado, e seus cabelos pretos e cheios, que precocemente, na idade adulta, iniciaram o processo de se tornarem grisalhos. No decorrer dos anos, Salvatore e Sandrina observaram em completo silêncio, até mesmo entre si, aquela cópia de Fausto crescer e se tornar homem, por que não dizer, um pouco prematuramente.

Marcello não mostrava, entretanto, a beleza outrora exibida por Fausto Baroni, tudo por causa de um detalhe físico completamente desconhecido na anatomia do famoso mafioso da Calábria. A arcada dentária de Marcello era malformada, ou melhor, era formada de uma maneira singular. Seu sorriso era dominado pela presença dos dois enormes incisivos superiores, que se projetavam da boca, e que, associados ao pequeno tamanho dos dentes restantes, faziam pensar que Marcello só possuía aquelas duas unidades dentárias, fornecendo a ele uma imagem que lembrava aquela do então já famoso Coelho Pernalonga. Essa característica não representaria surpresa, entretanto, àqueles que conheceram Massimo Baroni, pai de Fausto.

Se fisicamente, porém, Marcello lembrava, e muito, o Fausto Baroni, foi na personalidade que a semelhança mais se acentuou. Desde cedo, se fizeram evidentes a argúcia, a inteligência, a ambição e o espírito de liderança daquele jovem. Nas brincadeiras de criança e nas “peladas” de futebol fazia-se sempre presente o dedo “mafioso”, líder e organizador, do garoto Marcello. Aquilo que não conseguia resolver ou

impor com palavras, o fazia com o emprego do seu privilegiado físico atlético, bem superior ao porte físico da garotada de sua faixa etária. E não era apenas a liderança que se realçava naquela personalidade em formação; o que poucos conseguiram apreender, se é que houve alguém que o tenha feito, é que no interior ,daquela alma líder, existia um coração déspota e impiedoso, que não titubearia em aniquilar sonhos e planos de outras almas inocentes ou conflitantes com os seus planos.

Em suma, em Marcello Foscolo, genética e meio ambiente se amasiaram para formar um “capo mafioso”, que, guardando as devidas proporções, tentou transformar o Morro do São Carlos e o Estácio de Sá na Calábria dos anos 1940.

Os primeiros anos de vida de Marcello foram os de filho único, cercado de amor pela mãe, que tentava protegê-lo do ambiente exterior, por demais nocivo, segundo ela, e ao mesmo tempo tentando protegê-lo das rabugices e intolerâncias de Salvatore.

Salvatore não tinha paciência com as estripulias de Marcello, e, partidário da criação rígida dos filhos, tentava desde o início subjugar a irrequieta criança, por meio de castigos físicos, que se mostraram infrutíferos.

Marcello, também, desde cedo, compreendeu que o pai passava a maior parte do tempo fora de casa e que, se aprendesse a usar, com inteligência, o amor de Sandrina, poderia transformá-la numa cúmplice de suas artimanhas. E, assim, cresceu e chegou à idade escolar sob a vigilância moderada da mãe, que dividida entre os afazeres domésticos e com o trabalho com Catarina, dedicava à vigilância do filho grande parte, mas não todo o seu tempo. Ao mesmo passo, Sandrina filtrava acuradamente todos os relatos sobre a conduta de Marcello, que deveriam chegar aos ouvidos de Salvatore. Só realmente chegavam a Salvatore as notícias negativas, as quais, Sandrina, julgando ser de cunho popular, sentia que seria impossível ocultá-las, mas, mesmo assim, procurava usar toda a sua maestria para modificá-las, minimizando-as tanto quanto possível.

Então, Marcello cresceu, mas a sua trajetória pela vida na fase de adolescência e vida adulta, nunca poderia ser imaginada baseando-se pelos seus primeiros cinco ou seis anos de vida, quando, apesar de se ter mostrado uma criança normalmente ativa e irrequieta, era sempre cercado de um amor maternal grandioso.

No final de fevereiro de 1955, já com sete anos completos, Marcello adentrou pela primeira vez o prédio da Escola Canadá, para iniciar sua vida escolar junto a outras 44 crianças de sua idade. As salas de aula das duas turmas da primeira série primária eram localizadas no terceiro andar da escola. E foi um acidente isolado, furtivo, ocorrido num momento inesperado, em um instante em que todas as crianças se projetavam pela escadaria com pressa e ardor, em direção ao refeitório

no primeiro andar, onde receberiam a sempre ansiosamente aguardada merenda escolar, que era o ponto de destaque do recreio no meio da manhã, que deu origem ao apelido pelo qual Marcello Foscolo ficaria sendo conhecido por todos aqueles que com ele compartilharam daquele período de seu desenvolvimento no Morro do São Carlos.

Marcello já estava cursando o final do primeiro ano escolar, quando, um certo dia, em meio à desesperada turba de crianças que se lançava escadaria abaixo em direção ao refeitório, no lance de escada localizado entre o segundo andar e o térreo, uma das crianças que estava iniciando sua louca descida, ainda no alto da escadaria, tropeçou e provocou uma queda generalizada que deve ter se assemelhado a uma avalanche, escada abaixo. O pobre Marcello já estava no ponto mais inferior da escadaria, quase tocando o piso do andar térreo, quando o seu avantajado físico serviu de suporte para aquela multidão de corpos de crianças que o “soterrou”. Marcello foi projetado para frente e para baixo, e sua face bateu no solo com grande impacto. Após o trabalho do grupo de socorro e resgate, no fundo da montanha de corpos infantis, foi encontrado um Marcello de boca ensanguentada, na qual imediatamente poderia se verificar a ausência de um dos seus gigantescos incisivos superiores, que havia se partido quase que junto à raiz, deixando na boca uma falha semelhante a um piano no qual a ausência de uma tecla branca é notada. Esta foi a única baixa física verificada em todo o grupo de crianças, vitimadas pelo acidente.

Sandrina levou Marcello a um dentista que, após cuidar do ferimento, verificou que o dente perdido já era parte da dentadura definitiva de Marcello, e que só poderia ser restaurado por uma prótese, que ele aconselhava esperar para ser realizada, até a definição completa da arcada dentária do jovem. Com isso, do aspecto dominador dos dois incisivos superiores, que pareciam ser, somente estes, os dentes que possuía, só restou a grotesca imagem de um dente gigantesco, então solitário, ao lado de uma grande falha na arcada dentária superior. A sua nova aparência levou Zequinha, conhecido poeta e repentista do morro, a se referir a Marcello sempre usando uma expressão interrogativa – “Onde vais tu, garboso infante?” E

assim, apesar da rejeição inicial de Marcello, o apelido se alojou na mente de todos os que o conheciam e que com ele interagiam, e, por interesse de economia de tempo e palavras, o apelido foi devidamente encurtado para “Garboso Infante”. Marcello assimilou o novo nome com graça e tranquilidade e, desde daquele momento todos que o conheciam mais intimamente, vizinhos, colegas de escola, colegas de diversão e vício, e amigos, anularam por completo de suas mentes Marcello Foscolo, fazendo nascer Garboso Infante.

**D**esde o início de sua vida escolar, Garboso Infante não contava com muito prestígio junto à direção da escola. Sua necessidade crescente de liderar o levou a inúmeros entreveros e choques físicos com alguns colegas, os quais se rebelavam a adotar o comportamento de comandados. Valendo-se de sua força física e corpo avantajado, Garboso Infante foi responsável por um grande número de narizes quebrados, lábios partidos e olhos arroxeados entre os colegas de banco escolar, façanhas que o conduziram com frequência ao gabinete da diretora.

Várias vezes suspenso, cabia à mãe, amedrontada com a possível reação de Salvatore, ocultar ou, pelo menos, amenizar as notícias que deveriam chegar aos ouvidos do pai. Apesar de tudo, entretanto, aos trancos e barrancos, Garboso Infante parecia caminhar para o final do curso primário na Escola Canadá, se a falta de sensibilidade e a profunda insensatez de Dona Josefina, professora da quarta série, que já ia avançada em 1958, não determinassem a quebra do tênue equilíbrio que havia entre Garboso Infante e a direção escolar, e, por conseguinte, contribuisse para definitivamente colocar o jovem em contato com o mundo do crime e de vícios.

“Dona Josefina, gostaria de ir ao banheiro.”

“Basta, nem mais uma palavra. Vocês passaram o dia todo envolvidos em brincadeiras e arruaças. Você, mesmo, Marcello, nada fez de útil. A sua redação foi horrorosa, a pior da turma. E pede para ir ao banheiro com frequência. Você, por acaso, acha que eu não sei que sua intenção é ir para fumar no banheiro? Mas basta, não irá mais ao banheiro no dia de hoje.”

“Professora, eu realmente estou com muita vontade de ir ao banheiro.”

“Chega. Chega, Marcello, basta! Vai ficar lá na última mesa, de cabeça baixa, de ‘bico’ fechado. Não quero ouvir um pio de sua boca hoje. Vá pra lá.”

O relacionamento de Dona Josefina com a turma estava num crescente de tensão, naquele final de ano letivo. Ela, visivelmente, havia

perdido o controle e o pulso daquele grupo de crianças, e Garboso Infante se tornou o principal alvo de suas frustrações e sua ira.

E, então, ocorreu o desastre. Subitamente, um terrível mau-cheiro invadiu a sala de aula. As crianças entreolhavam-se de modo interrogativo, e Dona Josefina perdeu por completo o controle. Aos berros, perguntou quem seria o responsável por aquela brincadeira idiota. Depois, como não obteve resposta, depositou a sua ira contra o silencioso Garboso Infante.

“Levante-se, seu ordinário, seu mal-elemento. Como se atreve a agir dessa maneira em minha classe? Ordinário, porco, fora d’aqui.”

Garboso Infante, inicialmente, levantou o rosto, que estava comprimido contra os braços cruzados sobre a mesa. Sua face estava completamente molhada pelas lágrimas, as quais não mais conseguia conter. Depois, forçado pela insensata professora, levantou-se de sua cadeira e caminhou ao longo da sala em direção à porta. Os toletes de fezes caíam perna abaixo, saindo do controle de seu “short”, e rolavam pelo chão de cimento. Uma explosão de gargalhadas e gritos se sucedeu.

“Cagão... Cagão... Garboso Infante é um cagão, chorão...”

Dona Josefina, num misto de ira e horror, projetou-se em direção a Garboso Infante, na tentativa de puxá-lo pelo braço, para retirá-lo mais rapidamente da sala de aula, como se isto pudesse apagar ou, pelo menos, amenizar aquele bizarro incidente.

O punho direito de Garboso Infante acertou em cheio o queixo da professora, projetando pelo ar dois dentes que pareciam haver se descolado da arcada dentária de Dona Josefina. Depois disso, uma classe, emudecida e em choque, presenciou o corpo volumoso de Garboso Infante lançando-se, enraivecidamente, sobre o pequeno corpo da professora, que caía, após ser violentamente projetado para trás. Dois outros socos poderosos foram responsáveis pela fratura cominutiva sofrida pelo osso maxilar direito de Dona Josefina.

Alertados pelos gritos das crianças, professoras e serventes se projetaram sobre o enlouquecido Garboso Infante, conseguindo a muito custo, dominá-lo. O saldo daquele dia foi deveras negativo.

Dona Josefina, em coma, foi levada, inicialmente, para o Hospital Souza Aguiar, e dali foi imediatamente transferida para o Hospital dos Servidores Públicos, onde foi operada, recuperando-se com sequelas e enorme lentidão, sendo finalmente aposentada, não mais retornando à escola.

Garboso Infante foi levado ao banheiro para se lavar, conduzido ao gabinete da diretora, que o expulsou, sumariamente. Foi, então, preso por uma patrulha e transportado ao Juizado de Menores. Passou um mês detido numa prisão para menores, para depois ser libertado, em regime de vigilância, para retornar ao lar, onde uma desolada Sandrina e um frustrado e irritado Salvatore o esperavam. Naquele momento, o destino parecia iniciar a sua conspiração para transformar o irrequieto e turbulento menino, que foi Garboso Infante, no maior bandido da história policial do Rio de Janeiro, o temido “Roma 45”.



O planejamento da educação de Garboso Infante foi cuidadosamente traçado entre Sandrina e Salvatore. No restante do ano de 1958, o ensino do garoto ficaria a cargo do próprio Salvatore, que se valendo de sua experiência com ensino na Itália, mesmo com alguns problemas na gramática e ortografia portuguesas, tentaria remediar a abrupta ausência de escolaridade de Garboso Infante, ministrando os ensinamentos todas as noites, assim que chegasse do trabalho. Para 1959, com muito custo e depois de implorar muito, o casal conseguiu matricular o filho na quinta série primária de um colégio particular do bairro, que, apesar de dispendioso, tinha fama de ministrar um ensino de qualidade duvidosa.

Salvatore, também, queria que Garboso Infante o acompanhasse todos os dias, pela manhã, quando se dirigia para trabalhar na banca de jornais, e que a criança lá permanecesse o ajudando até o início da noite, quando o trabalho se encerraria. Sandrina, porém, interveio, argumentando que o filho ainda estava numa fase de vida na qual seria, também, muito importante que ele pudesse usufruir de atividades de lazer, próprias da sua idade, e conseguiu convencer Salvatore com sua argumentação. Garboso Infante, então, passou a dedicar suas manhãs ajudando o pai no trabalho, e as noites com o estudo, orientado por Salvatore. À tarde, era liberado para brincar com os amigos.

A principal brincadeira das tardes era a tradicional “pelada” de futebol, que ocorria no “Campinho”, anteriormente citado. Garboso Infante, todas as tardes, se juntava as outras crianças no “Campinho”, para supostamente jogar futebol. Na verdade, o seu interesse por futebol era nulo. Possuía péssima habilidade com a bola, e, nas raras vezes em que participava de uma “pelada”, o fazia como goleiro, e sempre com uma participação muitíssimo falha. Seu principal interesse no “Campinho”, todas as tardes, era sentar-se com algumas crianças maiores, como era o caso do “Cutela”, “Ourinho” e Elói, e ficar fumando maconha, debaixo da frondosa mangueira, que era um marco em uma das laterais do “Campinho”. “Cutela”, nessa época, apesar de seus tão-somente 14 anos, já havia iniciado a sua vida de criminalidade e, sabidamente, tomava parte de pequenos assaltos nas ruas da Cidade do Rio de Janeiro. Ele já

possuía um revólver, calibre 38, e o trazia, algumas vezes, quando vinha ao “Campinho”, para que, junto com Garboso Infante e “Ourinho”, pudesse praticar tiro, usando latas vazias como alvos. Garboso Infante, ocupado com o vício da maconha e com a prática do uso da arma, não tinha interesse nem tempo para as “peladas”, nem, ao menos, para as incursões sexuais, que aconteciam todo o final de tarde no “Campinho”, e que eram bastante populares entre as outras crianças.

Malgrado o vício e o treinamento com armas, porém, Garboso Infante vivia, naquela época, uma fase calma e pacata em sua vida. Depois de sua liberação do Juizado de Menores, não mais se envolveu em qualquer atrito ou altercação com colegas ou outros moradores da região. Vivia essa vida de calma, e parecia caminhar para uma trajetória na vida de final feliz, se, numa Sexta-Feira da Paixão, em abril de 1959, a conspiração armada pelo destino não tivesse o seu segundo ato.

“Salvatore, a Catarina está nos convidando para que hoje às onze horas da manhã fossemos encontrar com ela, Gennaro e as crianças, na Igreja do Divino Espírito Santo, para que possamos assistir a missa dessa sexta-feira da Paixão. Depois, iremos para a casa deles. Ela está preparando um almoço especial para nós todos.”

“Foda-se... Foda-se... Sandrina, minha querida, entenda que eu praticamente não tenho um dia livre para trabalhar em casa, meu amor. E essa sexta-feira, feriado, veio a calhar. Foda-se... Filho da puta... Sabe, preciso capinar o mato, que está crescendo nas laterais do caminho para nossa casa. O mato está altíssimo e, você sabe, a Dona Cacilda, outro dia, viu uma cobra cruzando o caminho, e se embrenhando no matagal das laterais.”

“Mas, Salvatore, você pode fazer isso no domingo. E hoje é sexta-feira da Paixão, benzinho, você sabe, dizem que é um dia no qual devemos guardar repouso absoluto. Dizem que o trabalho desnecessário neste dia é castigado duramente por Deus.”

“Filho da puta... Puto... Foda-se... Ora, Sandrina, isto é “balela”, querida. Você sabe que não acredito nisso. Se Deus é tão bom e magnânimo, não lhe parece uma incoerência ele castigar um ser humano na nobre tarefa do trabalho? Além do mais, você sabe, que os domingos, para mim e o Gennaro, são os verdadeiros dias sagrados de lazer, que a gente usa para ir ao Maracanã e, também, jogar “sueca”. Tem outro problema, vem aqui ver. Está vendo aquela pedra ali em cima? Pois é, está um verdadeiro perigo. Estou temendo uma próxima chuva forte, se essa pedra deslocar, poderá atingir em cheio as nossas casinhas, filhinha. Foda-se... Foda-se... Então, também, pretendo cavar um trajeto no qual a pedra se desloque, sem colocar em risco vidas humanas ou propriedades. Portanto, tenho muito trabalho. Deixe que como o que sobrou do jantar de ontem, e que está na geladeira. Vá, você e Marcello, encontrar os nossos amigos.”

“Está bem. Mas, realmente, gostaria que você fosse conosco.”

O dia de Salvatore correu calmamente até, mais ou menos, às três horas da tarde. Então, após haver capinado todo o mato das

laterais do caminho e haver criado o falso trajeto que facilitaria o deslocamento da pedra que ameaçava a integridade de suas casas, Salvatore estava empenhado em deslocar a pedra pelo trajeto criado por ele, e não notou que a ponta do seu hálux direito, isto é, o dedo maior do pé direito, estava posicionada no trajeto a ser percorrido pela enorme pedra. Quando esta se deslocou, provocou um esmagamento da falange distal do hálux direito, e decepou a pele da ponta do dedo. Sangrando abundantemente, Salvatore, ajudado por um vizinho, foi levado à farmácia do Estácio, onde o farmacêutico fez um curativo compressivo que breçou o sangramento, e recomendou que Salvatore fosse, de imediato, ao Hospital Souza Aguiar. A proposta foi recusada por Salvatore, que, já livre do sangramento no ferimento, preferiu voltar para casa para esperar Sandrina e Garboso Infante retornarem da casa dos Franceschini.

O primeiro sintoma da doença aconteceu uma semana mais tarde, e se deu em forma de um “trismo” que fechou, forçosa e dolorosamente, a boca de Salvatore. Ele acordou assim naquele sábado, e não reuniu condições para ir trabalhar naquele dia. O farmacêutico foi chamado e recomendou que ele fosse levado a um hospital, proposta que foi inicialmente recusada por Salvatore. Uma crise de opistótonos, contração muscular violenta e incontrolável, que acomete os músculos paravertebrais e que parece quebrar a coluna vertebral do paciente ao meio, obrigou Salvatore a ser levado ao Hospital Souza Aguiar, na tarde daquele mesmo sábado. Do Souza Aguiar, ele foi removido para o Hospital São Sebastião, no Caju, onde os trismos, opistótonos e contrações musculares generalizadas se acentuaram, e ele perdeu a consciência e começou a delirar, falando alto o nome da mulher, seu grande amor Sandrina. No delírio, não havia sinal da doença de Tourette.

Salvatore morreu cinco dias após sua internação com violentas contrações musculares, sucessivos episódios de parada respiratória e delirando, balbuciando frases de amor para a mulher. Não se sabe se a cura da doença de Tourette decorreu do grande amor que nutria por Sandrina ou se foi mais um dos efeitos da toxina do *Clostridium tetani*.

A morte de Salvatore Foscolo representou o início de um severo acanhamento econômico que as vidas de Sandrina e Garboso Infante experimentaram. Embora Gennaro e Catarina Franceschini ajudassem tanto quanto possível nas despesas da viúva Foscolo, eles não poderiam prover o que era realmente necessário para manter o padrão de vida daquelas duas almas, que se viram, subitamente, desprovidas do seu grande alicerce, o bondoso Salvatore.

A criação de Garboso Infante se tornou uma fonte de muita angústia para Sandrina. Logo de início, ela viu que, com o acanhamento econômico, ficaria praticamente impossível mantê-lo em uma escola particular. Então, desprovido de opções para estudar, caberia a Garboso Infante arranjar um trabalho e começar a produzir como um adulto. A idade dele, naquele momento, entretanto - 11 anos, impedia qualquer tentativa de concretizar a idéia de colocá-lo para trabalhar.

Garboso Infante, então, definitivamente, ganhou as ruas, e, sem a supervisão de Sandrina, que se viu obrigada a redobrar sua atividade fora do lar, a fim de incrementar um pouco mais a renda mensal da família. E, assim, o destino se sentiu à vontade para promover o terceiro e derradeiro ato na história da formação criminal de Garboso Infante, este, talvez, o ato de maior importância em toda a história.

“Porra, Garboso, se você entrar assim no cara, vai “dançar”. Dá mais linha, cara. Você tem que entrar com mais linha do que ele, e jogar no ‘cabresto’ dele.”

“Porra, não enche o saco, Miguel. Eu sei o que estou fazendo. Não vou entrar agora, porra! Vou descarregar linha e, no momento certo, “encabresto” ele.”

Esse diálogo “sui generis” aconteceu naquela tarde de sábado ensolarada, dia 16 de outubro de 1960, entre Garboso Infante e o Miguel da Mena. Os dois faziam parte da turma de adolescentes do Morro do São Carlos, que naquele dia se reunia no local chamado “As Pedras”, para soltar pipas.

Aliás, soltar pipas era o passatempo predileto das crianças, reservado para os fins de semana, sábados e domingos, à tarde. Nesse passatempo, Garboso Infante se engajava com aptidão. Preparava as suas pipas com esmero. Era, aliás, um exímio fabricante de pipas, comprando o chamado “papel fino” e bambu, produzindo pipas multicoloridas, maravilhosas. Esta atividade passou a ser uma fonte de renda para ele, que vendia a maioria das pipas produzidas para as outras crianças do bairro. As pipas que guardava para si, no entretanto, eram realmente as mais bonitas e impressionantes. Preparava, também, com o maior carinho, as chamadas “rabiolas”, longas e coloridas, que eram responsáveis por toda a estabilidade da pipa, quando no ar. E se esmerava, com o maior empenho e carinho, na fabricação do próprio cerol.

O cerol era uma mistura de vidro moído e cola de madeira derretida, que os amantes do passatempo de “soltar pipas” espalhavam em suas linhas, tornando-as num objeto cortante, ao menor contato. Com isso, eles promoviam as chamadas sessões de “cruzamento de pipas”, quando o objetivo de um era entrecruzar a linha de sua pipa com a linha da pipa de um outro, com a intenção de cortar a linha do oponente. E o segredo da eficiência de cada um no ‘cruzamento de pipas’ estava na preparação artesanal do cerol. Quanto mais fino, mais diluído, melhor era a qualidade do cerol. Também a técnica de espalhar uniformemente o cerol na linha, era uma arte possuída por poucos. Na

preparação do cerol e sua aplicação na linha, Garboso Infante tornou-se um mestre, reconhecido por todos os colegas. Ele gabava-se de possuir um segredo que não revelava a ninguém, que fazia de seu cerol o mais temido das redondezas.

“As Pedras” era um “plateau” existente no alto da pedreira que se iniciava nos fundos da casa de Garboso Infante. Lá, as crianças se reuniam, nos sábados e domingos, à tarde, com o objetivo de soltar pipas, e, claro, nas horas vagas, “puxar um fumo”, como era referido o ato de fumar maconha. Dependendo da direção do vento, as pipas voavam e o “cruzamento de pipas” acontecia ou nas imediações da Estação Ferroviária da Leopoldina ou na altura do Morro do Querosene.

Naquele sábado, o vento soprava em direção do Morro do Querosene, e Garboso Infante dominava a sessão, sob os olhares, desejosos e invejosos, das outras crianças. Apesar da concentração de todos, ansiosos com o possível desfecho daquele “cruzamento de pipas”, todos se aperceberam da aproximação daqueles dois indivíduos, o César do Catumbi, conhecido pela alcunha de “Bôia”, e o Jessinho do Largo da Bica, o Jessinho “Tourada”. E todos fugiram em velocidade, todos menos um, o Garboso Infante, que, entretido com a sua aventura do “cruzamento de pipas”, nem sequer notou a aproximação dos dois elementos.

“Bôia” e “Tourada” eram bandidos de péssima índole, que, apesar de habitarem morros diferentes, fizeram amizade entre si e andavam sempre juntos. Já haviam sido presos diversas vezes por alguns assaltos a mão armada, mas sempre conseguiram se desvencilhar da polícia e da justiça, fugindo das prisões. No Morro do São Carlos, entretanto, eles eram temidos, não pela faceta de assaltantes, mas sim pela conhecida tendência à pedofilia. Ainda jovens, os dois, com 23 anos de idade, já haviam participado do estupro de vários meninos e meninas do bairro, principalmente aqueles membros de famílias mais desfavorecidas economicamente, sobre os quais, seus genitores não podiam exercer uma vigilância, mais que necessária.

Garboso Infante, embora de físico avantajado, se tornou a mais nova vítima daquela dupla de psicopatas. Enquanto corriam, em sua

fuga das “Pedras”, as crianças ouviam com horror os gritos de Garboso Infante. A única coisa a fazer seria correr ao Posto Policial do Largo da Bica para solicitar ajuda dos sonolentos policiais de plantão, que declaradamente de má vontade, foram ao local para encontrar Garboso Infante desfalecido, em virtude de forte contusão craniana, que lhe valeu vários pontos de sutura no couro cabeludo. Garboso Infante estava nu, seus calções caídos ao lado do seu corpo, e apresentava claras evidências de sevícia anal. “Bôia” e “Tourada” não foram encontrados, havendo fugido assim que terminaram o estupro.

Sandrina colocou uma queixa-crime contra os dois elementos na Delegacia Policial do Estácio, mas sem nenhuma esperança de deter a dupla de psicopatas. Triste, Sandrina levou Garboso Infante várias vezes ao Posto de Saúde da Praça da Bandeira, para que lá, dias após, os médicos pudessem tratar a retite gonocócica de Garboso Infante, a infame seqüela física daquele crime odioso.

Seis meses mais tarde, numa manhã de sexta-feira, os corpos de “Bôia” e “Tourada” foram achados num local ermo, em meio a um matagal. Aparentemente surpreendidos quando fumavam maconha, “Bôia” e “Tourada” não tiveram tempo de esboçar qualquer reação e foram baleados diversas vezes na cabeça. Uma testemunha, uma jovem prostituta do Morro do Catumbi, que aparentemente estava com “Bôia” e “Tourada” no local, fumando maconha, no momento do crime, e que não sofreu qualquer agressão, contou à polícia que um rapazola de aproximadamente 14 anos havia sido o assassino da dupla.

Ela reconheceu Garboso Infante como autor do crime, e, em sua posse, os policiais encontraram um revólver calibre 38, que Garboso Infante havia comprado dias antes nas mãos de “Cutela”. Ele confessou a autoria do crime, quando interrogado na delegacia. Foi encaminhado ao Juizado de Menores e trancafiado no Serviço de Correção de Menores do Engenho de Dentro, administrado pelo Serviço de Assistência ao Menor, o popular SAM, naquela época, reconhecidamente, a maior fábrica de marginais e foras da lei, no Rio de Janeiro. Ele deu entrada na prisão para menores no dia 13 de maio de 1961, aos 13 anos de idade.



Nesse dia, também, a história registrou o desaparecimento definitivo de Garboso Infante e o concomitante nascimento do Roma 45.

“Olha aí, Roma. Sabe o Augusto, um dos guardas da noite? Pois é, ele me disse que pode conseguir a “erva” para nós. Ele até me deu um “cheirinho”, olha só, parece coisa boa. E, ‘cara’, a “erva” dele é pela metade do preço que aqueles “pintas” do Pára-Pedro estão cobrando da gente.”

“Passa a “erva”, Messias, que eu quero ver. Vamos fazer uma fumacinha pra ver se é mesmo da boa.”

Roma e Messias fizeram um pequeno cigarro, quase que uma “guimba”, com aquele diminuto papelote de maconha, que o Messias havia recebido do guarda da carceragem, o Augusto, que trabalhava na ronda noturna. A vida na Carceragem de Menores do SAM, no Engenho de Dentro, era a intensificação do vício da maconha e de outras drogas recreacionais, que, por certo, era negligenciado e, até mesmo, incentivado pelos próprios policiais.

“O produto é bom, Messias. Vamos falar com o Augusto. Ele trabalha hoje à noite?”

“Não, hoje é a folga dele. Ele só vem na terça, mas ele me disse que não há problema. Se a gente quiser, não precisamos avisar de antemão. Ele tem um estoque, aqui mesmo no “curral”.

“OK. Vou falar pros “putos” do Pára-Pedro que não temos mais interesse de ficar comprando a “erva” deles.”

“Curral” era o apelido dado à imensa carceragem do SAM. Pouco tempo depois de lá chegar, Garboso Infante conheceu o Messias, que era originário do Morro do Tuiuti, em São Cristóvão. Inicialmente, Garboso Infante era conhecido como Marcello, mas, com o tempo, depois de narrar aos colegas de presídio aquilo que cresceu ouvindo de Salvatore, sobre as belezas da Itália e de sua capital, a belíssima Roma, com sua rica história, ele passou a ser identificado pelos colegas, trabalhadores da carceragem e de todos os guardas de serviço, como Roma.

Messias, seu amigo do “peito”, como Roma o apontava, era dois anos mais velho. Ele era originário de Sobral, no Ceará, e seu nome completo era Messias da Anunciação Capistrano. A Família Capistrano havia perdido a opulência e o poder, que outrora ostentava em Sobral. Os

Capistranos, entretanto, ainda possuíam a fama de poderosos e tinham contra eles o ódio da família mais poderosa da cidade, os Sampaio.

E era um ódio mortal, a ditar a regra que dizia que, quando um Sampaio encontrava um Capistrano, ele só poderia continuar caminhando se o fizesse pisando no cadáver do algoz. Muitas mortes, em ambas as famílias, foram imputadas a esta rivalidade, que, aparentemente, havia se iniciado há mais de 50 anos, quando um dos irmãos do avô de Messias, que na época morava em Fortaleza, veio a Sobral, seduziu uma jovem donzela da família Sampaio, fugiu com ela para Fortaleza e lá a prostituiu e tornou-se seu cafetão.

Messias havia deixado Sobral há quatro anos, vindo para o Rio de Janeiro, tentar uma melhor sorte nos estudos, indo morar em companhia da família de seu irmão mais velho, por parte de pai, o Aristides Capistrano. Aristides tinha 30 anos de idade e morava no Morro do Tuiuti desde os 22 anos, quando chegou ao Rio. Era casado com uma carioca graciosa do Morro do Tuiuti, a Marilda, e com ela possuía três filhos pequenos. Vivia feliz com sua adorada Marilda numa casa de laje, com o conforto de televisor, geladeira, máquina de lavar roupa e telefone, tudo isso de sua propriedade, e que havia comprado fruto do trabalho árduo em sua leiteria, situada na Rua São Cristóvão, a qual havia adquirido com as economias que trouxera do Ceará, presente dos seus pais. Era, por isso, conhecido no Morro do Tuiuti, e em todo o bairro de São Cristóvão, como o Aristides Leiteiro.

Messias pouco estudou no Rio. Logo ao chegar, fez amizades indesejáveis no Morro do Tuiuti, e sem a necessária supervisão do irmão, entregue ao trabalho diário extenuante, e da cunhada, ocupadíssima em sua função de dona de casa e mãe de filhos pequenos, Messias se afundou no vício das drogas, e, para manter o dispendioso vício, aceitou tomar parte junto com a “gang” do morro de pequenos assaltos lá embaixo, no asfalto. Num desses, o qual visava uma padaria em Cascadura, houve reação do dono do estabelecimento, o que obrigou um dos assaltantes a baleiar e matar o dono que se insurgira contra o assalto. A polícia, que passava próximo ao local, interveio. Todos conseguiram fugir,

exceto Messias, que nem armado estava, mas foi acusado do latrocínio e trancafiado no “curral”.

Apesar do vício e da participação em assaltos, Messias era de boa índole, e atraiu a atenção e a amizade de Roma. Messias olhava Roma com admiração e respeito, e o considerava seu líder, apesar de que Roma era dois anos mais jovem. Entre os dois nasceu uma amizade indissolúvel, que ao mesmo tempo servia como proteção contra o ambiente hostil da carceragem naquela época.

O ambiente, sem dúvida, estimula o vício, a violência e o crime. Maconha e cocaína corriam livres de mão em mão, negociadas a preço alto, que os detentos pagavam usando as economias trazidas pelas famílias, assim como com a própria renda, conseguida no trabalho interno. Roma, por exemplo, fabricava as pipas, ofício no qual era um mestre, e as vendia aos outros colegas da carceragem, já que este era um dos passatempos permitidos a eles, nos fins de semana.

A violência estava diluída no ar. O mesmo ambiente era dividido por adolescentes de diferentes faixas etárias, que variavam dos 12 aos 18 anos de idade. Estupros eram ocorrências corriqueiras, banais, e cada um era responsável pela própria defesa. Todos andavam armados de pequenos mas perigosíssimos instrumentos cortantes, tais como pequenas facas, canivetes, estiletos, chaves de fenda etc. Nesse aspecto, Roma era um privilegiado e, além da faca que sempre levava consigo, era, ainda, protegido pelo físico descomunal para sua idade e pela sua história de haver assassinado os dois indivíduos que um dia o estupraram. E sempre junto à Roma, seu grande amigo, Messias se sentia bem protegido.

Crime era o assunto em pauta todas as horas, todos os dias. As histórias de assaltos e assassinatos se sucediam aos ouvidos de todos os menores presos na carceragem, e dessas histórias bastante “know-how” era assimilado. Também as amizades e contatos com traficantes de drogas, assaltantes e assassinos eram estimuladas e estreitadas, num ritual de preparação daqueles menores para uma vida futura.

A fuga de Roma e Messias do “curral” aconteceu no dia 18 de dezembro de 1963, dois dias após Roma haver completado 16

anos. Messias aguardava sua remoção dentro de alguns dias para a Penitenciária Lemos de Brito, onde, por haver completado 18 anos, teria de cumprir cinco anos para alcançar a liberdade. Ele não quis esperar tanto tempo.

Aproveitando um levante dos encarcerados, com a consequente fuga de inúmeros menores, Roma e Messias, sempre juntos, agregaram-se ao grupo da fuga. Muitos, dezenas mesmo, foram recapturados, mas Roma e Messias, sempre juntos, com a liderança do primeiro, alcançaram o Morro do São Carlos, antes da captura. O primeiro contato da dupla ao chegar ao morro foi com um colega e vizinho de Roma, o Florêncio, que naquela época trabalhava como “bicheiro” na Fortaleza de bicho do Estácio, e que conduziu a dupla à presença do poderoso “banqueiro de bicho” do bairro, Florivaldo Menezes de Azevedo, o popular Fininho, que, atendendo às súplicas dos dois por abrigo e esconderijo, e, maliciosamente, prevendo possíveis lucros com o bom uso daqueles dois iniciantes na vida criminal, ordenou aos seus asseclas que guardassem e protegessem os dois jovens.

Inicialmente, eles dormiam e trabalhavam em pequenos afazeres na Fortaleza. Depois, com o esquecimento da fuga de ambos da Carceragem do Engenho de Dentro, os dois se mudaram para viver com Sandrina, que, naquela época, aos 38 anos de idade, padecia de uma hipertensão grave. Os dois, entretanto, continuaram prestando serviços na Fortaleza do Fininho.

Messias integrou-se completa e inteiramente à função de anotador de apostas do jogo do bicho, cargo corriqueiramente conhecido e denominado como “bicheiro”. Com seu pequeno mas regular salário, adotou uma vida calma, sem atribulações, e alugou a casa seis de propriedade de Sandrina, para onde se mudou. Conheceu Mercedes, uma mulata simpática e muito batalhadora pela vida, apaixonou-se, e com ela foi viver sua vida pacata, logo trazendo ao mundo dois pequenos rebentos, que eram a sua cara. Feliz com seu amor, seus filhos e sua vida simples, mas gostosa de viver, minuto por minuto, ele continuou trabalhando no bicho, mas se afastou por completo do vício,

da violência e do crime. Continuou, porém, adorando o seu ídolo e grande amigo Roma.

Este, por sua vez, não encontrou o caminho do amor, e preferiu continuar no vício, na violência e no crime. Ficou, rapidamente, evidente para Fininho que o Roma não poderia ser aproveitado como “bicheiro”. Era clara a sua preferência pela vida de liderança e violência, e bem precocemente, em seu retorno ao Morro do São Carlos, Roma reuniu cerca de 20 companheiros inseparáveis, os quais o adoravam, o respeitavam e o seguiam, quaisquer que fossem as suas determinações e as tarefas de crime a serem empreendidas. Roma, também, travou conhecimento com Isa, uma preta de 28 anos de idade, separada do marido, que não vivia no Estácio. Isa, junto com o seu casal de filhos, era moradora de um barraco ao lado das casas de Sandrina, e era conhecida no Morro do São Carlos por causa de seu volumoso e cobiçado traseiro. Ela, porém, era uma mulher muito séria, que cuidava dos filhos, trabalhava em casa, vivia com uma pensão humilde proveniente do ex-marido, e não dava confiança a nenhum homem do morro. Para surpresa geral, Isa aceitou o assédio do ainda menor de idade, Roma, e ele ia todas as tardinhas ao “randevu” de Dona Carlota, ao lado do “Campinho”, curtir os prazeres proporcionados pela maconha e pelo vasto e cobiçado traseiro da Isa.

Roma adquiriu dois revólveres calibre 45 e se adestrou tanto no uso das armas, que atirava com incrível precisão, com ambas as mãos. Fininho passou a usá-lo como seu guarda-costa pessoal e leão de chácara, responsável pela segurança da Fortaleza. Para tal função, Roma contava com a colaboração de seus asseclas, todos mantidos com o dinheiro proveniente do Fininho e, também, do tráfico de drogas. A sua índole violenta e agressiva, seu sangue-frio, capacidade de liderança e impressionante acuidade no uso dos dois revólveres 45 lhe valeram o apelido criminal que o acompanhou dessa época em diante, o famoso nome no mundo do crime no Rio de Janeiro, “Roma 45”.

PARTE III

FININHO





Não há registro de quando o Florisvaldo Menezes de Azevedo passou a ser conhecido como Fininho, porém, fica fácil de se imaginar o porquê, se o seu biotipo longilíneo e elegante for avaliado para este fim.

Fininho nasceu em Paracambi, no interior do Estado do Rio de Janeiro, em 1923, e lá viveu os 18 primeiros anos de sua vida. Então, em 1941, mudou-se para o Rio de Janeiro com a proposta de continuar os estudos, os quais em Paracambi havia levado até a conclusão do curso científico. Durante sua vida escolar em sua cidade natal, Fininho era um apaixonado pela língua portuguesa, a qual dominava desde a ortografia, passando pela gramática, até a sua literatura mais erudita. Seu sonho no Rio de Janeiro era ingressar na Faculdade de Direito, porém, por ser proveniente de uma família de classe socioeconômica desfavorecida, ele mudou-se para o Rio apenas com a roupa que vestia, sem nenhuma economia, fato que o obrigou a conseguir um trabalho, antes de iniciar o trajeto que levaria à realização de seu sonho.

Arranjou um emprego num cartório localizado na Praça Saenz Peña, na Tijuca, alugou um pequeno quarto numa pensão na Rua José Higino, também na Tijuca, e iniciou o curso pré-vestibular que lhe propiciaria a oportunidade de adentrar a Faculdade de Direito, após prestar o concurso. Passou no exame para a Faculdade de Direito de Universidade Federal do Distrito Federal, visto que, naquela época, o Rio de Janeiro era a sede do governo brasileiro. Começou o curso, mas o destino atuou negativamente contra ele, pois o cartório onde trabalhava foi fechado, vendido e transformado em uma loja de calçados.

Desempregado, numa época em que o Brasil atravessava um período de “vacas magras” na economia, e a política e as leis trabalhistas eram motivos de crítica e de estudos de reformulação, Fininho enfrentou sérias dificuldades em conseguir um novo emprego que compensasse como o anterior, e teve que abandonar os estudos, trancando a matrícula na faculdade.

Desesperado, com dívidas que se amontoavam, atendeu ao conselho de um amigo, e foi conversar com um certo Capitão Lourival,

que era o “banqueiro de bicho”, e que explorava o jogo e o comércio de maconha na região de Ramos.

Capitão Lourival, que era um oficial reformado do exército, impressionou-se com a cultura daquele jovem, nesta época com 22 anos de idade, e o empregou como “bicheiro”. Fininho, apesar de não achar que aquela profissão o levaria a alguma parte, na ânsia de causar no patrão uma impressão favorável, trabalhou duro, dedicando-se por completo ao novo ofício. Sua atitude rendeu o efeito desejado, pois o Capitão Lourival, maravilhado com a presteza, a simpatia, a argúcia nos negócios, a delicadeza, a educação e a energia irradiada por Fininho, ofereceu a ele, inicialmente, uma posição de liderança e gerenciamento da Fortaleza, na qual trabalhava, ao pé do Morro do Alemão, em Ramos.

Fininho retornou aos estudos na Faculdade de Direito, na qual se graduou advogado no final de 1950. Ele, também, floresceu na nova função de gerente da Fortaleza do bicho do Capitão Lourival. Ele nunca veio a exercer a profissão de advogado.

Sua vida social floresceu, após a nova função, e ele, um dia, foi convidado pelo Capitão Lourival para uma festa em sua mansão em Olaria, quando o Capitão Lourival e sua mulher comemoravam 40 anos de união matrimonial. Lá, durante a festa, Fininho conheceu Jurema, filha de criação do casal anfitrião, que, aos 17 anos, desfilava sua morenice, sua beleza, seu corpo de formas maravilhosas, sua irradiante simpatia, e seu bom humor contagiante. O amor invadiu o coração de Fininho como uma avalanche.

Capitão Lourival e sua mulher, apesar de 40 anos de união, não tiveram filhos próprios, porém, não vacilaram, quando há 15, se viram, praticamente, obrigados a adotar aquela linda morena de dois anos de idade de nome Jurema, que era produto de uma fecundação inadvertida em uma antiga empregada doméstica do casal, que com eles vivia há 15 anos, desde sua chegada do interior do Amazonas. Ela havia sido engravidada por um empregado do Capitão Lourival, um ex-motorista, que fugira, desaparecendo, depois que tomou conhecimento da gravidez indesejada, temeroso de ser obrigado a assumir a paternidade, por

ordem do poderoso patrão. A empregada que já na época da fecundação, dava sinais de doença mental, vítima que era de profunda depressão, cometeu suicídio em 1935, deixando a pequena e linda Jurema, órfã aos dois anos de idade.

Jurema cresceu cercada de amor e carinho, proporcionados pelos pais adotivos, que aprenderam a amá-la loucamente. De índole suave, cordata, cresceu sempre agindo de acordo com os desejos e desígnios do Capitão Lourival e sua esposa, estudou o suficiente para adentrar o curso normal, e aceitou com interesse e felicidade a corte de Fininho.

Fininho, 28 anos de idade, e Jurema, 18 anos, casaram-se no final de 1951. Capitão Lourival, felicíssimo com a escolha da filha, como dote ao genro, ofertou a “banca de bicho”, que comprara, recentemente, no Estácio de Sá. Fininho e Jurema construíram um verdadeiro palacete na subida do Morro do São Carlos, entre a lixeira e as casas de propriedade do casal Salvatore e Sandrina. Edinho e Luciana, os dois filhos do casal Fininho e Jurema, vieram ao mundo dois e quatro anos após o casamento, respectivamente.

Neste momento, faz-se necessário familiarizar o leitor com o jogo do bicho, instituição famosíssima na sociedade carioca e de outras metrópoles do Brasil. A narrativa será realizada indicando uma ação passada, porque, muito embora o jogo do bicho ainda continue a existir nos tempos atuais, suas regras de hoje e seu relacionamento com as autoridades governamentais e policiais nos tempos modernos são desconhecidos pelo autor da narrativa.

O jogo do bicho era um jogo de azar, considerado ilegal pelas autoridades governamentais, mas que funcionava, livre e abertamente, em todos os bairros da Cidade do Rio de Janeiro, ignorado e, até mesmo, protegido pela polícia, que se beneficiava do jogo, como forma de incrementar a renda salarial dos policiais. O jogo era dirigido por indivíduos que viviam à margem da lei, a maioria homens, que entravam na profissão investindo uma grande quantidade de dinheiro, e que, posteriormente, se tornavam possuidores de enormes fortunas e poder incalculável. Esses dirigentes, os chamados “banqueiros” do jogo do bicho, não pagavam impostos ao Governo, manipulavam enorme quantidade de dinheiro em espécie, e, ao contado, quitavam todas as suas dívidas. Eles constituíam um grupo por demais fechado, dividiam a Cidade do Rio de Janeiro em regiões, e atuavam dentro da sua região, obedecendo religiosamente seus limites. O negócio era de propriedade da família de cada “banqueiro”, e o controle regional passava para os herdeiros imediatos, quando o “banqueiro” patriarca falecia ou resolvia se aposentar.

Era uma atividade que empregava milhares de pessoas, a maioria homens, todos vivendo marginalmente, em relação à lei. Esses trabalhadores do jogo do bicho ganhavam relativamente bem, mas não eram protegidos por quaisquer leis trabalhistas ou por seguro de saúde. Embora um grande contingente fosse composto por pessoas honestas, a profissão abrigava numerosos criminosos, que usavam o roubo, o latrocínio e, principalmente, a exploração do tráfico de drogas, como forma de renda paralela.

Cada região possuía várias “bancas” minúsculas, localizadas em esquinas estratégicas do bairro, onde um ou dois bicheiros, sentados

em bancos pouco confortáveis, anotavam em seus blocos especiais as apostas dos transeuntes, que guardavam para si uma cópia em carbono das apostas por eles realizadas. Essas várias minúsculas “bancas” eram ligadas a um ponto central, a chamada “Fortaleza”, que se constituía de um imenso galpão, cercado de toda a segurança, com presença de vigias nas portas de entrada e saída, e sob a observação de guarda-costas fortemente armados, os leões de chácara, para coibir assaltos ao local, pois, é fácil de se imaginar, as “Fortalezas” tornavam-se alvos de assaltos porque, diariamente, armazenavam um enorme volume de dinheiro em espécie. Esses guarda-costas eram, geralmente, criminosos de alta periculosidade, chefes de quadrilhas, que vendiam aos banqueiros, os seus serviços, em troca de pagamentos volumosos. A segurança das pequenas “bancas” das esquinas do bairro, também, era responsabilidade dos referidos guarda-costas, que usavam as suas quadrilhas para tal fim. Vocês, leitores, podem imaginar que, diariamente, em toda a Cidade do Rio de Janeiro, era bastante significativa a quantidade de atos criminosos, que, direta ou indiretamente, aconteciam, relacionados ao jogo do bicho.

A imensa população da Cidade do Rio de Janeiro, em quase toda as suas classes socioeconômicas, apoiava e apostava no jogo do bicho. E o fazia levada pela confiança cega que depositava nos dirigentes do jogo. Um lema que prevalecia na exploração do jogo do bicho era o que dizia que “vale o que está escrito”. Isto quer dizer que toda a aposta seria honrada e paga fielmente, se vencedora, não importando o seu volume. Quando uma “banca” recebia uma aposta volumosa, que se vencedora poderia descapitalizar por completo aquela “banca”, procurava-se, imediatamente, “descarregar” em outras “bancas”, fazendo numerosas apostas nas outras “bancas”, que equivaleriam no seu total a volumosa quantia apostada.

Fininho dominava por completo o jogo do bicho no Estácio de Sá. Possuía numerosas pequenas “bancas” em várias esquinas do bairro e era dono da “Fortaleza”, cuja localização já foi descrita. Administrava o seu império do seu escritório, altamente confortável, que era localizado dentro da “Fortaleza”, e onde podia ser encontrado, diariamente.

A segurança de todo o império de Fininho estava sob a responsabilidade de Roma 45 e sua quadrilha. O contrato entre Fininho e o Roma 45 era apenas verbal, e o seu montante em dinheiro nunca foi publicamente revelado. Roma 45 passava quase todo o dia sentado no Botequim do Baixinho, em frente à “Fortaleza”, e de lá inspecionava todos os que entravam e saíam do galpão e, também, observava alguns tipos estranhos e desconhecidos que se aproximavam da “Fortaleza”. Nas imediações, ele contava com dezenas de capangas que eram acionados com a rapidez de um relâmpago, se uma ação armada se fizesse necessária. Seus capangas eram, também, responsáveis pela segurança de todas as “bancas” menores do bairro, e aqueles incautos que pensavam que podiam atentar contra quaisquer das propriedades de Fininho, se tornavam exemplares para os estudos realizados no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, localizado na Praça Cruz Vermelha. Roma 45 só se ausentava do Botequim do Baixinho no meio da tarde, quando deixava a segurança da “Fortaleza” a cargo do seu “braço-direito”, o Ratinho, e ia gozar os prazeres da maconha no “randevu” de Dona Carlota, ao lado de Isa e seu maravilhoso traseiro. Retornava ao posto de observação no início da noite, próximo ao encerramento dos trabalhos do dia na “Fortaleza”. Ele era, também, responsável pela segurança pessoal de Fininho, e sempre o acompanhava, quando este ia ou voltava do trabalho, ou quando, esporadicamente, precisava sair durante o expediente.

Para manter funcionando essa máquina de criminalidade, Roma 45 contava com um grande número de capangas. Esses capangas eram mantidos com o dinheiro proveniente do pagamento pela segurança oferecida ao império de Fininho, de dinheiro arrecadado nos diversos assaltos que a quadrilha realizava, periodicamente, a numerosas instituições comerciais e financeiras, em diversos pontos do Rio de Janeiro, e, também, do comércio paralelo da maconha e outras drogas recreativas, que a quadrilha tinha permissão de explorar. Roma 45, apesar de seu vício de fumar maconha, recusava-se a participar do comércio das drogas, embora fizesse vista grossa ao fato de seus capangas se envolverem no tráfico.

Seus capangas eram numerosos para serem citados todos nesta narrativa. Os mais importantes, aqueles que, pela periculosidade, eficiência e lealdade, mereciam uma atenção especial do chefe eram: Ratinho, seu “braço-direito” e eventual substituto, Marinho, Paulinho “Tísico”, Sérgio “Beizola”, Jorge “Piroca”, Jorge da Ida, Caixa, Miguel da Mena, Grilo, Leonel “Vampiro”, Marcos “Português”, Azulão, Yan “Maravilha”, Lelé, Jorge da Laura e Guilherme “Baba-ovo”. “Baba-ovo” era um homossexual declarado, filho de uma corista aposentada do Teatro João Caetano. Ele amava artes, música e costurava, divinamente, além de ser um exímio bailarino. Andava maquiado e vestia-se extravagantemente, e seu apelido originou-se devido ao formato grotesco de sua boca, a qual parecia eternamente ocultar um ovo de galinha em seu interior. Era carinhoso com as crianças, mulheres e idosos, mas, quando desacetado, se tornava um elemento de altíssima periculosidade, havendo sido responsável por inúmeras mortes de desafetos, todos mortos a facadas, já que o uso da faca com alta precisão era o seu ponto forte.

É importante saber que tanto Roma 45 quanto os seus capangas, sem exceção, não importunavam os moradores do Morro do São Carlos e do Bairro do Estácio de Sá. Pelo contrário, a todos tratavam com o máximo respeito e carinho, protegiam as crianças, as mulheres e os idosos, e prontificavam-se a ajudar sempre que as tragédias caíam sobre a cabeça de algum morador. Em troca recebiam de todos os habitantes do morro e do bairro, o silêncio e, até mesmo, de alguns, o abrigo necessário em caso de fugas da polícia. Por isso, era baixíssimo o índice de prisão entre os elementos que compunham a quadrilha do Roma 45.

Inicialmente a ação de Roma 45 e sua “gang” era limitada ao Morro do São Carlos. Logo cedo, entretanto, Roma 45 recebeu a adesão das quadrilhas de “Cutela”, do Morro do Querosene, e do Nilton “Diabo”, do Morro do Catumbi, tornando-se chefe e senhor absoluto das três grandes concentrações populares da região.

O próximo capítulo será dedicado à narrativa de dois episódios distintos e não relacionados entre si. Esses episódios servirão como

explicação da meteórica fama e respeito gozados pelo Roma 45 no local, e mostrarão o motivo porque Roma 45 se tornou uma cópia-xerox de Fausto Baroni, da Calábria, em pleno Estácio de Sá, isto é, transformou-se no “capo mafioso” dos Morros do São Carlos, Querosene e Catumbi.



“**E**u estou aqui pra acabar com a sua raça, seu “viado”. Você até agora não enfrentou homem, cabra macho, como eu, seu frouxo. Levante-se dessa cadeira porque eu não mato homem de surpresa, mesmo sendo um cabra frouxo, um viado, como você, seu puto.”

“Vai pra casa, cara. Não procure sarna pra coçar. Se eu levantar daqui vai ser pra te mandar pro inferno, cabra safado.”

“Você não me conhece, seu maricão. Levante-se e morra como homem, pelo menos, tenha atitude de homem uma vez na vida.”

“Te avisei, Erondino. Não queria te enviar pro inferno, porque sei que você tem mulher e filhos pra olhar. Mas você não está me dando muita escolha, cara. Eu vou levantar, mas vou deixar você atirar primeiro. Vou te dar tempo pra pensar e desistir, ou então me matar, e viver. Não terá a segunda chance, pois se errar, te envio pra conversar com satanás.”

Roma 45 notou que Erondino tremia muito e, certamente, erraria o tiro. Gostaria que Erondino parasse um segundo, refletisse e desistisse de sua empreitada, mas o cabra estava meio alcoolizado e cheio de ódio, e não desistiria facilmente.

Erondino era um cangaceiro paraibano que se mudou com a família para o Rio de Janeiro para tentar uma chance de ingressar no mundo da criminalidade do Rio. Convencido de sua valentia e achando-se insuperável no manejo de armas, Erondino achou alojamento no Estácio de Sá e tentou conquistar para si, junto a Fininho, a posição que este conferira ao Roma 45. Ao ser imediatamente repellido por Fininho em seu desejo, depositou todo o seu ódio sobre Roma 45, e naquele dia de inverno de 1967 estava disposto a desbancar aquele, o qual considerava um desafeto.

Roma 45 esperou impassível que Erondino desferisse o primeiro tiro. Imóvel, de pé na porta do Botequim do Baixinho, ele sentiu o calor do projétil que passou a, mais ou menos, quatro dedos de sua orelha esquerda. Erondino não teve tempo para desferir o segundo tiro. Os dois tiros que se sucederam, partiram, simultaneamente, das “45”

de Roma e, simultaneamente, penetraram nas concavidades orbitarias, explodindo os globos oculares e o cérebro de Erondino. O corpo do paraibano foi, violentamente, projetado para trás, caindo estatelado no solo de paralelepípedos da Rua de São Carlos. Erondino deixou uma viúva e cinco filhos, cujo paradeiro futuro tornou-se desconhecido. Roma 45 calmamente caminhou em direção ao Morro do São Carlos, deixando Ratinho em seu lugar de vigilância. A polícia chegou 15 minutos depois, mas não havia nem curiosos, que pudessem prestar qualquer informação sobre o crime. O Botequim do Baixinho e a “Fortaleza” fecharam as portas antes da chegada da polícia. O rabcão removeu o corpo do infeliz Erondino para o Instituto Médico Legal. Ninguém viu ou sabia coisa alguma relativa àquela morte, mas a população do Estácio de Sá nunca esqueceu aquele incidente.

Pascoal costumava trabalhar numa das “bancas” menores de esquina, de propriedade de Fininho. Pascoal, porém, era um alcoólatra inveterado, começou a beber em horário de trabalho e, com frequência, espancava a mulher, o que o levou a prisão diversas vezes. Isto não refletia positivamente nos negócios de Fininho, que resolveu despedi-lo.

“Você me desgraçou, me jogou na lama, seu cafajeste. Vou enfiar uma bala nos teus cornos, pra impedir que você desgrace outras pessoas.”

Fininho se surpreendeu ao deparar com um Pascoal completamente embriagado, quando deixava a “Fortaleza” à noite, após o encerramento do expediente, naquele dia de janeiro de 1971.

Pascoal, entretanto, ao contrário de Erondino, não disparou um tiro sequer. Da 45 direita de Roma partiu o projétil que perfurou o coração de Pascoal e foi responsável por sua morte instantânea, caído na calçada da Rua de São Carlos, em meio a uma volumosa poça de sangue.

O mesmo ritual observado no caso Erondino aconteceu na morte de Pascoal. Fininho e Roma 45 deixaram o local em direção ao morro, o Botequim do Baixinho e a “Fortaleza” fecharam as portas, a polícia chegou, mas não encontrou vestígios do assassino, o rabeção removeu o corpo, a mulher e os filhos de Pascoal desapareceram do bairro e a população não viu ou ouviu absolutamente nada, mas jamais esqueceu o fato.



PARTE IV

O ROBIN HOOD DO  
MORRO DO SÃO CARLOS



**T**odos aqueles que tiverem a oportunidade de revisar as páginas policiais dos mais importantes jornais cariocas, que circularam dos anos de 1966 a 1976, certamente, formarão a opinião de que Roma 45 era um bandido da pior qualidade, assassino impiedoso e ladrão irrecuperável. A comunidade do Morro do São Carlos, entretanto, e, porque não generalizar, do próprio Bairro do Estácio de Sá, certamente, não compartilharia esta opinião.

Poder-se-ia ir mais além, afirmando que talvez Roma 45 preenchesse os requisitos que o poderiam apontar como um bandido sanguinário, um assassino impiedoso e um ladrão irrecuperável, mas que, certamente, esta realidade não era aplicável a Garboso Infante. Com certeza, existia, no interior daquele ser humano irrequieto, violento e impiedoso, uma alma, ou pelo menos, uma personalidade, que quando permitida aflorar ao nível de consciência, demonstrava um romantismo cândido e uma preocupação constante com o bem-estar daqueles que, juntos com ele, formavam aquela comunidade, onde ódio e amor se misturavam, de uma maneira quase que imperceptível.

Garboso Infante, aqui volto a chamá-lo pelo apelido de infância, porque acredito ser dele a personalidade dócil e romântica; como ia dizendo, Garboso Infante amava o Morro do São Carlos e o Estácio de Sá. Apesar do poderio absoluto sobre os três maiores morros da região, era sobre o São Carlos, que o olhar carinhoso, preocupado e vigilante de Garboso Infante estava depositado, de maneira fixa.

Quem conheceu a sua história, a maneira abrupta pela qual viu cortado seu acesso à educação, teria dificuldade de entender e explicar como Garboso Infante adquirira seu senso e visão sociais. Sem demonstrar grande cultura, ele desfilava suas opiniões de igualdade social e econômica entre os seres humanos. Seu sonho era realizar a igualdade socioeconômica naquela heterogênea comunidade do Morro do São Carlos.

Acreditava que os ricos deveriam ser responsabilizados pela educação, nutrição e saúde dos desfavorecidos economicamente, como também acreditava que a sociedade carioca e brasileira não havia acordado

e, por conseguinte, não compartilhava desta doutrina, cabia a ele e a sua turma de seguidores criminais descer ao asfalto, arrancar as riquezas a qualquer custo, e trazê-las para o seio de sua comunidade, onde, usando de um poder quase divino, que acreditava possuir, promoveria com as próprias mãos a distribuição dessas riquezas, alcançando a igualdade social tão sonhada.

Com fundamento, pois, nesta doutrina, claramente, de esquerda, que Garboso Infante, acionando a sua personalidade cruel e sanguinária, que atendia pela alcunha de Roma 45, deu seguimento a sua vida de crimes, sempre visando o bem-estar comunitário e sempre acobertado e protegido pela Comunidade do Morro do São Carlos.



## DONA ELIZA E SEU MATEUS

Eliza e Mateus possuíam histórias semelhantes. Deles, desconheço por completo os sobrenomes, mas sei com certeza que ambos viveram toda as suas vidas no Morro do São Carlos, desempenharam funções sociais de importância na comunidade e tornaram-se queridos de toda a população do morro. Naquele momento, em meados de 1966, no ocaso de suas vidas, tanto Eliza quanto Mateus estavam seriamente doentes, e os tratamentos ou métodos para melhorar as condições de vida de cada um deles eram comercialmente viáveis, embora a preço completamente fora da realidade para um cidadão comum que habitava o Morro do São Carlos.

Dona Eliza tinha 60 anos. Havia chegado ao Morro do São Carlos, ainda mocinha, aos 18 anos de idade, vinda do interior baiano. Chegou para morar com uma tia viúva que residia no Estácio de Sá. Sua mudança para o Rio de Janeiro teve como razão aliviar as despesas de sua mãe, que havia ficado viúva e tinha outros nove filhos menores para alimentar. A função da jovem Eliza seria arranjar um emprego, viver economicamente e enviar para a mãe tanto o quanto pudesse economizar de seu salário.

E assim foi feito. Eliza arranjou um emprego numa mercearia do Largo do Estácio e, mensalmente, enviava à mãe 60% daquilo que recebia, que era o salário mínimo. A vida era apertada, não havia lugar para luxos e diversão, mas a vida era satisfatória para Eliza e ela a levaria por anos e anos, se necessário fosse, porém o destino tinha planos diferentes para ela.

Sua tia decidiu aceitar a corte de um homem quinze anos mais novo e com ele resolveu viver. Trouxe-o para sua casa e num domingo

no qual a tia precisou visitar uns parentes na Baixada Fluminense, o indivíduo estuprou Eliza, usando de enorme violência.

Eliza foi à Delegacia Policial do Estácio de Sá prestar queixa contra o amante da tia, que fugira após a realização do estupro. Ao regressar e tomar conhecimento de toda a história, a tia, enraivecida, imediatamente, expulsou Eliza de sua casa.

Sem ter para onde ir, Eliza, inicialmente, aceitou o convite de uma conhecida, prostituta da “zona”, e com ela foi dividir um imóvel de dois cômodos na Rua Pereira Franco. Não se prostituiu, porém, e, envergonhada por habitar o local, logo depois, resolveu alugar a casa quatro da Rua de São Carlos, 595, para onde se mudou, em seguida. A nova casa de Eliza fazia parte do conjunto de seis residências, que, anos mais tarde, seria adquirido pela família Foscolo.

O estupro, no entanto, além de marcas emocionais, deixaria uma marca física importante em Eliza. Deixaria um embrião incrustado em seu útero e, após o conhecimento da notícia da gravidez, Eliza perdeu o emprego da mercearia. A gravidez, contudo, foi interrompida quase a termo, com um episódio fulminante de placenta prévia, que levou Eliza ao choque hemorrágico, causou a morte do feto, e só foi resolvido com uma histerectomia de urgência.

Desde a adolescência, Eliza verificou que possuía um dom pouco comum. Era capaz de ter premonições de fatos que estavam ocorrendo ou para ocorrer, de cujas veracidades teve provas cabais. Tinha, também, a capacidade de entabular diálogos com seres que viviam fora do nosso mundo, aparentemente, seres humanos que haviam vivido num passado e que, após a morte, suas almas continuavam vagando em uma dimensão desconhecida para nós. Resolveu, então, investigar este dom e procurou um centro espírita, onde recebeu o diagnóstico de sua “mediunidade”, e que se trabalhasse a sua capacidade, poderia a vir receber divindades e seres de outras dimensões, que poderiam prestar auxílio às pessoas necessitadas na Terra.

Começou o desenvolvimento de sua “mediunidade” ainda na Bahia e o seguiu fazendo ao chegar ao Rio de Janeiro. Eliza foi, então

capaz de incorporar uma divindade, um jovem escravo, o Manuelzinho, falecido há mais de cem anos, uma espécie de “Exu”, o qual descia à Terra todas as noites usando como “cavalo” o corpo de Eliza. Manuelzinho passou a ser a esperança de centenas de enfermos e aflitos que todas as noites se acotovelavam na minúscula residência de Eliza em busca de conselhos e graças. Não se sabe ao certo se funcionava como um “placebo”, mas a verdade é que Manuelzinho, com seus conselhos e graças, levantou o ânimo, trouxe vida e mudou o momento de centenas de pessoas da região. Com isso, Eliza caiu nas graças do povo.

Ela não cobrava um centavo de ninguém, apenas aceitava donativos daqueles que ofereciam e o podiam fazer. Durante as sessões, que duravam de três a quatro horas, Eliza, uma pessoa normalmente recatada, modesta, tímida e desprovida de vícios, fumava dezenas de charutos e consumia grande quantidade de aguardente de cana, a popular cachaça. Ao final das sessões, estranhamente, voltava ao seu normal, completamente sóbria.

A bebida, contudo, deixou o seu rastro em Eliza. Quase ao completar 60 anos, ela foi diagnosticada como portadora de cirrose hepática, e passou a sofrer horríveis crises de sangramento digestivo, em razão de enormes varizes esofágicas. Desprotegida de seguro-saúde de qualquer espécie, Eliza procurava atendimento médico em hospitais públicos de pronto-socorro, e foi colocada numa fila esperando a chance de internar para realizar, cirurgicamente, uma ligadura da veia porta, na tentativa heroica de debelar o quadro hemorrágico.

Garboso Infante, nessa época já o “senhorio” de Eliza, e que dela nada cobrava de aluguel, apiedado da situação miserável daquela pobre senhora e reconhecido da utilidade da mulher na história daquela comunidade, resolveu intervir, levando-a a consultar um cirurgião particular, que confirmou a necessidade de cirurgia. O cirurgião levava os seus casos particulares para a Casa de Saúde Santa Terezinha, na Tijuca, e estimou o preço total do tratamento em aproximadamente trinta mil cruzeiros.

Mateus era dez anos mais velho do que Eliza. Ele havia nascido no Morro do São Carlos e, até os 11 anos de idade, foi criado pelos pais e vivia no morro junto com outros cinco irmãos. Em 1917, porém, a tragédia se abateu sobre a família de Mateus, e todos os seus membros foram dizimados por uma epidemia de gripe, a chamada gripe espanhola. Todos, exceto ele, Mateus.

Foi, então, criado como um agregado por uma família vizinha, que, entretanto, lhe negou a chance da educação, e o colocou para estagiar no ofício de pedreiro, o qual aprendeu com maestria. Realmente, aos 16 anos de idade, Mateus era um mestre de obra e pedreiro de qualidade e, facilmente, seria capaz de erguer uma casa com todo o esmero, segurança e o fino acabamento necessário.

Não se sabe a razão, mas Mateus nunca se casou. Aliás, a sua história não registrava a presença de uma simples namorada, em qualquer período da vida. Passava o seu tempo dividido entre o trabalho, o jogo de sinuca no Botequim do Baixinho e o jogo de “sueca”, nas mesas ao ar livre, no Largo da Bica. Fumava em excesso, chegando a dois maços de “Petit Londrino” sem filtro por dia, mas recusava-se a ingerir qualquer bebida alcoólica.

Sua fonte de renda era, única e exclusivamente, o trabalho avulso, em regime de empreitada, com o uso de seu ofício de pedreiro e, praticamente, limitado, geograficamente, ao Morro do São Carlos. Mateus tinha, no entanto, um ótimo coração. Cobrava barato os seus serviços e, às vezes, até mesmo, abatia o preço durante a realização da empreitada, se o beneficiário do serviço chorasse um pouco as mágoas. Não se recusava a trabalhar filantropicamente e, sempre em períodos de catástrofes, tais como as fortes chuvas que, periodicamente, se abatiam sobre o Rio de Janeiro, causando deslizamentos de encostas e desabamentos de casas, lá ia o bom Mateus comandar e executar a reconstrução dos lares para aquelas almas miseráveis, assoladas pela tragédia. Por isso, Mateus se tornou uma legenda viva no Morro do São Carlos.

Ele próprio vivia num acanhado barraco de madeira e teto de zinco, mas que, segundo ele mesmo, oferecia todo o conforto que a sua vida solitária requiritava. E viveu assim 69 anos.

A tragédia abateu-se sobre sua cabeça em 1965, quando o querido Seu Mateus sofreu um achapante acidente vascular cerebral hemorrágico, durante a noite, ficou comatoso quase por um mês, tornou-se paraplégico e perdeu a capacidade de articular palavras. Esperava-se a morte, que não aconteceu, e ele, lenta e progressivamente, foi recuperando a consciência, mas sempre paraplégico, afásico e completamente impossibilitado de deambular.

Foi considerado recuperado do estado agudo, e aconselhado a procurar um asilo para viver no qual contasse com ajuda. Foi, também, prescrito um tratamento fisioterápico para evitar a total atrofia muscular. Mateus, porém, não possuía divisas ou qualquer tipo de seguro que lhe garantisse tal tratamento.

Garboso Infante identificou um asilo para pessoas inválidas, e solicitou uma estimativa de custo para cinco anos de permanência, incluindo o necessário tratamento fisioterápico. O asilo enviou uma estimativa que exigia um depósito de vinte e cinco mil cruzeiros para os cinco anos.

“Olha aí, rapaziada. Tem que ser jogo rápido, dez minutos máximo. Se possível, sem “queimar” ninguém. Grilo, você cuida de um sentinela e “Maravilha”, cuida do outro. Todos nós vamos direto aos caixas. Quero cento e cinqüenta, nem mais nem menos.”

Roma 45 dava suas últimas instruções, enquanto a Chevrolet Veraneio dirigida por Paulinho “Tísico” se aproximava pela Rua do Riachuelo. Assim que a Veraneio passou pelo Bairro de Fátima, Marinho e “Da Ida”, vestidos de policiais militares, começaram a desviar o trânsito, que corria em sentido único pela Rua do Riachuelo, para a Rua do Lavradio, e daí “Caixa” e “Português”, também, trajados como policiais, obrigavam os veículos a tomar a Rua do Rezende, para retornar à Riachuelo bem mais abaixo, perto da Lapa.

“Tísico” estacionou a Veraneio na vazia Rua do Riachuelo, bem à porta do Banco do Brasil. Era meio-dia de uma segunda-feira, final de mês, e dia de pagamento dos empregados do depósito da Brahma

Chopp, Casa Sendas e Instituto Nacional de Câncer. O banco estava apinhado de gente.

“Grilo” e “Maravilha” saíram primeiro, se dirigiram um para cada lado da porta e se encostaram nas casinhas dos seguranças. Ambos acenderam lamparinas de querosene que foram lançadas dentro das casinhas pelos orifícios de observação. Os seguranças deixaram as casinhas esbaforidos e ficaram sob a mira das armas de “Grilo” e Yan “Maravilha”. Enquanto isso, Roma 45, “Piroca”, “Vampiro”, e “Baba-ovo” tomaram posição na porta de entrada, impedindo a entrada e a saída de usuários, todos os quatro empunhando suas armas.

“Todos imediatamente deitados, sem se moverem, com os rostos colados no chão. Quem se mover ou levantar a cabeça leva chumbo.”

A ordem foi imediatamente cumprida à risca pelos usuários do banco. Um cheiro de amônia misturado com querosene, rapidamente, se espalhou pelo ambiente.

Ratinho rapidamente pulou o balcão com duas grandes sacolas nas mãos e começou a coleta e a contagem do dinheiro. Ele, rapidamente, juntou os cento e cinquenta mil cruzeiros, previamente determinados, e pulou o balcão para fora e foi correndo se alojar no banco traseiro da Veraneio. Foi seguido imediatamente por “Grilo” e “Maravilha”, e a seguir por “Piroca”, “Vampiro” e “Baba-ovo”.

O último a deixar o local em direção à Veraneio seria Roma 45. Quando se preparava para fazê-lo, Juvenal, um antigo funcionário da Brahma, tentou se insurgir contra o assalto. Ele foi imediatamente aposentado de suas funções na Brahma, devido a uma fratura cominutiva de seu fêmur direito, estilhaçado por uma das 45 de Roma.

Este ainda olhou todo o recinto, agradeceu a colaboração de todos, e caminhou para o carro, que partiu em direção à Lapa. Tudo aconteceu em apenas oito minutos. Dois minutos depois, Marinho e “Da Ida” liberaram o trânsito e a confusão retornou à Rua do Riachuelo.

A polícia chegou alguns minutos mais tarde, mas não conseguiu efetuar prisões. A única baixa foi Juvenal, levado em uma ambulância, para o Hospital Souza Aguiar.

O gerente do banco estranhou o fato de que só cento e cinquenta mil cruzeiros haviam sido levados pelos assaltantes, quando, pelo menos, dez vezes esta quantia estava à disposição, ali mesmo, no banco, naquele momento, e este fato ninguém soube explicar.

Marinho, “Da Ida”, “Caixa” e “Português” chegaram ao Largo do Estácio em táxis diferentes, e dali subiram de lotação ao Largo da Bica. A Veraneio trouxe os outros oito elementos ao Largo da Bica e, exatamente, às duas horas da tarde todos se reuniram no Galpão de Ensaios da Unidos do São Carlos para efetuar a divisão do dinheiro.

A divisão foi muito simples. “Da Ida” ficou com quarenta mil cruzeiros e a ordem de dividi-los entre todos os membros da quadrilha. Ratinho e Marinho foram enviados a Bonsucesso com cento e dez mil cruzeiros e, lá, na Praça das Nações, trocaram por cinquenta e cinco mil cruzeiros, em notas velhas, com o receptor e “lavador” de dinheiro, Raul Diaz Cortez.

Dona Eliza foi admitida no dia seguinte à Casa de Saúde Santa Terezinha para iniciar os exames pré-operatórios, visando à cirurgia. Seu Mateus foi hospedado no asilo para deficientes físicos, no mesmo dia do assalto, e iniciaria tratamento fisioterápico no dia seguinte.

O que coube do assalto a Garboso Infante? A Garboso Infante coube o sorriso desdentado que iluminou a face de Dona Eliza e as muitas lágrimas, vertidas em virtude da emoção, que encharcaram o rosto, sem expressão, de Seu Mateus.

## SEU GERALDO ALFAIATE

“O que houve, Geraldo? Olhe, acho que você deveria parar de beber agora, e ir para casa. Já chega. São apenas dez da manhã, e você já está nesse estado. Vamos pra casa, eu te levo, chega por hoje.”

“Baixinho, não sirva mais nada pro Geraldo. Vou levá-lo em casa. Encerre a conta dele e manda lá pro Fininho, diga a ele pra pagar. Depois eu converso com ele.”

“Vamos, Geraldo.”

Geraldo chorava convulsivamente e não ofereceu resistência, quando Garboso Infante o levantou da cadeira, o abraçou, colocando o seu braço sob a axila esquerda e, leve e carinhosamente, pousou a cabeça de Geraldo em seu ombro. No caminho para casa, enquanto o carregava, Garboso Infante tentava levantar um pouco o ânimo daquela criatura.

Geraldo do Nascimento havia nascido em 1910 em Ponte Nova, cidade rica em canaviais, localizada na Zona da Mata Mineira. Estudou apenas o curso primário básico e, logo cedo, teve que trabalhar a fim de ajudar a sua imensa família, de poucos recursos econômicos. Para tal, arranhou emprego no “atelier” de Sinval, afamado alfaiate da cidade, e começou a aprender o ofício, aos 14 anos de idade. Dono de rara inteligência e um grande poder de aprendizagem, Geraldo, em pouco tempo, se tornou um exímio alfaiate, e seus serviços passaram a ser requisitados pelos pontenovenses tanto quanto os do próprio Sinval.

Além de sua grande vocação e dedicação ao trabalho, Geraldo também desde cedo mostrou uma enorme tendência à boemia, ao consumo de bebidas alcoólicas, ao jogo de sinuca e às conquistas amorosas.

Apesar de haver iniciado o namoro com Guiomar Pacheco Ferreira, filha de família tradicional de Ponte Nova, aos 19 anos, Geraldo dedicava as altas horas das noites de sextas e sábados ao encontro com os



amigos na “Fuzarca”, como era denominada a zona de prostituição da cidade. Lá, entre doses de conhaque e jogos de sinuca, praticava o jogo do amor com numerosas prostitutas, todas suas conhecidas.

Assim, Geraldo foi levando a vida na sua cidade do interior mineiro, sempre protelando um desfecho matrimonial com Guiomar. E conseguiu fazê-lo por 16 anos, apesar de haver noivado e marcado casamento para o dia 10 de setembro de 1945.

Um fato inesperado, porém, veio alterar todos os planos de vida de Geraldo Alfaiate. Num dia de intenso calor, em fevereiro de 1945, Geraldo foi procurado por dois empregados do fazendeiro Vicente Fialho, homem poderoso, dono de terras e imensos canaviais, na localidade de Vau-Açu, um minúsculo distrito rural de Ponte Nova. Os empregados disseram que o “Coronel” Vicente havia solicitado a presença de um alfaiate do “atelier” do Sinval, podendo ser o próprio Sinval ou o seu ajudante Geraldo, a fim de tirar medidas e escolher o tecido para um terno que usaria no casamento da filha mais velha, Eva, marcado para março daquele ano. Foi Geraldo o indicado para a tarefa e, então, ele acompanhou os empregados a cavalo, até a fazenda do poderoso Vicente.

Lá, enquanto esperava pelo “Coronel” Vicente para iniciar o trabalho, Geraldo Alfaiate conheceu a bela Maria Fialho de Paiva, e se apaixonou pelo olhar carinhoso, o jeitinho meigo e o sorriso arrebatador daquela camponesa de 28 anos de idade.

Maria era sobrinha de Vicente e estava visitando a prima Eva, as duas já bastante excitadas pela aproximação da data do casamento. Apesar de filha da irmã de Vicente, Maria e sua família passavam por sérias dificuldades financeiras, já que seu pai, outrora rico, havia perdido toda a fortuna em maus negócios realizados, e havia falecido, deixando a mulher, Anita e 18 filhos, com muitas dívidas e poucos recursos. A família habitava uma modesta residência, localizada nas terras de Vicente, ali mesmo em Vau-Açu.

A atração entre Geraldo e Maria foi imediata e avassaladora. Geraldo passou a diariamente, às noites, após terminar seu namoro com

Guiomar, a ir para a estação ferroviária de Ponte Nova, onde às 22 horas tomava o expresso que ia em direção ao Rio de Janeiro, e que passava por Vau-Açú 20 minutos mais tarde. Lá saltava, aproveitando a curta parada do comboio, e encontrava-se com a amada no local pré-combinado, ela que todas as noites, após a mãe adormecer, fugia em direção aos braços do amante.

Após o idílio noturno, Geraldo regressava a Ponte Nova, atirando-se, completamente despido, nas águas turbulentas do Rio Doce, naquele local conhecido pelo nome de Rio Piranga, que corria em direção a Ponte Nova. Exímio nadador, carregando suas roupas em um saco plástico fechado, Geraldo deixava o rio no Bairro da Rasa, próximo a sua casa, onde na privacidade da escuridão, se vestia e ia dormir para trabalhar pela manhã.

Apesar de estar conscientizado de seu amor por Maria, e seu conseqüente desamor pela noiva Guiomar, Geraldo se sentiu impotente e incapaz de terminar o seu noivado, já que a pressão familiar era muito grande para que o casamento ocorresse em setembro, como estava previsto. A única solução encontrada para que a união entre Geraldo e Maria se concretizasse era a fuga para longe de Ponte Nova.

No dia 2 de setembro de 1945, Geraldo embarcou no expresso e, em Vau-Açu, recebeu a companhia de Maria, que o aguardava na estação. Apenas com as roupas que vestiam naquela noite, o casal viajou em completo sigilo para o Rio de Janeiro, onde um primo de Geraldo, previamente avisado do fato, os aguardava na Estação Ferroviária da Leopoldina, tendo-os abrigado em sua casa, na Travessa de São Carlos, no Estácio de Sá. Maria retornou a Ponte Nova, quase três anos depois, para dar vida ao primeiro e único filho do casal. Geraldo só foi visto em Ponte Nova em 1960. Nessa época, Guiomar e sua família já haviam deixado a cidade, mudando-se para Rio Casca.

Logo ao chegar ao Rio de Janeiro, Geraldo, valendo-se de sua experiência profissional como alfaiate, arranhou emprego em uma das mais famosas alfaiatarias da cidade, o Magazine Lerex. Maria dedicava-se à casa e, como também, conhecia o ofício da costura para mulheres,

produzia economicamente para a família, trabalhando como costureira autônoma no Estácio de Sá. E, assim, as condições financeiras do casal melhoraram enormemente e se estabilizaram, o que possibilitou a mudança da casa do primo, na Travessa de São Carlos, para uma casa alugada na subida do Morro do São Carlos, a casa de número cinco na Rua de São Carlos, 595, a qual fazia parte do conjunto de casas, que um ano mais tarde foi comprado pelo casal Salvatore e Sandrina Foscolo. Foi nessa casa, que após junho de 1948, cresceu o filho do casal Nascimento, batizado como Antonio e conhecido na localidade como Toninho “Sandália”. E ele cresceu lado a lado com Garboso Infante.

A vida, conspirou, porém, contra o casal Geraldo e Maria Nascimento. Naquela época, no final da década de 1940 e início da de 1950, a economia em todo o Território Brasileiro cursava um trajeto marcado pela instabilidade e a incerteza. As leis que regiam o trabalho eram consideradas obsoletas e modificações que visavam a proteger os empregados em detrimento dos empregadores estavam acontecendo a todo instante. Isto acarretou uma grande insegurança nos empregadores, que levou a um acanhamento nos investimentos, parada de crescimento na indústria e no comércio, bem como aumento do desemprego. Várias firmas, que outrora gozavam a reputação de sólidas e inabaláveis, vieram a declarar falência e fechar as portas. E este foi o caso do Magazine Lerex. O gigante da confecção de roupas masculinas no Rio de Janeiro cerrou as suas portas em definitivo no dia 13 de setembro de 1949. Os funcionários viram-se desempregados, sem qualquer amparo financeiro ou jurídico, e Geraldo regressou para o Morro do São Carlos, cabisbaixo, não havendo conseguido um novo emprego, para afogar suas mágoas e desditas nos copos de conhaque, sentado a uma mesa no Botequim do Baixinho.

E assim, naquela manhã de segunda-feira do mês de novembro de 1967, Garboso Infante amparava o desolado Geraldo Alfaiate, levando-o em direção à sua residência.

“Porra, Geraldo, você precisa sair dessa, meu “chapa”. Logo pela manhã, já neste estado de embriaguez. O que é isso, meu velho? Você sabe, cresci junto de vocês, você, Dona Maria e o Toninho. Depois da morte do meu “velho” passei a te considerar como um pai, Geraldo. Você possui uma família tão bonita, meu amigo. Dona Maria é uma mulher de tanto valor, todos nós aqui no Morro a respeitamos. E o Toninho? Um menino brilhante, já na faculdade de medicina, vai ser médico, Geraldo. É o orgulho do São Carlos, meu amigo. Você tem que sair dessa, meu “chapa”, pra viver com intensidade a sua linda família.”

“...nada dá certo... nada, Garboso. Minha vida é uma “merda”. Desempregado, não arranjo nada. Meu menino está na faculdade, está precisando de minha ajuda para garantir uma vida mais fácil pra ele, e eu? O que sou eu? Um desempregado, um bêbado nojento, um sem-vergonha...nada dá certo, Deus meu, nada... eu tento, Garboso... tento arranjar uns servicinhos de costura aqui e ali, mas nada dá certo, que desgraça... é “calote”, um atrás do outro... uma merda de vida.”

“Não fale assim, meu velho. Mas diga-me, você tem ganhado muito “calote” do pessoal, Geraldo?”

“Puxa, é o que mais acontece. Os “filhos da puta” me encomendam uma roupa, compro a fazenda, o aviamento, me esmero na confecção da roupa, e aí, na hora de receber, os “putos”, os desgraçados me dão o “cano”, passam a fugir de mim, como o diabo corre da cruz...”

“Mas quem é esse “pessoal”, Geraldo? É gente nossa, do São Carlos?”

“Não, é gente lá de baixo. Não vou aceitar mais serviço dessa gente. É tudo gente de bem, com “grana”, mas sem caráter.”

“Não, velho, você não pode recusar serviço. Você é um profissional, e precisa ter seu serviço respeitado. Eu não sabia que isso estava acontecendo, “velhão”. Você deveria ter vindo a mim, assim que esses “calotes” começaram. Isso não tem cabimento, meu amigo. Então essa sua crise, hoje, ela é resultado de algum desses “calotes”?”

“Veja você, Garboso, aceitei essa encomenda de serviço desse gerente de banco. Ele parecia uma pessoa de caráter. Mandou me

chamar pra ir à casa dele, disse-me que o irmão dele estava para casar e que ele precisava fazer um terno da melhor qualidade. Pediu um linho importado, veja você, gastei uma “baba” só na compra do linho, o aviamento foi de primeira, dediquei vários dias preparando o terno, só de provas foi um tempo imenso que passei indo à residência dele, e aí, quando aprontei o terno, levei à casa dele com a continha. O linho custou trezentos, gastei cem de aviamentos e cobreí duzentos da mão de obra, seiscentos no total. Aí ele disse que não tinha dinheiro “vivo” naquele momento, mas que no dia seguinte mandaria um “boy” do banco trazer o dinheiro aqui em casa...”

“E não mandou, Geraldo?”

“Não. Esperei alguns dias, quase um mês, mas estamos precisando do dinheiro. Sabe, pra comprar a fazenda e o aviamento tive que abrir uma “continha” no Miveste. Eles estão cobrando. O Venceslau, o gerente do Miveste, é um cara legal, mas ele disse que não pode esperar mais. São quatrocentas “pratas” e não temos esse dinheiro. Estou no desespero. O gerente do banco não me recebe mais, nem no banco, nem em casa. Manda dizer sempre que não está. Não sei o que fazer, Garboso. Tô “fudido”.”

“Não, não, não está, meu querido. Quem é esse gerente e qual o banco e a agência que ele comanda?”

“O nome dele é Afrânio. Dr. Afrânio Augusto de Oliveira. Quem indicou o meu nome a ele foi o Seu Nino, do açougue. Parece que Seu Nino é cliente do banco que o Dr. Afrânio gerencia.”

“E que banco é esse, Geraldo? E você sabe onde ele mora, teve lá várias vezes.”

“É o Banco de Desenvolvimento Mercantil do Estado do Paraná. Fica no Largo da Segunda-feira.”

“Certo. E o homem, onde mora?”

“Mora na Conde de Bonfim, entre o Largo da Segunda-feira e a Praça Saenz Pena.”

“Você sabe o número, meu velho?”

“Está aqui no bolso da camisa. Dá pra pegar?”

“Dá. Hum...Conde de Bonfim, 380, apartamento 701. Confere?”

“Certo. É um prédio novíssimo. Prédio de gente rica, um apartamento por andar.”

“Olá, Dona Maria. Sabe, o nosso Geraldo não está nada bem hoje. Trouxe ele lá do Baixinho. Precisa muito de um bom banho e uma cama para curar essa mágoa. E sabe, Dona Maria, uma mágoa sem nenhum sentido, porque ouvi dizer que o Dr. Afrânio dentro dos próximos dias vai mandar o “boy” aqui na casa de vocês trazendo o dinheiro. É uma questão de tempo, e de pouco tempo.”

“Você ouviu dizer que ele ia mandar o dinheiro?”

“Ouvi, Geraldo, acredite. Quando se fica ali no Botequim do Baixinho o dia inteiro, como eu fico, ouve-se muita coisa. Ouvi isso de fonte muito segura. Você pode esperar com fé, meu velho.”

“Obrigada, Marcello. Sabe, meu filho, não sei o que seria de nós, se não fossem você e Sandrina. Sabe, o mês que passou não houve dinheiro para quitar o aluguel, e vocês estão tranquilos, esperando. Oh, meu filho, como devemos a você e a sua mãe.”

“Que é isso, Dona Maria? Somos todos membros de uma única família. Gostamos demais de vocês, o Toninho é como um irmão, o irmão que não tive, naturalmente. Portanto, não se preocupe. Vocês não nos devem nada, absolutamente nada. Ganho mais que o suficiente pra mim e pra minha mãezinha. Por favor, não fale mais nisso. Agora vai cuidar do Geraldo, preciso voltar lá pro Baixinho.”

“Deus te abençoe, querido.”

O porteiro Manuel ficou furioso ao ver aquele Opala cinza estacionado na rampa da garagem do edifício.

“Como é, meu companheiro, você já está parado aí há uns quinze minutos. Será que não deu pra perceber que isto é uma entrada de garagem? Não deu pra enxergar a placa imensa que diz que é

proibido estacionar? Será que terei que chamar a polícia pra você tirar o carro daí?”

“Não, basta abrir o portão pra eu entrar na garagem. Vamos logo, abra o portão.”

O “38” na mão direita de “Da Ida”, apontado para Seu Manuel, dispensava qualquer explicação. Ele, imediatamente, abriu o portão. Também, imediatamente, dois outros carros, dois “fusquinhas”, chegaram e pararam logo atrás do Opala dirigido por “Da Ida”. Os três carros entraram pelo portão aberto, e do segundo “fusca” saltaram “Maravilha” e Roma 45, que ordenaram que Seu Manuel fechasse o portão e caminhasse com eles até a portaria. Os três carros subiram a rampa e foram estacionados no primeiro piso da garagem. Logo depois, “Da Ida”, Marinho, “Tísico”, Miguel da Mena, “Lelé” e “Da Laura” juntaram-se a “Maravilha”, Roma 45 e Seu Manuel, na portaria. “Lelé” carregava um “bouquet” de rosas.

‘Qual o seu nome, meu chefe?’

‘Manuel. Manuel de Jesus Silveira.’

“OK, Seu Manuel. Agora o senhor vai nos fazer um pequeno favor. Vai telefonar para o 701 e dizer que chegou um mensageiro trazendo rosas para a Dona Elizabete. Diga que o senhor vai enviar o Jacinto, um empregado novo da portaria, que está começando hoje a trabalhar no prédio, acompanhando o mensageiro da floricultura. Mas cuidado com o que vai falar, Seu Manuel. O senhor tem filhos?”

“Tenho dois, meu senhor. Um garoto de dez anos e uma menina de oito.”

“São muito jovens pra se tornarem órfãos.”

Ao dizer a última frase, Roma engatilhou uma de suas “45” e apontou pra cabeça do trêmulo Manuel.

“Pode ligar.”

“Alô, oi Rosalva. Olhe, chegou um mensageiro de uma floricultura trazendo um “bouquet” de rosas pra Dona Elizabete. Ele vai subir acompanhado do Jacinto.”

“O Jacinto está começando a trabalhar hoje no prédio, você ainda não o conhece.”

“OK. Eles estão subindo neste momento. “Tchau”.”

“Da Ida” e “Maravilha” ficaram na portaria com o Seu Manuel, enquanto os outros seis subiram no elevador. Foram direto ao oitavo andar, onde Marinho, “Tísico”, Miguel da Mena e “Da Laura” saíram e imediatamente tomaram as escadas, ficando escondidos entre o sétimo e o oitavo andar. O mensageiro “Lelé”, carregando as rosas, e o novo empregado do prédio, Roma 45, desceram no elevador até o sétimo andar e tocaram a campainha do único apartamento.

Foi muito fácil para Roma 45 e seus cinco asseclas penetrarem no apartamento, após a empregada Rosalva haver aberto a porta. Ainda mais fácil foi dominar Rosalva, a babá Lindaura, Dona Elizabete, e Cézar Augusto e Bernardo, os dois filhos do casal Afrânio e Elizabete, de três anos e oito meses de idade, respectivamente.

“Olhe, madame, estamos aqui numa missão muito especial. Não é nosso objetivo fazer mal algum à senhora, aos seus dois filhos e as suas empregadas. Todos nós adoramos crianças, e alguns de nós aqui presentes têm filhos. Portanto, tranquilize-se, pois se todos colaborarem com o sucesso de nossa missão, todos sairão ilesos, sem um ferimento sequer; mas fique ciente que não hesitaremos um segundo em usar de violência, se o sucesso da missão vier a depender disso.”

“Agora vou precisar usar o seu interfone para me comunicar com a portaria. Acredito que ele deve ficar na cozinha, não é mesmo, Rosalva?”

“Sim, senhor.”

“Ótimo. Você, Rosalva, venha comigo. Rapaziada, olho na madame e no resto do pessoal.”

“Seu Manuel, por favor, passe o interfone pro meu amigo branco, de terno.”

“Da Ida” veio ao aparelho.

“Pode ir ao banco. Ficarei esperando a ligação.”



“Da Ida” foi a garagem apanhar o Opala, enquanto Seu Manuel, sempre vigiado por “Maravilha”, abria o portão da garagem. O Opala deixou o edifício e tomou a Rua Conde de Bonfim, em direção ao Largo da Segunda-feira, e estacionou próximo ao Banco de Desenvolvimento Mercantil do Estado do Paraná.

“Por gentileza, gostaria de falar com o gerente, Dr. Afrânio.”

“Quem deseja falar com ele?”

“Dr. Marcel Jucá Ribeiro, advogado. Vim a serviço da esposa do Dr. Afrânio, a Dona Elizabete.”

“Por favor, aguarde um minuto.”

A secretária necessitou de um período curtíssimo para voltar e pedir a “Da Ida” para entrar no escritório da gerência.

“Dr. Afrânio? Sou o Dr. Marcel Jucá Ribeiro, advogado da Senhora Elizabete Oliveira, sua esposa.”

“Não estou entendendo, senhor. Não chegou ao meu conhecimento que minha mulher tenha constituído um advogado, e se o fez, não consigo achar uma razão plausível para o fato.”

“Se o senhor pedir que sua secretária nos deixe a sós, será muito fácil para mim colocá-lo a par do problema que me trouxe ao seu escritório.”

“Dona Vera, por favor, volte a sua mesa e feche a porta quando sair. Gostaria de não ser incomodado por ninguém, enquanto este senhor estiver aqui no meu gabinete.”

“Pois não, Dr. Afrânio. Os senhores gostariam de um café ou um copo d’água mineral?”

“Eu não, Dona Vera. Quanto ao senhor, Doutor...?”

“Marcel. Não, eu estou bem, obrigado.”

“Obrigado, Dona Vera.”

“Pois não, Dr. Marcel? Podemos conversar agora. Estou tremendamente curioso.”

“Da Ida” abriu a maleta que carregava, retirou dela o seu revólver “38”, e apontou para o Dr. Afrânio.

“Por favor, deixe a sua poltrona, muito cuidado para não tocar no botão da campainha, aí debaixo de sua mesa, e venha sentar-se nesta cadeira, aqui ao meu lado.”

“Assim está ótimo, Dr. Afrânio. Tenho ordens para solicitar que o senhor ligue para a sua residência, de imediato. Mas, por favor, não tente nenhum truque para o seu próprio bem e o bem-estar de sua linda família. Ligue agora.”

As mãos trêmulas do gerente alcançaram o telefone, e com voz grave, ele solicitou uma linha à telefonista do banco. Os dedos trêmulos discaram o número de sua residência, sob o olhar atento de “Da Ida”.

“Alô?”

“Quem está falando?”

“Olá, Dr. Afrânio. Sou um amigo da família, pode acreditar. Meu nome não é importante neste momento. Só quero que o senhor acredite nas minhas boas intenções em relação à sua linda família.”

“Elizabete está aí com você? E minhas crianças? Onde estão eles? Por favor, não faça mal a eles.”

“Isto é um fato que dependerá pura e exclusivamente do senhor, Dr. Afrânio. Se encontrarmos no senhor compreensão e ajuda, acredite que sua família nada sofrerá.”

“O que o senhor quer? Dinheiro? Quanto?”

“Calma, Dr. Afrânio. Primeiro, para lhe tranquilizar, vou passar o telefone para a sua linda esposa. Ela irá lhe colocar a par de tudo o que ocorreu e está ocorrendo aqui em sua casa.”

“Afrânio?”

“Bete? Como está você?”

“Estou bem, querido. E as crianças estão bem, também. Eles estão sendo muito gentis conosco. Não nos fizeram mal algum. Mas, creio, que não estão brincando, querido. Acho melhor atendê-los nas exigências deles, se for possível.”

“Bete, meu anjo, e nossas crianças estão assustadas?”

“A Madame Elizabete foi ver o Bernardo, Dr. Afrânio. Acho que está na hora dele mamar. As nossas exigências serão simples e muito possíveis, pode acreditar. Mas antes de começarmos a tratar de negócios, tem um pequenino muito especial, querendo lhe enviar um beijo.”

“Papai...Um beijo, papai, te amo...”

“Oi, Cezinha, minha vida. Papai te ama muito, também, meu amor.”

“É um garotão lindo, Dr. Afrânio. Meus parabéns.”

“Por favor, diga logo o que deseja de mim.”

“Para começar, sabemos que o senhor deve ter aí no banco um cofre sigiloso, só seu, com dólares. Sabemos, de fonte limpa, que o senhor compra dólares num “doleiro” da Praça Mauá, no Edifício número um da Avenida Rio Branco. Então, de imediato, o senhor vai, na companhia do Dr. Marcel, com cuidado para não levantar suspeitas, ao setor dos cofres pessoais, e vai retirar de seu cofre cinquenta mil dólares, voltando então ao seu escritório, quando então entregará a quantia ao Dr. Marcel. Mas, cuidado, tudo deve ser feito sem levantar suspeitas, isto é, se o senhor pretende viver o dia de amanhã junto à sua família. Quando regressar ao escritório, volte a ligar para sua residência. Estarei esperando. O senhor tem 20 minutos. Depois disso não mais verá sua mulher e seus filhos com vida.”

“Alô?”

“Sou eu, o Afrânio. Tudo feito como exigiu.”

“OK, Dr. Afrânio. Por favor, passe o fone para o Dr. Marcel.”

“Tudo feito como foi solicitado. Estou com as “verdinhas”. Vou passar o fone novamente ao Dr. Afrânio.”

“Excelente, Dr. Afrânio. Passamos pela primeira fase da nossa missão com louvor. Vamos agora à segunda parte. O senhor desapontou muito um amigo nosso, Dr. Afrânio. Sabe, o senhor pediu a esse amigo para lhe confeccionar um terno; ele usou toda a perícia na confecção da

roupa, gastou um dinheiro que, na verdade, não possuía, comprando o tecido caro que o senhor demandou, assim como todos os aviamentos de luxo que a qualidade da roupa confeccionada exigia, colocou horas e horas de trabalho árduo na preparação da roupa e, no final, Dr. Afrânio, ele não recebeu o que merecia. Só posso acreditar que o senhor tenha esquecido de enviar o pagamento. O senhor ainda tem lembrança desse amigo nosso?”

“Acho que estou lembrado.”

“Ótimo. Por isso viemos aqui nessa missão muito especial. Para lembrá-lo do nosso bom amigo, Dr. Afrânio. Sabe, ele está triste, muito triste, não está conseguindo nem trabalhar. Soube até mesmo que se entregou por completo à bebida. Muito, muito triste mesmo. E ele é tão querido por todos nós, Dr. Afrânio. Acredite. Ele tem uma família tão bonita quanto a sua, mas em risco de sofrer as consequências de sua revolta, da autodestruição, daquela boa alma. Mas, tenho certeza, Dr. Afrânio, que o senhor evitará que isto ocorra, não é mesmo?”

“Vocês já estão levando cinquenta mil dólares. O que mais desejam de mim?”

“Por favor, não se exalte, Dr. Afrânio. A exaltação pode ser prejudicial à sua saúde. Queremos que entenda que os dólares que levaremos servirão apenas como uma garantia para nós. Eles serão devolvidos quase que por inteiro ao senhor, quando a segunda parte da missão for cumprida como será determinada. Digo e repito, os dólares serão devolvidos quase por inteiro, pois cobraremos uma taxa operacional para cobrir gastos provenientes da execução desta missão. E, acredite, será devolvido assim que a missão for cumprida pelo senhor.”

“Diga o que deseja de mim.”

“Queremos resgatar a confiança na vida e no trabalho honesto na alma de nosso amigo, e isto só será conseguido com a sua ajuda. Este é o plano, escute com atenção: amanhã, por volta do meio-dia, o senhor enviará um mensageiro do seu banco, vestindo a camisa do banco, carregando com ele uma pasta contendo três mil cruzeiros. Eu sei que essa quantia é cinco vezes mais o que lhe foi cobrado, mas o senhor

deve entender que vivemos num período de turbulência econômica, inflação, e que o seu esquecimento deve sofrer alguma punição. Sei que concorda comigo, como um homem de negócios que o senhor é. Então, como falava, o seu mensageiro, vestindo a camisa com o símbolo do banco e levando três mil cruzeiros em uma pasta, deve chegar de táxi no Largo do Estácio e subir a pé a Rua de São Carlos. Não se preocupe, ele não será molestado. Um de nós virá encontrá-lo ainda no início da Rua de São Carlos e o escoltará até o número 595 da referida rua, onde ele baterá na porta da casa número cinco, e deixará com quem o receber à porta os três mil cruzeiros e um bilhete assinado pelo senhor, desculpando-se pelo seu grave esquecimento. Depois disso, aquele indivíduo que estiver escoltando, dará ao seu mensageiro os dólares, já descontada a taxa operacional, e o acompanhará até o Largo do Estácio, onde ele deverá tomar um táxi de volta ao banco. Acho tudo muito simples. Concorda?”

“Sim.”

“Está tudo entendido, Dr. Afrânio?”

“Sim.”

“Bem, é desnecessário lhe aconselhar, mas de qualquer maneira o farei. Temos completa visão de suas ações, Dr. Afrânio. Somos informados de todos os seus passos. Sabemos onde mora e onde trabalha. Portanto, acho desaconselhável entrar em contato com a polícia. Colocar a polícia na missão, com certeza, adicionará um risco desnecessário, que irá conviver com o senhor e sua bela família. Portanto, se a missão for cumprida, e a polícia for mantida fora de nosso negócio, o seu prejuízo será apenas de ordem material, e o senhor deve concordar comigo, será irrisório. Estamos combinados, Dr. Afrânio?”

“Sim.”

“OK. Então agora o Dr. Marcel irá se retirar, ele não deve ser molestado e, sequer, seguido. Assim que ele chegar a um local seguro, ele entrará em contato conosco e, então, deixaremos a sua residência e a sua família em paz. Está entendido?”

“Sim.”

“Então, por favor, coloque o Dr. Marcel no aparelho.”

“Olá, pode falar.”

“Retorne, ligue da portaria do prédio. E dê o fone de novo ao Dr. Afrânio.”

“Sim, o que mais?”

“Estamos combinados. Esperaremos o desfecho da missão amanhã. Mas, lembre-se, sempre poderemos retornar a sua residência, embora esta não seja a nossa intenção neste momento.”

“Entendo.”

“Pois bem, obrigado pela sua compreensão. Dê uns 30 minutos a partir deste momento, e torne a ligar para sua residência para conversar com a Madame Elizabete. Adeus, Dr. Afrânio.”

“Da Ida” saiu calmamente do banco, após se despedir de Dona Vera. Caminhou até o Opala, sempre carregando a maleta com a arma e os cinquenta mil dólares. Seguiu em direção à Praça Saenz Pena e, ao chegar ao edifício 380 da Rua Conde de Bonfim, foi recebido pelo Seu Manuel e por “Maravilha”. Ligou para o apartamento 701, e então todo o grupo desceu e deixou o prédio nos três carros, depois de afirmarem a Dona Elizabete e ao Seu Manuel que voltariam para matá-los, caso a polícia fosse avisada.

Tudo ocorreu como fora planejado. Às 12 horas e 15 minutos do dia seguinte, o mensageiro, trajado com a camisa do Banco de Desenvolvimento Mercantil do Estado do Paraná e levando na mão direita uma maleta, desembarcou de um táxi no Largo do Estácio, e imediatamente rumou para a Rua de São Carlos, começando a subida. Foi, um pouco depois, abordado pelo “Ratinho”, que, também levando uma maleta na mão direita, o cumprimentou, apontou para a subida da rua e colocou-se ao lado do mensageiro na sua caminhada em direção ao morro. Ao chegar à porta da casa cinco da Rua de São Carlos, 595, eles foram recebidos por um desconfiado e aturdido Geraldo Alfaiate, que mal podia acreditar, quando recebeu os três mil cruzeiros e o bilhete

apologético enviado pelo Dr. Afrânio. Após deixarem a porta da casa de Geraldo, Ratinho abriu sua maleta e deu ao mensageiro 35 mil dólares, e o acompanhou até o Largo do Estácio, onde ele embarcou em um táxi, indo em direção ao banco no Largo da Segunda-feira.

Uma hora mais tarde, “Da Ida” comandou a divisão de quinze mil dólares pelos integrantes da quadrilha, todos presentes na divisão, que aconteceu na Sede da Escola de Samba Unidos do São Carlos.

Dr. Afrânio Augusto de Oliveira, aparentemente, se satisfaz com os 35 mil dólares que foram a ele retornados, e não comunicou absolutamente nada à polícia. Tanto ele quanto sua família não foram mais incomodados pelo Roma 45 e sua “gang”, mas, apesar disto, poucos meses após, solicitou ao banco a sua transferência para Curitiba, voltando assim a sua cidade natal.

Geraldo Alfaiate saldou sua dívida com o armarinho Miveste e continuou sua vida de alfaiate e alcoólatra. Ele faleceu em março de 1983, aos 73 anos de idade, vitimado por um avassalador acidente vascular cerebral. Os que acompanharam os seus últimos dias de vida, preso a um leito de uma clínica médica na Rua Farne de Amoedo, em Ipanema, contam que na cabeceira do leito havia um porta-retrato mostrando a foto de Toninho “Sandália” e Garboso Infante, fantasiados de piratas, no carnaval de 1955. Contam, também, que o moribundo Geraldo passeava o seu olhar remelento pela fotografia, parando na imagem de cada um dos garotos, e no seu olhar não podia se notar diferença na intensidade da ternura que depositava nas imagens de cada um deles.

## O HOTEL BILTMORE

A maioria dos habitantes do Morro do São Carlos era constituída por pessoas honestas e decentes, que procuravam por meio do trabalho árduo e também legal, conseguir os meios econômicos que possibilitariam uma sobrevivência humilde, porém digna. Eram milhares de homens e mulheres, que diariamente, às vezes até precedendo o raiar do sol, deixavam o conforto e a segurança de suas humildes residências, e iam em direção ao trabalho. Muitos deles eram pais e mães de numerosos filhos, e que, por completa insuficiência econômica para manter os filhos sob os cuidados profissionais de creches, deixavam as crianças, muitas delas no primeiro ano de vida, sem a companhia de adultos, apenas confiando no poder deficiente de responsabilidade e iniciativa de irmãos um pouco mais velhos ou, então, nos olhares distantes de vizinhos.

Evidentemente, a distância entre pais e filhos no dia a dia e a deficiência de vigilância paterna na criação dos filhos eram os grandes responsáveis por sérios acidentes que acarretavam importante morbidade na população infantil do morro, assim como levavam, também, a importantes distúrbios na formação educacional, moral e psicológica das crianças.

A alimentação de material humano na criminalidade do Morro do São Carlos crescia a cada ano, e era feita quase que inteiramente dessa população infantil que a cada dia se mostrava mais desprotegida e desfavorecida da supervisão e orientação dos pais, que também a cada dia mais se afastavam dos seus humildes lares, movidos pela carência econômica.

Fazia-se necessária a criação de mecanismos que pudessem substituir a guarda e supervisão paternas em relação à grande população infantil do morro. Ao mesmo tempo, era necessário afastar as crianças



da influência nociva das ruas da região, principalmente ocupando essas crianças com atividades culturais, artísticas e esportivas.

E esse era exatamente o sonho maior de Garboso Infante. O sonho, quase que irrealizável, da fundação e manutenção de um centro cultural, social e esportivo, lá no alto do Morro do São Carlos, um centro que possuísse uma creche bem equipada do ponto de vista material e humano, que desse aos pais do São Carlos a segurança de que lá deixando os filhos menores, estes seriam zelados e orientados com vistas a uma formação cultural, moral e psíquica, que os conduzisse em suas vidas futuras. Para manter tal instituição, Garboso Infante contava com a promessa dos comerciantes do bairro, incluindo o seu próprio patrão, Fininho. Era, entretanto, necessários a construção e a equipagem do centro, o que demandaria uma significativa quantidade de dinheiro. Este sonho, porém, se tornou possível de realizar, após a informação obtida pelo Roma 45 da chegada ao Rio de Janeiro, de um importante empresário dos Estados Unidos, o qual se hospedaria no Hotel Biltmore, na Praia de Ipanema.

Genésio morava no Morro do São Carlos há duas décadas e meia, e trabalhava como porteiro e manobrista de garagem do Hotel Biltmore, localizado na Avenida Vieira Souto. Foi ele que uma noite, ao parar para tomar um “trago” no Botequim do Baixinho, sem ao menos desconfiar, lançou a pedra fundamental do projeto.

“Porra, cara, que trabalheira no hotel esta semana. Estamos preparando para receber um gringo ‘recheado’ na semana que vem, e aí, meu “chapa”, a coisa ficou feia. Imagine que meu turno de trabalho termina normalmente às quatro horas da tarde, mas devido a essa “porra” tenho ficado até as sete.”

“Mas o cara já chegou?” Perguntou o Baixinho.

“Não, só pra semana. Mas temos que treinar, cara. Não pode haver falhas.”

Roma 45, sentado à mesa de sempre, interessou-se pela história.

“Quem é o cara, Genésio?”

“Parece que é um graúdo da Ford. Acho que é o presidente da companhia, que virá a São Paulo e ao Rio para lançar o último modelo da Ford no Brasil.”

“Sabe o nome dele?”

“Sei não. Só sei que ele é “recheado”, Garboso.”

“Que tipo de treinamento está acontecendo? Tem muita segurança envolvida nos treinamentos?”

“Treinamento de todo o tipo, cara.. Até a cozinha, pois parece que o homem só come uma comida muito especial. Mas segurança, eu não tenho visto muito. Parece que ele vai ocupar um dos andares, que será totalmente isolado, sendo só ocupado por ele e sua comitiva. Um segurança ficará dia e noite na portaria e dois ficarão no andar, todos bem armados.”

“Três seguranças apenas?”

“Foi o que vi e soube.”

“OK, Genésio. Quando é que o cara vai chegar ao Rio de Janeiro?”

“Quinta-feira da próxima semana, e irá embora no sábado. Serão apenas três dias.”

“OK. Agora, Genésio, vê se esquece que conversamos sobre isto, entendido?”

“Já esqueci, Garboso. Mas, e os outros aqui do bar?”

“Eles também já esqueceram por completo, tenho certeza. Não é mesmo, moçada?”

“Claro... claro.”

A quinta-feira, dia 28 de janeiro de 1969, transcorreu tranquila na Avenida Vieira Souto, em Ipanema. Nem mesmo a chegada de uma comitiva de carros particulares ao luxuoso hotel, que ficava localizado na esquina da Vieira Souto com Joana Angélica, atraiu em demasia a atenção dos pedestres, que passavam pelo local, naquele início de

tarde. Era a chegada do Mr. Allan Carl Bishop, presidente da Ford Corporation, cuja sede ficava em Pontiac, cidade vizinha a Detroit, Estado de Michigan, nos Estados Unidos da América.

Mr. Bishop havia assumido a Presidência da Ford Corporation há 18 anos, levado pela necessidade de mudança na cúpula executiva da companhia, a fim de incrementar a produção e tirar a empresa do marasmo comercial, que já durava cerca de três anos. A Ford Corporation havia sentido o impacto da entrada no mercado automobilístico dos EUA das concorrentes japonesas, principalmente a Toyota e a Honda, com suas propostas inovadoras. Na verdade, a Ford começou a perder espaço, até mesmo para concorrentes nacionais, como era o caso da General Motors, que outrora sempre se contentava em brigar por uma fração bem menor do mercado.

E ninguém melhor do que Allan Bishop para promover esta mudança na personalidade empresarial da companhia, trazendo ideias audaciosas, agressivas e inovadoras na linha de produção da empresa. Verdadeiro artista, possuidor de imaginação ilimitada, ele já havia demonstrado a sua capacidade executiva, quando levou a Ford Corporation, Setor Europa, aos primeiros lugares de produção e vendas no competitivo mercado automobilístico do Velho Mundo.

E, logo no início de sua gestão, Mr. Bishop revolucionou a linha de produção da Ford Corporation e, conseqüentemente, todo o mercado automobilístico nos Estados Unidos da América, com a sua ideia inédita e inovadora da criação do modelo esporte-utilitário. A ideia parecia simples, criar um modelo de carro que atendesse a demanda estética do homem de vida urbana, mas, ao mesmo tempo, associando força, tração e durabilidade, próprias dos veículos utilitários, que agradasse também ao homem do campo. E, então, após um ano de presidência, a Ford Corporation anunciou o lançamento do Ford “Ranger”, um modelo esporte-utilitário, com motor de seis cilindros e tração nas quatro rodas.

Após o sucesso estrondoso do Ford “Ranger” nos Estados Unidos da América, pareceu um passo mais do que natural a introdução do modelo na América do Sul, e, para isso, a fábrica da Ford Corporation,

no Estado de São Paulo, desempenharia um papel relevante e estratégico. Era uma cartada decisiva na tentativa de conter o crescimento da rival alemã, Volkswagen, no Continente sul-americano, e por isso a iniciativa necessitava de um suporte de “marketing”. E para potencializar o processo de propaganda, o próprio Mr. Allan Bishop em pessoa deixou Detroit e veio ao Brasil para o lançamento do modelo. Sua parada inicial foi São Paulo, no início da semana, e ele então encerraria sua tarefa no Rio de Janeiro, de onde retornaria aos Estados Unidos no sábado, dia 30 de janeiro, após passar duas noites na cidade.

Sua presença, contudo, no Hotel Biltmore, em Ipanema, era de conhecimento restrito e não foi responsável por despertar a curiosidade dos cariocas, exceto por um grupo de homens, fortemente armados, que às 21 horas daquela quinta-feira, deixaram o Morro do São Carlos em vários carros, com destino a Ipanema.

A imagem da lua cheia refletia no mar tal qual uma explosão silenciosa, traçando um rastro de partículas prateadas, que se estendia em direção ao Calçadão de Ipanema. Naquele momento, às 23h 30min, tudo era tranquilidade no bairro, pois o movimento de carros pela Avenida Vieira Souto havia diminuído a um mínimo, e raros pedestres se aventuravam a caminhar pela orla marítima.

O cabo Gumercindo Figueiredo, fora da guarita da Polícia Militar, que ficava no canteiro entre as pistas da Avenida Vieira Souto, aproveitava a tranquilidade e o silêncio, para contemplar o mar prateado e, ao mesmo tempo, meditar sobre a sua vida. A separação da esposa, após 15 anos de união, e ocorrida da maneira que aconteceu, em consequência da revelação de um romance que ela mantinha há cerca de cinco anos, com um primo e seu melhor amigo, fora um duro golpe para o Cabo Gumercindo. Agora, para ele, solitário, já que os dois filhos adolescentes decidiram acompanhar a mãe, em sua saída de casa, só havia o consolo do trabalho. Ele, porém, pensava que poderia, assim que curasse aquela “ressaca”, tentar reconstruir sua vida afetiva e familiar. Seria difícil, mas estava ainda ao seu alcance.

Gumercindo havia iniciado seu plantão ali na guarita, em frente ao Hotel Biltmore, às 20 horas daquela quinta-feira, e sabia da presença de uma personalidade ilustre que estaria hospedada ali no hotel. O ambiente, porém, estava calmo e ele não esperava problemas até o final do seu turno, que ocorreria às quatro horas da madrugada. Foi por isso que Gumercindo estranhou quando viu aquele soldado da Polícia Militar caminhando pelo canteiro em sua direção, um soldado que ele, aliás, não conhecia e, certamente, não fazia parte do quadro de policiais baseados no Quartel da Polícia Militar da Rua Toneleros, em Copacabana, que era a sua base.

“Olá, companheiro, você está dispensado pra ir pra casa. Vim pra te substituir.”

“Puxa, pelo que saiba teria que ficar até às quatro, quando o Zé Francisco me renderia. Se houve mudança de planos, acho estranho que não me enviassem um rádio. O carro está aberto ali no estacionamento, e eu, certamente, ouviria o chamado do rádio. Não recebi nada. Muito estranho. Qual é o seu nome, soldado, e qual é a sua base? Como chegou até aqui? Onde está a sua viatura?”

Marinho, vestido como policial militar, não necessitou responder às muitas perguntas do desconfiado Cabo Gumercindo. Saindo das sombras, por trás da guarita, em passos rapidíssimos mas silenciosos, Guilherme “Baba-ovo” aproximou-se pelas costas de Gumercindo, sem ser apercebido e, agilmente, enterrou toda a lâmina de seu punhal no dorso do policial, entre a escápula esquerda e a coluna vertebral. A lâmina, pontiaguda e afiadíssima, perfurou e rasgou o ventrículo cardíaco esquerdo do infeliz Gumercindo, que faleceu instantaneamente, sem emitir qualquer som.

Enquanto “Baba-ovo” embrulhava o corpo do policial em um saco plástico e o arrastava para a Chevrolet Veraneio que havia parado naquele momento na Vieira Souto, em frente à guarita, e que tinha na direção o Marcos “Português”, Marinho apossou-se da guarita em substituição a Gumercindo. A Veraneio partiu em direção a Copacabana, deixando então a guarita da Polícia Militar sob nova supervisão. E ninguém percebeu o que ocorrera.

Passava da meia-noite quando se deu a invasão do Hotel Biltmore. E aconteceu com incrível rapidez e precisão, não dando tempo aos empregados e seguranças de reagirem ou, até mesmo, pedirem auxílio da polícia.

Os invasores chegaram em vários automóveis e, rapidamente, dominaram a portaria, a garagem, a recepção e, principalmente, a mesa telefônica. Apesar do forte armamento exibido por eles, não foi necessário um só único tiro na empreitada. No último carro a chegar, desembarcaram na porta do Biltmore, Roma 45, “Da Ida”, Toninho “Sandália” e Manuelzinho, o “Careca”, todos elegantemente vestidos com ternos escuros. No carro, que ficou parado à porta do hotel, só permaneceu o “Tísico”, na direção. “Da Ida” carregava nas mãos uma maleta de documentos.

Roma 45, imediatamente, se dirigiu ao gerente do hotel naquela noite, ele que naquele momento se encontrava imobilizado, mordendo o cano do “38” do “Caixa”, e falando pausada e claramente, explicou que o objetivo daquela missão não era matar qualquer pessoa presente ou assaltar o hotel. O que pretendiam seria ter a chance de conversar com o hóspede especial do hotel, Mr. Allan Bishop, e que a conversa seria absolutamente pacífica. Para tal fim necessitava de saber o andar e a suite na qual Mr. Bishop estava hospedado, além de ter noção precisa da quantidade de seguranças presentes no andar.

Foi então informado de que Mr. Bishop ocupava todo o último andar, o décimo-sétimo do edifício, encontrando-se na suite 1701. No andar estavam dois seguranças armados, seguranças que haviam sido enviados pelo Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro. Foi também informado de que os seguranças haviam solicitado há pouco tempo uma refeição leve, que estava sendo preparada para ser levada até ao andar.

Os carrinhos, com as refeições, subiram empurrados por “Da Mena”, “Lelé” e “Da Laura”, e juntos, no elevador, também subiram Roma 45 e “Da Ida”. A surpresa e a ação rápida e eficiente dos cinco elementos foram as causas fundamentais do êxito que obtiveram em

dominar os dois seguranças, sem haver troca de tiros. Após imobilizarem os dois ianques, que foram levados para a recepção, Roma 45 bateu à porta da suite 1701, sendo atendido por um sonolento Mr. Bishop. O revólver 45 de Roma, apontado para a cabeça do empresário, dispensou o uso desnecessário de palavras para que houvesse entendimento entre os dois homens. Roma e “Da Ida” entraram na suite, sempre com Mr. Bishop sob a mira da “45” de Roma, e “Da Ida” dirigiu-se ao telefone, solicitando a subida de “Sandália” e “Careca”.

Toninho “Sandália” e Manuel “Careca” não integravam a quadrilha de Roma 45, mas haviam sido recrutados a participar daquela missão, com o objetivo de ajudar na comunicação com o uso da língua inglesa. Naquele ano de 1969, “Sandália” e “Careca” preparavam-se para iniciar o ano letivo na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara e no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o afamado ITA, onde cursariam o terceiro ano de Medicina e o quarto ano de Engenharia, respectivamente. Ambos foram criados desde a infância no Morro do São Carlos, eram queridos por todos que lá habitavam, constituíam-se no orgulho maior daquela comunidade e eram amigos de Roma 45, ao qual não poderiam negar aquele pedido. Assim, mesmo amedrontados com as possíveis consequências que a falha da missão poderia acarretar para suas vidas promissoras, tanto Toninho como Manuelzinho compareceram com o objetivo de colaborar com Roma 45 e a sua missão social.

“Desculpe-nos pela invasão, Mr. Bishop. Nossa missão aqui, apesar do uso de armas, é de paz. Não queremos fazer uso das armas, e por isso rogamos por sua colaboração. Os nossos nomes não são importantes neste momento, Mr. Bishop. O nosso chefe é este que neste momento lhe acena, e somos todos moradores no Morro do São Carlos, uma comunidade pobre mas muito decente, que fica localizada no Bairro do Estácio de Sá, aqui mesmo na Cidade do Rio de Janeiro.”

“E o que vocês desejam de mim?”

“Primeiro, gostaríamos de pedir desculpas pela maneira como chegamos ao senhor, mas, acredite, este seria o único modo de ter êxito

em nosso objetivo. Se solicitássemos uma entrevista com o senhor, certamente ela nos seria negada.”

“Certo. Mas o que desejam?”

“Segundo, gostaríamos de pedir desculpas pela qualidade do nosso inglês. Apesar de que nós dois, que viemos prestar auxílio na comunicação com o senhor, tivemos alguma experiência com o inglês em nossa vida educacional, a falta de oportunidade de utilizarmos o que aprendemos no dia a dia, nos impede de comunicarmos com perfeição.”

“Bem, o inglês de vocês é aceitável, mas na suite ao lado encontra-se um dos meus assessores, o qual fala português com muita fluência e poderia servir como intérprete em nossa conversa. Eu poderia chamá-lo, se vocês concordassem.”

“Claro, por favor ligue para ele. Diga que um de nós irá esperá-lo na porta.”

O assessor chegou, escoltado por “Da Mena”. Foi a vez de Roma 45 assumir a direção da conversa.

“Bem, então poderemos iniciar a nossa conversação. Dr. Bishop, gostaríamos de expor ao senhor o nosso plano de cunho social, que será de um imenso benefício à comunidade em que vivemos.”

E, então, Roma fez um sinal à “Da Ida”, que retirou uma planta de sua maleta e a estendeu na mesa, à frente do Mr. Bishop. A planta havia sido elaborada por Manuelzinho “Careca”, e correspondia ao projeto do Centro Cultural, Social e Esportivo do Morro do São Carlos. O centro deveria ser construído numa imensa área vazia, num local chamado “Grotta”, próximo ao Largo da Bica. O terreno era de propriedade particular e encontrava-se à venda. O centro seria constituído por uma creche composta de várias salas, onde as crianças seriam distribuídas de acordo com as faixas etárias, e também possuiria cozinha, refeitório, sala para aulas de artes plásticas, sala de música, biblioteca, consultório médico, consultório dentário, sala para os membros do “staff” e sala da direção. Haveria também um imenso ginásio para a prática de esportes, atividades sociais diversas e, até mesmo, ensaios da Escola de Samba Unidos do São Carlos. Completando o projeto, haveria um



parque esportivo, ligado ao setor cultural e social, onde as crianças pudessem praticar os mais variados esportes, incluindo a natação. As crianças seriam deixadas pelos pais no Centro pela manhã, e ônibus de propriedade da instituição seriam responsáveis pelo transporte das crianças à Escola Canadá ou a outros estabelecimentos de ensino, e após o estudo as crianças voltariam ao Centro nos mesmos transportes. Para tanto, havia um plano de contratar pessoas que vigiassem as crianças, cozinheiras, serventes, médico pediatra, enfermeiras, dentista pediátrico, psicólogos, motoristas, seguranças e professores de Educação Física. A manutenção do centro ficaria a cargo de Fininho e dos comerciantes do bairro, os quais pagariam uma taxa de segurança, a qual impediria qualquer assalto ou atentado de qualquer natureza ao estabelecimento comercial contribuinte.

“Mas como vocês acham que eu, Allan Bishop, poderia ajudar neste plano?”

“Não, não queremos ajuda do Mr. Allan Bishop. Viemos solicitar ajuda à Ford Corporation.”

“De que maneira poderíamos ajudar?”

“Com a doação da quantia que possibilitaria a construção do centro.”

“Vocês têm ideia de quanto necessitariam para construir a área física do projeto?”

“Temos. Foi calculado em trezentos e cinquenta mil dólares.”

“Mas isto é uma fortuna.”

“É uma fortuna para mim e, talvez, até mesmo, para o senhor, Mr. Bishop. Mas o senhor há de concordar, a quantia é irrisória para a Ford Corporation, não é mesmo?”

“Mas, olhe, caso a Ford aceite colaborar, qual a certeza que teríamos que o projeto seria levado ao fim e o dinheiro não seria usado para outros fins?”

“Só a nossa palavra, Mr. Bishop. Mas o senhor há de concordar que se o nosso objetivo fosse conseguir dinheiro para uso próprio, por que haveríamos de vir aqui, conversar com o senhor, explicar as

necessidades de nossa comunidade e esperar a sua boa vontade. Seria mais fácil assaltar o hotel, recolher o dinheiro da caixa e dos hóspedes e pronto, desaparecer, não concorda?”

“É, tenho que concordar. O que estão fazendo é muito ousado, para significar um simples assalto.”

“Obrigado pela sua compreensão, Mr. Bishop.”

“Mas, e então, diga-me, a Ford é uma empresa com fins lucrativos. O que esta contribuição iria contribuir para a empresa?”

“Não se preocupe, Mr. Bishop. Caso a Ford Corporation colabore com o nosso projeto, temos um plano de “marketing” que iria funcionar fantasticamente em benefício da sua empresa.”

“Posso saber qual é esse plano?”

“Não. Preferimos guardar isto para nós, mas acredite, sua empresa seria muito beneficiada.”

“Pois bem, o plano foi exposto e está entendido. Se vocês me permitirem guardar essa planta, prometo expor todo o projeto à diretoria da Ford quando voltar à Detroit, e então veremos se a empresa compra a proposta.”

“Hum... Bem, Mr. Bishop, este não é exatamente o nosso plano. Pensamos e queremos algo diferente.”

“O que vocês planejam?”

“Olhe, Mr. Bishop, não podemos abrir mão dessa chance maravilhosa que nos foi oferecida... tê-lo como nosso refém.”

“Vocês iniciaram a conversa falando que vieram em missão de paz, mas isso que prometem fazer agora chama-se sequestro com extorsão. Isso é crime, é violência.”

“Mas o senhor há de aceitar a ideia de que se deixarmos o senhor ir embora para Detroit, a nossa chance de ver nosso projeto realizado é nula. Porque a Ford Corporation haveria de ajudar um projeto social simplório em um outro país? Não faz sentido confiar no futuro que o senhor nos acena, Mr. Bishop. Além do mais, o senhor é o presidente da corporação, a palavra final, e tem o poder de fogo absoluto. Se o

senhor decidir neste momento nos ajudar, ninguém em Detroit poderá se insurgir contra a sua decisão, portanto...”

“Portanto o quê?”

“...gostaríamos de resolver esta questão hoje, neste momento.”

“Como? Já passam da uma e trinta da manhã, e eu não tenho esse dinheiro comigo.”

“Ora, Mr. Bishop. Se o senhor pegar o telefone e ligar para o gerente-geral do Citibank no Rio de Janeiro, eu não tenho a menor dúvida de que ele não hesitaria em ir conosco ao banco para abrir o cofre e nos passar o dinheiro“

“Telefonar agora, a esta hora?”

Aquí está o aparelho, Mr. Bishop. Já pedi ao meu homem, que está controlando a mesa telefônica, uma linha externa. Portanto, pode fazer a ligação. Mas cuidado, nenhum truque, Mr. Bishop.”

Na verdade, Allan Bishop mal conseguia disfarçar a sua surpresa e a sua admiração pelo assalto ao hotel e pelo projeto social que lhe fora apresentado. Algo lhe dizia, no fundo da sua mente, que aqueles homens ali a sua frente, todos jovens, rapazes, melhor dizendo, estavam imbuídos de um projeto verdadeiramente altruísta, e que, com toda a certeza, a certeza gerada por um instinto treinado a julgar propostas e pessoas quase que diariamente, aqueles rapazes, se agraciados com o que solicitavam levariam ao fim o projeto, isto é, dariam à pobre comunidade do morro no qual viviam um centro social que com certeza impactaria no futuro da infância daquela localidade. E claro, isto certamente, reverteria em “marketing” para a sua empresa.

Foi assim pensando que Mr. Bishop resolveu “pagar para ver”, e saiu ao lado de Roma 45 e “Da Ida”, para se encontrar com o gerente na agência central do Citibank, no centro da cidade, o qual relutantemente havia aceito a abrir o cofre e retirar vultosa quantia, àquela hora da madrugada. E só aceitou fazê-lo depois que Mr. Allan Bishop deu garantias, falando senhas só conhecidas pelo

banco e pela Ford, provando que ele era o presidente da empresa, que falava ao telefone.

Os 350 mil dólares já estavam prontos para serem colocados numa sacola, quando Mr. Bishop, Roma e “Da Ida” chegaram ao banco. Na verdade, o custo do projeto havia sido avaliado em 300 mil dólares; os cinquenta mil seriam usados para premiar todos os comparsas envolvidos naquela missão.

Mr. Bishop pediu, e Roma concordou, que uns poucos meses mais tarde, a Ford Corporation anunciaria no Brasil que faria uma doação de 350 mil dólares à Ação Social do Morro do São Carlos, e um dirigente da Ação Social receberia um cheque simbólico das mãos do Presidente da Ford do Brasil, em cerimônia que contaria com a presença da imprensa. Com isso a Ford Corporation poderia reverter aquela doação em benefícios fiscais.

Roma 45 e “Da Ida” trouxeram Mr. Bishop de volta ao hotel, sempre no automóvel dirigido por Paulinho “Tísico”. Todos deixaram o hotel, retornando ao Morro do São Carlos às três horas da madrugada, nos mesmos carros que haviam chegado ao Biltmore.

Logo após a saída de todos os elementos do hotel, Marinho, ainda fardado como policial militar, deixou a guarita, entrou na viatura policial, que outrora era dirigida pelo Cabo Gumercindo, e dirigiu uns poucos metros, parando à porta do Hotel Biltmore, onde perguntou se tudo estava bem e se havia algum problema. Como a resposta foi que tudo estava na mais perfeita ordem, ele, após realizar uma rápida refeição na cozinha, retirou-se e dirigiu a viatura policial até a Pavuna, onde em frente a um terreno baldio localizado na Rua Mercúrio, a Veraneio, com Marcos “Português” e “Baba-ovo”, o aguardava. Os dois haviam jogado o corpo do policial Gumercindo, amarrado com pedras, nas águas turvas do Rio da Guarda, ali mesmo na Pavuna. O trio retornou ao Estácio, abandonando a viatura policial na Rua Mercúrio.

Às quatro horas da manhã, o policial José Francisco Correia chegou à guarita, em frente ao Hotel Biltmore, e não encontrou o Cabo Gumercindo, a quem iria substituir. Comunicou o fato ao quartel, que

após esperar algumas horas, iniciou busca do policial. Sua viatura foi encontrada vazia na Rua Mercúrio, na Pavuna. Gumercindo, porém, nunca mais foi visto. Por absoluta falta de dados e testemunhas, o caso de seu desaparecimento foi encerrado após alguns meses, e anos depois, ele foi dado como desaparecido e, possivelmente, morto, sendo que seu corpo nunca foi encontrado.

O Hotel Biltmore nunca registrou o assalto, porque não houve roubo, nenhuma cena de violência e os hóspedes nem ao menos vieram a saber do ocorrido. Mr. Allan Bishop, a Ford Corporation, o consulado dos EUA e o Citibank nunca vieram a público para relatar a ocorrência, que ficou completamente ignorada pelas autoridades policiais da Cidade do Rio de Janeiro.

O Centro Social, Cultural e Esportivo Salvatore Foscolo, para o desenvolvimento da população infantil do Morro do São Carlos, foi inaugurado festivamente no dia 28 de janeiro de 1970, em cerimônia que contou com a presença de vereadores, deputados estaduais, do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro e do Presidente da Ford do Brasil.

No final do mês de março de 1970, um homem chamado Allan Carl Bishop, vestido em seu pijama de veludo escuro assistia extasiado, ao lado de sua esposa, em sua luxuosa residência no Bairro de Grosse Pointe, em Detroit, o noticiário da CNN, que comentava sobre o carnaval do Rio de Janeiro naquele ano, mostrando imagens do desfile de uma certa Escola de Samba Unidos do São Carlos, que havia vencido o desfile da segunda divisão, subindo para a divisão das grandes escolas de samba, graças ao tema enaltecendo a contribuição da Ford Corporation no desenvolvimento industrial e social do Rio de Janeiro e do Brasil. No auge de sua exaltação e contentamento, Mr. Bishop, com os olhos fixos no televisor, não percebia que amassava em suas mãos um recorte de jornal, que havia recebido pelo correio, vindo do Brasil, mostrando em uma foto gigantesca o Centro Social, Cultural e Esportivo Salvatore Foscolo, no Morro do São Carlos, Rio de Janeiro. Logo abaixo do majestoso nome da instituição, havia uma placa de

bronze que dizia: “Este projeto não seria realizado, caso não houvesse a valiosa ajuda da Ford Corporation e de seu digníssimo presidente, Mr. Allan Carl Bishop, aos quais a Comunidade do Morro do São Carlos e do Bairro do Estácio de Sá é eternamente grata.”

## A GUERRA DE SOBRAL

Garboso Infante e Isa saíram do “randevu” da Dona Carlota às quatro horas daquela tarde de domingo, 4 de fevereiro de 1971. Naquele momento, Isa necessitava retornar ao seu barraco, para dar alguma atenção aos dois filhos, e Garboso aproveitaria a oportunidade para ir para casa, ficando o restante do domingo ao lado da solitária Sandrina.

“Sandrina, oi mãezinha, já cheguei. Vou ficar em casa o resto do dia. Ei! Cadê você? Mãezinha... mãe...”

Não houve resposta. Era evidente, embora estranho, que Sandrina não estava em casa. Estranho, porque nos últimos anos, em virtude de uma hipertensão arterial severa, da qual sofria e a obrigava a ingerir um grande número de remédios diariamente, além de manter uma dieta especialíssima, Sandrina negava-se a deixar o conforto, embora solitário, de sua residência, só saindo à rua por motivo ao qual não poderia recusar. E Garboso Infante não se lembrava de qualquer motivo naquele domingo que obrigasse sua mãe a deixar o lar. Ao sair para procurá-la, entretanto, encontrou no quintal, em frente às casas, Geraldo Alfaiate.

“Geraldo, por acaso viu minha mãe?”

“Ela está lá na casa do Messias. Ela, Maria, um bocado de gente. Estão tentando consolar e auxiliar o Messias e a Mercedes.”

“Por quê? O que houve com eles?”

“Porra! Onde você estava, cara? Não soube do que aconteceu?”

“Não. O que houve? ‘Porra’! Fale logo, Geraldo.”

“Mataram o irmão do Messias lá no Tuiuti esta madrugada. Mataram o cara, a mulher e os três filhos. Foi uma carnificina.”

“Oh! Não! Meu Deus! Mataram o Aristides Leiteiro? E toda a família? Mas, por que, Deus meu? Quem poderia ter feito tamanha

maldade? O Aristides era um “cara” bom, tão boa gente, um imenso coração. Ajudava a todos que precisavam de sua ajuda naquele morro e no bairro inteiro. Jamais ganhou um dinheiro “grosso”, justamente porque vivia fazendo caridade, vendendo os seus laticínios ‘fiado’ para os infelizes. Quem iria querer matá-lo? E a família? A Marilda era uma mulher simpática, meiguinha, vivia sorrindo o dia inteiro para todos; e as crianças, lindinhas, que maldade, meu Pai do céu. Você sabe dos detalhes, como ocorreu, quem foi, alguma ideia?”

“Não tenho a menor idéia, Garboso. Só sei que, lá pelas quatro horas da manhã, um bando invadiu a casa do Aristides e descarregou os revólveres nele, na mulher e nos três filhos. O Messias só foi avisado a uma hora da tarde. Parece que querem que ele vá ao Instituto Médico Legal para reconhecer e liberar os corpos. Mas ele está totalmente transtornado, sem condições quaisquer de ir.”

“Claro! Deve estar em choque. Coitado do meu amigo! Vou lá falar com ele, e depois que ele melhorar um pouco, vou acompanhá-lo ao IML. Que tragédia, Deus. Geraldo, enquanto vou lá dentro da casa dele, faça-me um favor: veja se consegue encontrar o Jorge “Da Ida”, o Marinho e o Yan “Maravilha”, e diga a eles que venham aqui, pois preciso falar com eles com a máxima urgência. Faça esse favor, meu velho.”

“Fique tranquilo. Vou achá-los, e logo estarão aqui.”

“Obrigado, Geraldo.”

Messias estava inconsolável. Nem mesmo o amigo, quase irmão, o ídolo, Roma 45, não obteve sucesso em consolá-lo.

“Roma... Roma... Roma... Mataram o “Tide”, Roma... Mataram meu irmãozinho, Roma... Mataram todos, a minha cunhada, meus sobrinhos, todo mundo... Não sobrou ninguém, Roma... E agora, como vou viver sem o meu irmãozinho? A gente adorava passar os fins de semana com eles. Mercedes e Marilda se adoravam, Roma... O que vou fazer agora, Roma, diga-me, o que fazer? O que fazer...?”



Não havia o que falar, o que fazer. As lágrimas inicialmente ofuscaram a visão de Roma, para logo em seguida escorrer, encharcando sua face. Ali, naquele momento, nem a Mercedes parecia consolável. Agarrada por Dona Maria e Dona Cacilda, ela se contorcia histericamente, e chorava, um choro baixo e sibilante, que mais se assemelhava a um uivo. O jeito seria esperar que Messias se recompusesse um pouco, para falar melhor com ele.

Tanto Messias quanto Mercedes adormeceram, graças aos calmantes distribuídos por Sandrina. As crianças foram levadas para o barraco da Isa, lá permanecendo sob sua supervisão. Foi então que “Da Ida”, Marinho e “Maravilha” chegaram.

“Vocês já souberam da tragédia com a família do irmão do Messias?”

“Seu Geraldo nos contou, Roma. Que coisa horrível.”

“Foi uma tragédia. Acho que será difícil para o Messias se recuperar dessa completamente. Estou preocupado com ele. Adorava o irmão, a Marilda e as crianças.”

“É. Vai precisar de tempo e ajuda dos amigos.”

“Nós iremos ajudá-lo a vencer isso. Tenho fé que conseguiremos melhorar a cabeça dele. Vai demorar, mas conseguiremos.”

“Conte com todos nós, Roma.”

“Eu sei e agradeço, companheiros. Olhem, vou precisar de várias tarefas de vocês. Primeiro, você, “Da Ida”. Gostaria que fosse conversar com o “Cutela” e o Nilton “Diabo”. Diga a eles que precisamos nos reunir. Espero por eles, amanhã, às nove da noite, lá no Ginásio do Centro Salvatore Foscolo. Diga a eles pra trazerem uns “cabras” bons de “berro” com eles. Acho que sei quem matou Aristides e a família, e se estiver certo, vamos precisar de “cabra” bom de “berro” pra esse serviço. Você, Marinho, lembra-se do “Caolho”, do Tuiuti? Claro, que lembra; aquele cara “vesgo”, “burro pra cacete”, que há dois ou três anos nos pediu ajuda para fechar uma turma de “paraíbas” que estava azucrinando

o Tuiuti. É, esse mesmo, nós fomos lá, e mandamos os “paraibas” pro inferno. Pois é, vá ao Tuiuti e diga ao “Caolho” que no sábado à tarde, eu, o “Cutela” e o Nilton “Diabo” iremos lá com o nosso pessoal, e que ele deve reunir o pessoal dele, pois vamos combinar um “servicinho”. Fale pro “Caolho” preparar um churrasco pra moçada; seremos uns trinta, mais ou menos. Quanto a você, “Maravilha”, combine com o “Beizola”, o “Piroca” e o “Grilo”, e peça pra eles arranjam uma rapaziada de “responça” e, então, vocês quatro irão coordenar a vigilância aqui das nossas casas, principalmente, da casa seis. Tem que ser dia e noite, todos os minutos. Façam turnos de plantão, eu pagarei “legal” pelo serviço. Ninguém estranho pode se aproximar sem se identificar. Após a identificação, o estranho ou estranhos devem ser acompanhados até o final da missão deles. Caso neguem identificação ou fizerem algo suspeito, “queimem” no ato e “desovem” o corpo. Estamos entendidos?”

“Tudo certo, meu chefe. Deixe tudo em nossas mãos. Mais alguma coisa?”

“Não, isso é tudo.”

“OK. Então já estamos a caminho. Nos veremos mais tarde.”

Quando Messias acordou, um pouco mais calmo e resignado, ele deu certeza às suspeitas de Roma, quanto a autoria da chacina do Morro do Tuiuti. Aparentemente, Aristides e sua família haviam sido vítimas de uma “gang” de bandidos do Bairro Jardim América, que fizeram o serviço por ordem e pagamento do comerciante Joaquim Sampaio, que também morava naquele bairro.

Era a velha rixa entre as famílias Sampaio e Capistrano, de Sobral, fazendo novas vítimas. O ódio não sucumbia nem com o poder do tempo e da distância, fatores que, sabidamente, são capazes de aniquilar o mais puro e sublime amor. Seria o ódio mais poderoso e resistente que o amor? As mortes de Aristides, Marilda e das três crianças pareciam indicar que sim.

Joaquim Sampaio, conhecido no Jardim América como “Quinzinho” Sampaio, soube através de um vizinho da existência de

Aristides Capistrano, o Aristides “Leitero”, em São Cristóvão. Após pedir uma descrição física detalhada de Aristides, e de obtê-la, por meio do referido vizinho, “Quinzinho” foi tomado por uma forte suspeita de que o Aristides “Leitero”, do Tuiuti, poderia ser o mesmo jovem Aristides Capistrano, que há muitos anos, havia deixado Sobral para tentar uma melhor sorte no Rio de Janeiro. Por uma investigação cuidadosa, ele viu, então, sua suspeita confirmada. Após a constatação do fato, o ódio invadiu sua razão, e o levou a contratar os oito meliantes que acabaram com o paraíso, a vida da família Aristides Capistrano. Todos faleceram sem esboçar reação, tomados pela surpresa, durante o sono, na madrugada de domingo.

Os pistoleiros do Jardim América descarregaram suas armas nos corpos dos cinco infelizes, e saíram sem pressa, com destino ao Jardim América. Um morador do Morro do Tuiuti, que àquela hora deixava sua residência com destino ao trabalho no Hospital Getúlio Vargas, ouviu comentários entre os bandidos que o próximo seria o Messias, irmão de Aristides, morador do São Carlos. Messias e sua família haviam sido jurados de morte. Daí a preocupação de Roma 45 com a segurança das casas da Rua do São Carlos, número 595.

Roma, “Cutela” e “Diabo”, e seus respectivos comparsas, foram festivamente recebidos no Tuiuti por “Caolho” e seus elementos. Era uma oportunidade de congraçamento entre as facções criminais de quatro dos maiores redutos do crime na Cidade do Rio de Janeiro.

“Caolho, viemos aqui trazer o nosso calor e solidariedade a vocês do Tuiuti, diante dessa grande tragédia que se abateu sobre a comunidade daqui do morro.”

“Obrigado, Roma, meu amigo e irmão. Realmente foi um golpe muito duro pra nós. O “Tide Leitero”, a Marilda e as três crianças eram muito queridos por todos nós. Está sendo muito difícil superar a desgraça. Estamos muito tristes, pode acreditar.”

“Imagino, companheiro. Acho, porém, que devemos superar a desgraça e responder ao crime na mesma dose, pagar com uma moeda de valor até mais alto.”

“Como assim, amigo?”

“A vingança deve ser rápida e explosiva. A reação deve superar em intensidade e força a ação.”

“A vingança já deve estar acontecendo neste exato momento que conversamos, Roma. Tenho amigos na Favela Rubro-negro, em Parada de Lucas. Eles têm muita “bronca” dos “caras” do Jardim América. Neste exato momento o pessoal da Rubro-negro deve estar “queimando” os oito “caras” que fizeram a “sujeira” com o “Tide” e sua família. De passagem vão “queimar”, também, o tal de “Quinzinho” e sua família inteira.”

“Ótimo, “Caolho”. Gostaria de ser informado do êxito da missão do Jardim América.”

“A notícia deverá chegar logo, logo. Acredito que ouviremos o pessoal da Rubro-negro durante o nosso churrasco.”

“Ótimo, “Caolho”. Mas acho que o que foi feito por eles pede mais do que uma simples revanche olho por olho.”

“O que quer dizer com estas palavras, Roma?”

“Quero dizer que devemos dar uma resposta explosiva, que não admita revide, e que encerre para sempre a rixa Sampaio *versus* Capistrano.”

“E como isto seria conseguido?”

“Levando a revanche, a vingança e a nossa ira até a família Sampaio, em Sobral.”

“Mas, Deus do céu! Essa tal de Sobral fica muito longe. E nem eu nem meus homens temos dinheiro e coragem para viajar de avião.”

“Que avião que nada, “cara”. Iríamos por terra.”

“Mas irá demandar tempo e dinheiro.”

“O problema de dinheiro, deixa comigo, eu resolvo. E, quanto ao tempo, vamos precisar de umas semanas para bolar o plano de combate. Esse será o tempo necessário pra encher os Sampaios de confiança, fazendo-os abaixar a guarda.”

“Então teríamos de ir até essa localidade de Sobral?”

“Teríamos. Nós iremos, eu, “Cutelá” e “Diabo”, e iremos levar os nossos melhores homens no “berro”. Seria muito bom ter a colaboração de vocês.”

“Olhe, Roma, estou ficando velho e não gosto muito de viajar. Acho que não poderei integrar a comitiva de vocês. Mas de toda a maneira, iremos colaborar. O Décio, você sabe, o meu ajudante direto, ele poderá ir e levará alguns homens. Oba! Aí está o Décio chegando. Décio, dê um “pulinho” até aqui.”

“Olha aí, este é o Roma, Roma 45 do São Carlos.”

“Prazer, “amizade”.”

“Prazer é todo nosso, Décio.”

“Décio, o Roma está nos convocando para um serviço. Ir até Sobral, no Ceará, com um grupo bom de “berro” e briga, queimar um pessoal, uma tal de Família Sampaio, que parece estar envolvida na chacina do “Tide”. Você sabe, Décio, tenho andado meio adoentado, minha pressão está disparando, e não posso ir em uma viagem tão longa.”

“Eu vou e levo uns homens de primeira qualidade. Mas isso vai ficar caro, não acha?”

“Tenho noção exata do custo, aproximadamente duzentos mil cruzeiros. Isto, porém, não se preocupe. Eu me encarrego de arranjar a “grana”.”

“Certo. Quando vai ser?”

“Dentro de duas ou três semanas. Tenho que fazer os planos primeiro, além de levantar a “grana”. Assim que estiver tudo pronto, vamos conversar novamente, e escolheremos uma data para a viagem que seja boa para todos nós. Você, Décio, só terá que deixar a rapaziada daqui do Tuiuti pronta para viajar. Diga a eles que irão embolsar uma “grana” legal nessa colaboração.”

“Beleza, amizade. Deixe tudo comigo. Estaremos prontos para vocês. Só me avisar.”

“Beleza, Décio. Bem, agora, vamos ao churrasco. Um brinde a nossa decisão de agir em conjunto. Morte aos Sampaio de Sobral.”

Sexta-feira, 16 de fevereiro de 1971, exatamente meio-dia. Lurdinha entrou no Centro Pedagógico Chapeuzinho Vermelho, e no pátio do estabelecimento encontrou a bela Beatriz, uma linda lourinha de cinco anos de idade. Lurdinha, moradora da Rua do Lavradio, no centro do Rio, trabalhava já há dez anos como “babá” para a Família Vieira da Nóbrega. José Ribamar e Isaura Vieira da Nóbrega haviam deixado o interior do Estado do Maranhão há 15 anos para viver na Cidade do Rio de Janeiro. No Maranhão, moravam na fazenda dos pais de José Ribamar, grandes produtores de castanhas, a chamada castanha-do-pará. A ideia, ao mudarem para o Rio, era abrir um escritório de representação, que possibilitasse a exportação de castanhas, não só para o Rio de Janeiro, como também para outros estados do Brasil e para o Exterior. A ideia foi coroada de êxito e Vieira da Nóbrega viu-se transformado no grande “magnata” do comércio da castanha-do-pará, e em menos de cinco anos fez uma fortuna considerável.

E Lourdes Arruda da Silva trabalhava há dez anos para os Vieira da Nóbrega, exatamente quando o casal resolveu iniciar a formação de uma família. Inicialmente Pedro Carlos, depois Marco Antonio, e finalmente Beatriz, Lurdinha tornou-se “babá” dos três filhos do casal. Aos 35 anos de idade, com experiência adquirida em trabalho anterior numa creche, Lurdinha possuía a confiança ilimitada e o carinho dos Vieira da Nóbrega.

Mas Lurdinha, além de babá, era também mulher, e em seu sangue fluía hormônio feminino. Há dois anos, ela havia conhecido Elivaldo, o “Lelé” do Morro do São Carlos, e integrante da quadrilha de Roma 45. A boa aparência, o jeito simples e a atenção a ela dispensada foram os fatores fundamentais que atraíram Lurdinha, aos 33 anos, àquele rapaz, de 23 anos de idade. Apesar de dez anos mais jovem, Lelé realmente se apaixonou por Lurdinha, e a paixão cresceu à quarta potência, por parte dela. Viviam um idílio em que tudo era

razão de prazer, não havendo lugar para discórdias. Lurdinha confiava cegamente em “Lelé”, e assim aceitou participar daquele plano que envolvia a pequena Beatriz.

Lurdinha amava loucamente Beatriz, e só aceitou o plano com a garantia concedida por “Lelé”, de que a linda lourinha nada sofreria. Diariamente, de segunda a sexta, Beatriz era deixada na Chapeuzinho Vermelho por seus pais, pela manhã, quando estes se dirigiam ao trabalho. Cabia a Lurdinha esperar a chegada do motorista Afonso às 11h 30min, que a levava até a escola para apanhar a criança. Naquele dia, porém, sexta-feira 9 de fevereiro, Lurdinha recebeu o comunicado de Afonso, dizendo que, quando se dirigia do escritório para casa a fim de apanhar Lurdinha, o Opala que dirigia havia sido abalroado na traseira, violentamente, por um furgão, e estava impossibilitado de se mover. Lurdinha teria, então, que tomar um táxi a fim de pegar Beatriz. O furgão e seu motorista, haviam sido contratados por “Da Ida”, para aquele servicinho especial.

Lurdinha e Beatriz deixaram o Centro Pedagógico Chapeuzinho Vermelho, e saíram caminhando pela Rua Jardim Botânico, aparentemente na tentativa de apanhar um táxi. Junto a elas, no entanto, parou uma Chevrolet Veraneio, da qual saíram “Lelé” e “Da Laura”, ambos armados, e obrigaram Lurdinha e Beatriz a entrar no veículo, que partiu rapidamente em direção ao Morro do São Carlos.

Vinte minutos após, José Ribamar recebeu um telefonema em seu escritório de um tal Dr. César Correia. Dr. César comunicou que tanto a menor Beatriz quanto a babá estavam em seu poder. Não havia intenção de fazer qualquer mal à linda Beatriz, a qual seria entregue ilesa se houvesse acordo entre ele e os Vieira da Nóbrega. Para garantir que Beatriz sairia ilesa, seria necessário, entretanto, que os Vieira da Nóbrega não colocassem a polícia no caso. Caso o fizessem, Beatriz seria assassinada de imediato, as conversações entre eles se encerrariam, e os pais não mais veriam a criança. Eles poderiam ficar despreocupados quanto a integridade física da menina, se agissem de acordo com o que estava sendo exigido, e deveriam aguardar um novo contato muito breve,

tocando normalmente a vida profissional e familiar. A comunicação se encerrou neste ponto, e os Vieira da Nóbrega, apreensivos, ficaram aguardando novo contato.

“Olá, princesinha. Puxa, como você é bonita; muito mais bonita do que falavam.”

“Eu quero a minha mãe...”

“Olha, não chore não, princesa. Ouça o que eu tenho pra te dizer: eu sou o Tio César. Sabe, eu gosto muito de você, todos aqui gostam muito de você. Ninguém vai te fazer mal, então não precisa chorar, anjinho.”

“Quero a minha mãe...Cadê a Lurdinha? Quero minha mãe.”

“Sabe, princesa, a mamãe precisou viajar de repente, mas ela vai chegar logo, logo. Assim que ela chegar, eu prometo que te levo pra você ficar com ela, prometo, meu amor.”

“E a Lurdinha? Cadê a Lurdinha?”

“A Lurdinha foi encontrar a mamãe Isaura para dizer a ela que a Princesinha Beatriz está querendo que ela volte rápido. A mamãe Isaura vai voltar logo, logo, assim que a Lurdinha falar com ela, e então, te prometo, vou te levar para ficar com a mamãe. Mas enquanto a mamãe não chega, você tem que parar de chorar e ficar com as Tias Iara e Sueli. Você gosta delas? Elas estão te tratando bem, não estão?”

“Sim.”

“Então, pare de chorar pra ficar bonita novamente. Olha o que o Tio César trouxe pra você...Você gosta dela? Nós vamos ter que arranjar um nome pra ela. Já pensou em algum nome?”

“Não.”

“Hum...que tal Beatriz? Ela é bonita e princesa igual a você.”

“Não.”

“Não? Então qual vai ser o nome dela?”

“Kelly.”



“Kelly? Bonito nome. Mas como foi que você arranjou esse nome?”

“É o nome da minha cachorrinha.”

“Ah! Então você quer chamá-la pelo mesmo nome da cachorrinha? Tá bem, vai ficar sendo Kelly. Agora vamos enxugar o rostinho e vai com a Tia Iara. Está na hora de papar. A Kelly também está com fome. Você tem que dar papá pra ela, tá bem? Tanto você quanto a Kelly têm que papar tudinho, tá bom? Vai com a Tia Iara, mas antes me dê um beijo. Aqui na minha bochecha.”

“Que beijinho gostosinho, meu Deus.”

Havia sido amor à primeira vista. Roma estava apaixonado pela pequena Beatriz. Os cabelinhos louros, sedosos, os olhos azuis que brilhavam como o céu num dia ensolarado, a pele alva, sedosa, e o cheirinho de pureza encantaram Roma, assim que este depositou seu olhar sobre a pequena criatura. Roma tinha certeza de que de maneira alguma poderia fazer algum mal àquele pedacinho de amor, aconteça o que acontecer. Mesmo que os Vieira da Nóbrega desobedeçam suas instruções ou recusem qualquer negociação, o bem-estar e a integridade física e emocional de Beatriz seriam preservados. Ele a devolveria aos pais, apesar de tudo; mas ele contava com um desenrolar positivo para todos. E ele a devolveria carregando em seus pequenos braços a imensa boneca Kelly, que ele havia mandado comprar para a Princesinha Beatriz.

Roma deixou a casa de Iara, onde Beatriz estava sendo guardada, e desceu o Morro do São Carlos, até o barraco de “Lelé”, onde o próprio “Lelé”, Yan “Maravilha” e Lurdinha o aguardavam. “Lelé” e “Maravilha” estavam na sala, enquanto Lurdinha ocupava o único quarto do barraco. Roma foi de imediato ao quarto, conversar com Lurdinha.

“E Beatriz? Como ela está? Por favor, não a maltratem. Ela é uma inocente, coitadinha. Eu só aceitei participar disso porque o “Lelé” me prometeu que ela nada sofreria. Eu prefiro que me matem, mas pelo amor de Deus, poupem a minha Beatriz, não a façam sofrer, eu te imploro.”

“Te prometo, Lurdinha, que a menina nada sofrerá. Você tem a minha palavra de honra.”

“Por favor, cuide bem dela.”

“Minha honra é minha vida. Já disse, pela minha honra te prometo que Beatriz nada sofrerá.”

“Obrigada.”

“Mas, Lurdinha, você vai precisar voltar. E temos que arranjar um jeito para que não desconfiem de seu envolvimento no sequestro da menina, quando você estiver de volta.”

“Ah! Isso é impossível. Eles já devem saber do meu envolvimento. Com certeza, a polícia já deve desconfiar de mim. Ainda mais, com o meu retorno, ilesa, aí é que as suspeitas aumentarão. Acho melhor eu não voltar, ficar aqui de vez.”

“De jeito nenhum. Não foi nosso objetivo destruir assim sua vida, afetando sua profissão a este ponto. Não, de jeito nenhum eu ficarei tranquilo se isto acontecer. Você tem que voltar, porém não pode regressar ilesa. Se você voltar lesionada, estará fora de suspeita. A polícia, só para sua informação, está fora do caso, e deve continuar fora. Tenho gente vigiando os seus patrões, e se eles envolverem a polícia, saberei de imediato.”

“O que você quer dizer com o que eu não posso regressar ilesa?”

“Isso mesmo que você entendeu. O seu regresso ileso será a prova cabal do seu envolvimento no sequestro, entretanto, se você voltar bem machucada, tenho certeza de que as suspeitas não encontrarão um solo propício para serem cultivadas.”

“Mas, então, terei que ser machucada? Fisicamente, você quer dizer?”

“Isso mesmo, Lurdinha. Vai doer muito. Durante o ato você até se arrependerá de ter se envolvido conosco, mas depois, quando estiver junto aos Vieira da Nóbrega, verá que foi melhor assim. Ficaré limpa e poderá continuar sua vida profissional, usufruindo do carinho da linda Beatriz e do amor do “Lelé”. Ele realmente te ama, Lurdinha. Ele tá muito triste, porém entendeu que esse é o melhor caminho.”

“Puxa, não contava com isso. Posso até morrer, não é verdade?”

“Não, não irá morrer, e te prometo que após a sua recuperação, não haverá deformidade física, cicatrizes ou qualquer incapacidade funcional. Você voltará a ser perfeita, como o é, no dia de hoje. Quem fará o serviço é um profissional, que sabe como executá-lo com segurança e eficiência. Você ficará muito machucada, mas em pouco tempo se recuperará por completo, acredite.”

“Confesso que estou morrendo de medo.”

“Medo é natural, nessas circunstâncias, Lurdinha. Mas, por favor, confie no que conversamos. Agora, gostaria que você se preparasse para o serviço. Posso chamar o homem que escolhi para executá-lo? Tá pronta pra começar?”

“Por favor, me dê uns dez minutos pra que eu possa rezar e me preparar emocionalmente.”

“Claro. Mas, escute, não falaremos mais. Você sairá daqui para o edifício onde moram os Vieira da Nóbrega, desacordada. Então, escute, quando questionada se recuse a falar. Apenas chore e chame pela pequena Beatriz. Diga que não viu nossas faces e alegue estar jurada de morte. Chore, peça a Deus que traga a Beatriz de volta a salvo. E não se preocupe, pois Beatriz voltará sem um arranhão sequer, eu prometo. Agora, Lurdinha, o meu muito obrigado. Sua participação foi de total importância para a nossa missão. Vamos ficar lhe devendo isto. Calma em seu retorno à família. Que Deus a acompanhe.”

Roma saiu e falou com “Maravilha” que ele poderia começar a sessão de espancamento em cerca de dez minutos. O gigantesco e fortíssimo negro Yan “Maravilha” foi o escolhido para executar aquela tarefa. Perito na função de espancar sem causar morte, invalidez ou feridas abertas, “Maravilha” havia obtido seus conhecimentos nos ringues de boxe, seu esporte predileto. Roma deixou o barraco de “Lelé” e rumou para a casa de “Da Ida”. Dez minutos após, “Maravilha” levantou-se, colocou a luva de boxe vermelha na mão direita e apoiou carinhosamente a mão esquerda no ombro de “Lelé”, que chorava com a cabeça apoiada nos braços que descansavam sobre a mesa.

“Não se preocupe, irmão. Vai ser muito rápido e a sua “mina”, apesar de muito machucada, vai voltar a ser a mesma. Acredite em mim.”

“Maravilha” caminhou para o quarto, abriu a porta, fechou-a atrás de si, saudou Lurdinha e iniciou a sessão de espancamento.

Eram duas horas da madrugada de sábado, quando José Ribamar e Isaura Vieira da Nóbrega foram surpreendidos pelo interfone, que soou em alto tom na cozinha. Era o Paulo, um dos porteiros da noite, dizendo que três mascarados haviam tocado a campainha da portaria e, quando ele veio atender, os mascarados, armados, haviam depositado um corpo que parecia ser o da babá Lurdinha, e que ela estava imóvel e parecia bastante machucada.

José Ribamar e Isaura desceram de imediato e constataram que era realmente a Lurdinha. Ela estava desacordada e mostrava um estado lastimável. Seu rosto parecia uma bola de carne edemaciada e disforme. Seus lábios estavam partidos em vários pontos e inundavam de sangue o seu rosto. Os globos oculares estavam ocultados por completo, por trás de pálpebras edemaciadas de cor violeta bem escura. Várias equimoses poderiam ser vistas nos braços e nas pernas. Lurdinha não emitia qualquer som, parecendo dormir um sono profundo. Sobre o seu tórax estava um envelope branco, lacrado, que José Ribamar apanhou e guardou no bolso direito de suas calças.

Com a ajuda de Paulo, os três conseguiram carregar Lurdinha para o apartamento dos Vieira da Nóbrega, onde, de imediato, José Ribamar ligou para o médico da família, Dr. Aristarco Portela, que se comprometeu a vir imediatamente cuidar da enferma.

Só, então, José Ribamar e Isaura tiveram um pouco de calma, para sentarem e abrirem o envelope. O horror e o desespero então se instalaram naquele lar. Dentro do envelope havia um bilhete dobrado, acompanhado por uma pequena trouxa feita de gaze, que, quando aberta, revelou em seu interior um minúsculo fragmento de carne que parecia humana. Parecia...Deus... parecia... um lóbulo de orelha de uma criança.

“Não... Não... Não pode ser... Minha filhinha... Minha Beatriz. Não...”

“Deus, Deus, meu Deus... Ajudem-nos, Deus... Por favor, ajude a minha filhinha... Por favor, Deus...”

Os gritos e lamentos de José Ribamar e Isaura ecoaram naquela silenciosa noite de verão. Deus, porém, parecia não ter ouvido aqueles gritos. O primeiro ímpeto foi correr ao telefone e comunicar à polícia, porém José Ribamar lembrou-se do bilhete.

“Prezados Sr. e Sra. Vieira da Nóbrega:

Por favor, acalmem-se. Este é apenas um pedaço muito pequeno da orelhinha de nossa querida Beatriz. Não, não se preocupem tanto. Ela nada sentiu. No momento, dorme um sono profundo, um sono tranquilo, em razão de um anestésico que lhe foi administrado. Quem fez o serviço cirúrgico foi um profissional do ramo médico. Um cirurgião plástico de primeira qualidade, que trabalhou com a ajuda de um anestesista. Foi um serviço perfeito, realizado em condições perfeitas de assepsia. Beatriz está muito bem, e antes do pequeno ato cirúrgico parecia muito feliz, brincando com sua recém-chegada filhinha, a Kelly. Será mantida dormindo até segunda-feira, para evitar que venha a sentir dor.

Quanto à deformidade, não se preocupem. É mínima e, na verdade, nada que uma cirurgia plástica bem feita não possa refazer à perfeição, no futuro. É, entretanto, um ato quase simbólico para mostrar as consequências futuras para a nossa linda Beatriz, se por acaso vocês não atenderem nossas exigências ou entrarem em contato com a polícia. A polícia deverá ficar fora disso, e então, após o atendimento de nossas exigências, Beatriz regressará, linda e saudável.

Pedimos desculpas pelo mau estado de saúde da babá. Ela, infelizmente, se rebelou, nos criou problemas, e só graças a nossa capacidade persuasiva, tivemos possibilidade de conter a fúria dessa infeliz. Mas, acreditamos, que ela, também, após uns cuidados e, principalmente, um repouso prolongado, deverá voltar aos bons dias, se Deus quiser, livre de deficiências físicas.

Bem, agora, vamos a primeira exigência. Vocês devem levantar 500 mil cruzeiros em notas pequenas. Por favor, evitem truques, pois a saúde de Beatriz dependerá da ação eficiente de vocês. Esse dinheiro deverá ser guardado numa valise com segredo. O código do segredo deverá ser o seguinte: 7491. Entendido? Quinhentos, em notas pequenas, nem mais nem menos, sem truques, numa valise com segredo, código 7491.

Depois disso concluído, relaxem e descansem até a segunda-feira. Façam suas atividades de rotina. Na segunda, vocês irão trabalhar, levando a valise e, no escritório, aguardem contato.

Lembrem-se, polícia é “non-grata”.

Saudações,

Dr. Cezar Correia”

Após a leitura do bilhete, apesar da incerteza e do desolamento, José Ribamar e Isaura decidiram deixar a polícia do lado de fora do caso. José Ribamar desceu rapidamente. Pediu ao porteiro Paulo que, por questão de segurança, não comentasse com ninguém sobre o ocorrido naquela madrugada.

Dr. Aristarco Portela chegou, examinou Lurdinha, constatando que esta apresentava contusões por todo o corpo mas, predominantemente, facial, além de uma concussão cerebral. Recomendou, no que foi prontamente atendido, que ela fosse internada numa clínica particular no Leblon, a fim de realizar raio-X de crânio, hidratação e terapia com corticoide para coibir o edema cerebral. Sua previsão era favorável, com completa recuperação de Lurdinha. Ele também compreendeu que deveria manter a polícia fora do caso.

Assim sendo, os angustiados José Ribamar e Isaura Vieira da Nóbrega decidiram esperar pela segunda-feira.

“Alô?”

“Alô? É o Dr. José Ribamar?”

“É ele mesmo.”

“Aqui é o Dr. Cezar Correia. Bom dia, Dr. José Ribamar. E então? Vamos fazer um exercício de memorização das instruções que foram dadas no sábado de madrugada?”

“E Beatriz, como está?”

“Já lhe falei, não se preocupe. Ela está muito bem.”

“Posso ouvir a voz dela?”

“Ela não está aqui comigo, Dr. José Ribamar. Mas lhe garanto e lhe dou minha palavra de honra, ela está bem.”

“Como posso confiar em sua palavra? Você nos exigiu que mantivéssemos a polícia fora do caso, e depois, sem qualquer motivo, cortou o lóbulo de uma das orelhinhas da minha filhinha. Diga-me, então, seu crápula, como posso confiar em você, me diga, fale.”

“Acalme-se, homem. Você não tem escolha. Nós temos a Beatriz conosco, e ela está viva e muito bem. Aquele pedacinho de orelha não fará falta, pode crer. Um bom cirurgião plástico consertará a orelhinha dela num piscar de olhos. Portanto, esta é a única saída para vocês: confiar no que eu digo, deixar a polícia de fora e seguir as instruções. Se o fizerem, te garanto, doutor, são agora dez e meia da manhã... pois bem, ao meio-dia Beatriz estará com vocês, viva e alegre.”

“Por favor, faremos tudo o que mandar, mas tenha piedade de mim, da minha mulher. Poupem a nossa menininha.”

“Prometo, Doutor José Ribamar. E agora, podemos fazer o exercício de memória?”

“Estou pronto, à disposição.”

“Pois bem, a polícia está fora disso?”

“Completamente. Nada foi feito para colocar a polícia no caso.”

“Muito bem. Confiarei no senhor. Conseguiu a ‘grana’?”

“Consegui, com um pouco de esforço, pois foi difícil colocar juntos 500 mil cruzeiros num fim de semana. É muito dinheiro e

bancos não funcionam sábado e domingo. Mas, tudo bem, temos bons amigos. Já estou com o dinheiro.”

“Onde guardou o dinheiro?”

“Numa maleta do tipo 007. E com segredo. O código é 7491.”

“Ótimo. E os quinhentos? São em notas pequenas de 10 e 20 cruzeiros?”

“Como o senhor determinou.”

“Excelente. Agora escute. Desça agora levando a maleta com o dinheiro e vá no Opala, dirigido pelo seu motorista, e ordene que ele vá para a Usina da Tijuca. Suba na direção do Alto da Boa Vista, mas retorne pela Estrada Velha da Tijuca em direção à Usina. À sua direita, na descida da Estrada Velha, quase chegando ao Largo da Usina, existe uma Escola Pública, chamada Araújo Porto Alegre. Em frente à escola, na calçada, verá um cego pedindo esmola com um chapéu pousado no chão, à sua frente. Deposite a maleta no solo, ao lado do chapéu, dê uma esmola ao cego, colocando-a no interior do chapéu e retire de lá um bilhete branco, dobrado. Leia as instruções do bilhete, e as siga de imediato. Por enquanto é só, não precisa se apressar. Gostaria que chegassem no ceguinho exatamente às 11h 30min. Está entendido?”

“Tudo anotado e entendido.”

“Então, até mais tarde.”

“Alô...Alô...Alô...”

O sinal de ligação telefônica encerrada soou. José Ribamar ainda ficou alguns segundos com o telefone na mão, antes de depositá-lo no gancho. Conversou, rapidamente, com Isaura, a qual tentou, sem sucesso, convencê-lo a deixá-la acompanhá-lo, apanhou a maleta e desceu para encontrar Afonso, o motorista, que o levaria no Opala até a Usina.

As instruções foram seguidas à risca. Afonso teve que parar o carro num posto de gasolina na Usina por 15 minutos, a fim de obedecer o horário determinado. Às 11h 30min, o Opala parou à frente da calçada, onde estava o cego. José Ribamar desceu do carro,



caminhou até o cego, depositou a maleta ao lado do chapéu, colocou dez cruzeiros no interior do chapéu e de lá retirou um bilhete branco, dobrado em quatro gomos: “Desçam devagar a Estrada Velha da Tijuca e ao chegarem no Largo da Usina, dobrem à esquerda, na direção do Alto da Boa Vista. Retornem pelo mesmo trajeto, pela Estrada Velha da Tijuca. Ao chegarem em frente ao cego, parem o carro, o doutor deve descer, e dar outra esmola ao cego, colocando-a no chapéu, de onde retirará um outro bilhete dobrado e siga as instruções.”

José Ribamar voltou ao Opala e deu as instruções a Afonso, que lentamente desceu a estrada para cumpri-las. Quando retornaram ao ceguinho, tudo estava do mesmo jeito, apenas a maleta com o dinheiro havia desaparecido. Ao depositar 20 cruzeiros no chapéu, José Ribamar viu o bilhete e o retirou: “Suba até o Alto da Boa Vista e lá achará a Escola Pública Menezes Vieira. A esta hora encontrará na porta da escola uma fila de crianças, esperando o sinal de 12h 30min, a fim de entrar para estudar. Procure, com, cuidado entre as crianças. Beatriz estará lá, a sua espera. Lembre-se, não temos qualquer intenção de voltar a incomodar a sua família. Se, no entanto, a polícia for acionada, mudaremos de ideia. Felicidades para toda a família Vieira da Nóbrega. Agora vá, não demore, a linda Beatriz está a sua espera.”

Os pais que naquele momento aguardavam junto aos seus filhos a hora destes adentrarem a escola, não entenderam o ocorrido. Foi muito estranho ver aquele homem bem trajado pular de um Opala, que mal havia parado, correr em direção à fila das crianças, e se agarrar, chorando, convulsivamente, a uma menininha loura, que parecia abaixo da idade escolar, e que carregava uma enorme boneca em seus braços. O homem, em sua crise histérica, exclamava em voz alta, repetidamente, o nome Beatriz, e de forma estranha, apalpava as orelhinhas da menininha, que parecia conhecê-lo, mas sem entender sua atitude.

José Ribamar não conseguia conter a sua explosão de alívio, alegria e amor pela filhinha. Ele, por um breve momento, se surpreendeu, ao verificar que as duas orelhas de Beatriz estavam absolutamente intactas,

não mostrando sinais de qualquer trauma ou cirurgia. Neste momento, ele percebeu que havia sido ludibriado, mas agradeceu a Deus por haver ofertado aos bandidos aquele poder de realizar artimanhas, de ludibriar.

José Ribamar colocou Beatriz no Opala, e durante todo o trajeto de retorno ao lar, onde Isaura os esperava, ouviu a voz da filha conversando com Kelly, a imensa boneca, e citando o nome do Tio Cézar, aparentemente um novo herói na vida daquela meiga lourinha.

Ao chegar em casa, após a manifestação de alegria e alívio de Isaura, que aos gritos agradecia a Deus pelo cumprimento da promessa por parte dos sequestradores, Beatriz foi submetida a um exame físico minucioso, realizado pelo pediatra da família, que constatou o perfeito estado físico da criança.

José Ribamar e Isaura resolveram aceitar o prejuízo de 500 mil cruzeiros, e decidiram não comunicar a polícia sobre o sequestro. A paz voltou a reinar no seio da família Vieira da Nóbrega.

Após José Ribamar ter colocado a maleta no solo e haver partido para cumprir as instruções do primeiro bilhete, “Da Ida” saiu do carro, que havia estacionado na rua perpendicular à Estrada Velha da Tijuca, em frente ao ceguinho, apanhou a maleta, depositou um bilhete no chapéu, retornou ao carro, abriu a maleta com o código indicado e verificou que o dinheiro estava todo lá, completo, 500 mil cruzeiros, em seu interior. O carro, uma Veraneio dirigida por Paulinho “Tísico”, partiu em direção ao Morro do São Carlos, onde os esperava Roma 45.

Cirilo, o ceguinho, percebeu mas não conseguiu entender o porquê de toda aquela movimentação à sua frente. Ele, entretanto, ficou feliz com a gorda esmola de 30 cruzeiros que havia sido colocada em seu chapéu.

Naquela mesma hora em que Beatriz e José Ribamar se abraçavam com emoção, na porta da Escola Pública Menezes Vieira, em Acari, Raimundo José Donato, um paraibano de 36 anos, chorava abraçado aos corpos de sua querida esposa Odete e seu adorado Dante, seu filhinho de seis anos de idade. Odete e Dante haviam sido atropelados e

mortos por um ônibus, que avançou o semáforo em frente ao Conjunto Habitacional de Marechal Hermes, na Avenida Brasil. O motorista assassino nem ao menos tentou frear, e ambos, mãe e filho, foram projetados a vários metros de distância, morrendo instantaneamente.

Os corpos, excessivamente mutilados, haviam sido liberados do Instituto Médico Legal naquela manhã de segunda-feira, e Raimundo se-preparava, desolado, para enterrá-los. O estado de mutilação dos corpos era tão grave, que Raimundo sequer notou que o lóbulo da pequenina orelha direita de Dante havia sido cortado, provavelmente, a bisturi.

O serviço havia sido realizado no sábado à noite, dia do atropelamento, por Ezequiel, antigo técnico de necropsia do Instituto Médico Legal. Viciado em drogas, Ezequiel, com seu baixo salário, mantinha o vício, graças ao amigo Jorge “Da Ida”, do São Carlos, que o abastecia com as drogas. Assim, ele nada podia negar a “Da Ida”, apesar de haver estranhado o pedido do amigo, que foi o de arranjar um lóbulo de orelha de criança de cor branca em torno de cinco anos de idade.

Não houve suspeitas. Apesar de que aqueles dois ônibus, fretados e estacionados no Campo de São Cristóvão, transportariam um grande grupo, cerca de 80 pessoas, oitenta no total, de estranhos romeiros que iam a Juazeiro do Norte, no Ceará, a fim de orar e agradecer ao maior “milagreiro” do Nordeste Brasileiro, o “Padim Padi Ciço”, ninguém depositou suspeitas naquela estranha caravana.

Era estranho que uma romaria com tal objetivo fosse constituída só por pessoas do sexo masculino, a maioria muito jovem, e levando uma enorme quantidade de bagagem. Assim, sem suspeitas, os ônibus puderam passar livremente por todas as barreiras da Polícia Rodoviária, sem, ao menos, uma vez sequer, terem seus bagageiros inspecionados. Caso isto houvesse acontecido, seria impossível explicar a razão de a bagagem ser constituída por armamentos pesados e de tamanha precisão.

Havia na comitiva elementos do Morro do São Carlos, Morro do Querosene, Morro do Catumbi e Morro do Tuiuti. A viagem, longa, foi

realizada sem paradas, com os motoristas oficiais da empresa de transporte tendo sido liberados ainda na saída da Cidade do Rio de Janeiro, com ordens expressas de irem para suas residências, manterem a boca fechada todo o tempo, não aparecerem na companhia onde trabalhavam, aproveitarem aquelas férias remuneradas junto à família e aguardarem em casa o regresso da comitiva. A direção dos ônibus ficaria entregue aos próprios “romeiros”, num esquema de revezamento. A travessia do Rio São Francisco ocorreu por meio de balsa, entre Propriá, Estado de Sergipe, e Porto Real do Colégio, em Alagoas, e no Recife a comitiva se dirigiu para o oeste, embrenhando-se no sertão pernambucano. A rota que levaria a Juazeiro do Norte não foi tomada, e a caravana atravessou a Chapada do Araripe com destino a Patriarca, 12 quilômetros ao norte de Sobral, distrito onde se localizava o Parque Formoso do Agreste, como era chamada a imensa fazenda da Família Sampaio.

O Parque Formoso do Agreste abrigava 25 adultos do sexo masculino do Clã Sampaio, entre filhos e netos do Patriarca Floriano Sampaio, que, apesar de seus 85 anos de idade, ostentava invejável saúde física e mental, e ditava todas as ações e atitudes tomadas por qualquer membro Sampaio, estivesse este indivíduo em Sobral ou em qualquer parte do Território Brasileiro. Por isso, não havia a menor dúvida de que Floriano Sampaio fora avisado e permitiu o massacre da Família de Aristides “Leitero”, no Morro do Tuiuti, que se deu por ordem de Quinzinho Sampaio.

No Parque Formoso do Agreste moravam cerca de 400 almas, entre Sampaio, empregados, esposas, filhos, filhas e netos. Havia cerca de 40 empregados que cuidavam dos negócios da família Sampaio, assim como trabalhavam na fazenda cuidando da lavoura e do gado. No Parque Formoso havia um grande manancial de água, o maior da região, em forma de açudes, e, apesar do clima seco do agreste, a prosperidade da agricultura e da pecuária era uma realidade no imenso latifúndio.

Roma 45 passou toda a viagem revezando sua presença entre um ônibus e o outro, e grande parte do tempo foi dedicada ao estudo de um mapa e planta detalhados da Fazenda Parque Formoso do Agreste. O

mapa e a planta da fazenda foram fornecidos por um primo de Messias, que trabalhava na Secretaria da Agricultura do Estado do Ceará, em Fortaleza. Foi por meio deste estudo que Roma 45 parecia ter diante dos seus olhos toda a geografia da região, e sabia detalhadamente a localização das residências de cada membro da família Sampaio e dos empregados e guarda-costas da fazenda. Aprendeu e memorizou também os acessos a todas as residências no interior do Parque Formoso do Agreste. Após aprendizagem e memorização, Roma iniciou o processo de informação a “Da Ida”, Marinho, “Da Mena”, “Cutela”, “Ourinho”, “Diabo” e Décio do Tuiuti, que junto com ele, Roma 45, comandariam grupos de nove homens cada um.

Os ônibus foram estacionados na estrada de terra que dava acesso ao Parque Formoso do Agreste. A comitiva chegou ao local às 23 horas daquela noite de terça-feira, 3 de abril de 1971. Era uma noite de lua nova, e a escuridão era completa, absoluta e silenciosa. Apenas a modesta claridade das lanternas dos pistoleiros cariocas, o facho de fogo dos fósforos e isqueiros, e as brasas minúsculas que devoravam os cigarros forneciam alguma iluminação àqueles 80 homens, que, sentados ou deitados numa grande clareira, em uma mata próxima à fazenda, esperavam, semiadormecidos, a ordem de invasão.

A ordem chegou às duas horas da madrugada. A invasão da fazenda foi rápida e mortífera. A ordem era ir em silêncio, invadindo todas as residências no caminho de cada um dos oito grupos de homens, matando a tiros todos os homens que aparentavam mais de 16 anos de idade. Mulheres e menores de 16 anos deveriam ser poupados, desde que não participassem da resistência e não colocassem em risco a vida de quaisquer dos homens do Rio de Janeiro. Violência, que não tivesse como objetivo primário a morte dos inimigos, não seria aceita de maneira alguma, e qualquer atentado sexual a mulheres ou crianças seria punido com morte sumária do infrator.

Os Sampaio e seus empregados não tiveram a mínima chance, sucumbindo pelos tiros certos dos pistoleiros do Rio de Janeiro. Ao

grupo comandado pelo Roma 45 coube a invasão da casa principal do Parque Formoso do Agreste, onde moravam Floriano e Isabel Sampaio. Floriano foi degolado pelo punhal de Guilherme “Baba-ovo” e morreu rapidamente. Isabel sofreu um infarto do miocárdio ao deparar a cena do marido degolado, e faleceu horas após a morte de Floriano. Ao fim da batalha, havia 65 cadáveres espalhados pela propriedade, sendo 24 membros da família Sampaio, 38 empregados da fazenda e três integrantes da comitiva de pistoleiros cariocas. Um membro Sampaio e dois empregados estavam fora, em Fortaleza, naquela madrugada de horror. Dos homens cariocas mortos, havia um elemento do Querosene, um do Tuiuti e Leonel “Vampiro”, da quadrilha de Roma 45. Os três tiveram as cabeças e as mãos decepadas, e os corpos carbonizados, para evitar reconhecimento. As cabeças e as mãos foram ensacadas em depósitos plásticos, e despojadas, amarradas a pedras, nas águas barrentas do Rio Acaraú, que corre próximo à localidade de Patriarca.

A caravana retornou nos mesmos ônibus, imediatamente após o fim da guerra contra os Sampaio. A viagem de regresso ao Rio de Janeiro foi tranquila como a viagem de ida ao Ceará, e foi feita inteiramente pelo sertão, a travessia do Rio São Francisco realizando-se entre Petrolina, em Pernambuco, e Juazeiro, na Bahia. A chegada ao Rio aconteceu no dia 8 de abril, pela manhã, quando os ônibus foram entregues aos seus motoristas oficiais, e, após descarregados de sua volumosa bagagem, regressaram à garagem da empresa rodoviária. Os 76 homens que regressaram naquele dia voltaram também às suas bases, felizes com a divisão dos 250 mil cruzeiros a que tiveram direito. Roma 45 regressou ao Morro do São Carlos e foi imediatamente informar Messias sobre o que havia ocorrido. Do dinheiro, ele nada recebeu.

A polícia chegou ao Parque Formoso do Agreste logo pela manhã, muito cedo. Eles encontraram mulheres e crianças em choque, algumas em estado bem próximo à loucura. Encontraram e reconheceram 63 corpos, como sendo integrantes da família Sampaio e empregados da fazenda. Destes, 62 haviam sido vítimas de armas de fogo ou instrumentos cortantes, e um, a octagenária Isabel Sampaio, havia sido vitimada por causa natural, não violenta. Havia também três

corpos mutilados e carbonizados, de impossível identificação.

A averiguação da chacina chegou a um caminho sem saída. A culpa foi inicialmente imputada à família Capistrano, do Ceará, mas, estranhamente, todos os membros da família possuíam álbis inquestionáveis, considerando que os crimes ocorreram de madrugada. Havia comentários vagos de pessoas que haviam visto dois ônibus, cheios de homens estranhos, chegando em Patriarca, na noite do dia 3 de abril, mas ninguém teve a preocupação de anotar placas ou qualquer identificação dos ônibus, e os comentários foram considerados rumores sem base, e esquecidos.

Com o assassinato de Quinzinho Sampaio, no Jardim América, a família Sampaio viu-se suprimida de seus homens e líderes, e então, daquele ano de 1971 até os dias atuais, nunca mais se ouviu falar de alguma morte que fosse associada à outrora implacável rixa entre os Sampaio e os Capistranos.

## A PRISÃO DE OTAVINHO

Cacilda Matos da Silva e Otaviano de Souza Lima, conhecido como “Jaburu”, pareciam ter vindo ao mundo para viver um, o mais longe possível, do outro. Realmente, não poderia haver personalidades mais divergentes. Dona Cacilda era uma “falastrona” histérica, e parecia viver em fase maníaca todo o tempo, falando em alta voz, rindo sonoramente e discutindo asperamente com os vizinhos em altíssimo tom. Defendia seus pontos de vista com uma dose de emoção incrivelmente forte e, algumas vezes, desproporcional ao valor do assunto em discussão, e era do tipo que não guardava desaforos de outros, sempre pronta a resolver seus problemas no ato.

“Jaburu”, porém, era diametralmente o oposto. De personalidade aparentemente depressiva, vivia calado grande parte do tempo, e semanas e meses transcorriam sem que alguém sequer notasse que “Jaburu” estava vivo e presente em sua humilde residência, no Morro do São Carlos.

Cacilda e “Jaburu”, entretanto, viviam juntos, e, apesar de o casal haver protagonizado alguns atos que demonstravam a existência de rugas conjugais, a vida em comum dos dois poderia ser qualificada como harmoniosa, na maior parte do tempo. Aliás, durante as chamadas rugas conjugais, só se ouvia a voz estridente de Dona Cacilda; de “Jaburu”, não se ouvia sequer uma lacônica palavra.

Não se sabia, com certeza, se o casal havia se unido por laços matrimoniais. Suspeitava-se que não, que apenas viviam juntos, em regime de concubinato. Nem ao menos, se sabia há quanto tempo estavam juntos. Sabia-se, porém, que o casal chegou para viver no Morro do São Carlos em meados de 1946, indo habitar uma modesta casa de tijolos, próxima ao conjunto de casas que logo, mais tarde, seria adquirido pelo casal Foscolo.



Apesar da natureza expansiva e algo agressiva de Dona Cacilda, com sua voz de timbre agudo, o casal jamais criou problemas maiores com a vizinhança, e se podia afirmar que os vizinhos, de modo geral, incluindo Garboso Infante, gostavam e respeitavam Dona Cacilda e “Jaburu”.

“Jaburu”, logo ao chegar, em 1946, realizou biscates como “pedreiro”, mas logo depois, em 1948 começou a trabalhar como anotador de jogo do bicho, função popularmente conhecida como “bicheiro”, num dos pontos menores do jogo no Bairro do Estácio de Sá. Sua efetivação como “bicheiro”, porém, ocorreu em 1951 quando a “banca” de bicho do Estácio de Sá foi ofertada a Fininho pelo seu sogro, o Capitão Lourival. “Jaburu” foi trazido para trabalhar na “Fortaleza”, e nunca mais deixou a vida de anotador do jogo de bicho.

Com a melhora de salário, o casal resolveu investir na formação familiar, e partiu para a adoção de um filho. Este chegou ao Morro do São Carlos em setembro de 1955, não havendo conhecimento popular de sua origem. Chegou com seis meses de idade e exibia a pele negra, como os pais adotivos. A ele foi dado o nome de Otávio de Souza Lima, mas, quase que imediatamente, todos no morro passaram a chamá-lo “Otavinho”. Entre a histeria ruidosa de Cacilda e o silêncio depressivo de “Jaburu”, Otavinho cresceu sempre cercado de um amor quase obsessivo, que lhe era ofertado pelos pais adotivos. Aparentemente, nunca tomou conhecimento de sua condição de filho adotivo, pois Cacilda ameaçava a todos na vizinhança para manter o segredo da origem de Otavinho.

O amor que Dona Cacilda ofertava a Otavinho poderia ser classificado como opressivo e, quase, doentio. Otavinho era mimado ao extremo, nunca lhe foi negado um pedido de ordem material, e a super zelosa Dona Cacilda o vigiava e o protegia das intempéries do meio ambiente. Ela acalentava em sua alma um forte desejo de fazer de Otavinho um profissional liberal, seja médico, advogado ou engenheiro, de alta qualidade.

Apesar da vigilância e proteção materna, porém, Otavinho, de quando em vez, se reunia com a rapaziada de sua faixa etária e,

nessas reuniões, o jovem não se abstinha de fumar um cigarrinho de maconha. A situação, entretanto, era quase inocente, sem grandes consequências e completamente controlável, visto que Otavinho, embora não fosse um aluno brilhante, não se deixava desviar dos estudos por aquele vício incipiente.

Tudo passaria, e a normalidade seria a tônica da vida de Otavinho, se, no ano de 1973, quando ele atingiria a maioridade, o Posto Policial do Largo da Bica não recebesse o reforço de um novo policial militar, o Cabo Russo.

Russo não era querido nem na própria corporação da Polícia Militar. Altamente personalista, vivia perseguindo os seus próprios colegas de farda, levando ao conhecimento dos superiores qualquer falha cometida por algum deles. Ao tomar posse, no Posto Policial do Largo da Bica, Russo viu surgir a possibilidade de incrementar o seu salário, para isso passando a perseguir os pequenos delinquentes do Morro do São Carlos, os achacando e embolsando o dinheiro proveniente dos achaques.

Foi, então, que, no dia 12 de junho de 1973, uma quarta-feira, quando Otavinho regressava do Colégio Estadual Souza Aguiar, onde cursava o segundo ano científico, em torno de uma hora da tarde, o jovem foi parado pelo Cabo Russo, em frente à lixeira, no início do Morro do São Carlos. Russo submeteu Otavinho a uma minuciosa revista e, segundo ele, encontrou uma quantidade de maconha que poderia ser classificada como muito acima do máximo que caracterizaria o vício. Otavinho recebeu voz de prisão por possível tráfico de droga e foi levado algemado, de imediato, à Delegacia Policial, localizada à Rua Senhor do Matosinhos, no Catumbi.

Eram cinco horas da tarde, quando Roma 45 regressou ao seu posto no Botequim do Baixinho, após haver passado duas horas no “Randevu” de Dona Carlota, ao lado de Isa. Ao chegar, Ratinho o informou de que Fininho estava esperando por ele no escritório.

“Oi. Que houve, Fininho?”

“Um problema com o “Jaburu”, Roma. A Cacilda veio chamá-lo, aos prantos. Parece que encanaram o Otavinho. Gostaria que você averiguasse tudo direitinho e, se possível, ajudasse o “Jaburu” nessa. Ele é um ótimo empregado. Preciso dele, Roma.”

“Puxa, encanaram o Otavinho? O garoto é uma joia! Não posso nem fazer ideia da razão. Pode deixar, vou dar uma “assuntada”.”

“Tanto “Jaburu” quanto a Cacilda devem estar em casa. Eles foram à delegacia, mas passaram por aqui, na volta, em estado lastimável, os dois. Estavam inconsoláveis.”

“Vou até lá, na casa deles, saber direitinho do problema. Vou mandar o “Da Ida” descer, pra te acompanhar quando você estiver voltando pra casa.”

“OK.”

Roma 45 encontrou Dona Cacilda em meio a um pranto, sem chances de consolação. Ela estava impossibilitada de falar, e foi o sempre silencioso “Jaburu”, com o rosto molhado pelas lágrimas, que conversou com Roma.

“Como foi o negócio, “Jaburu”?”

“Olha, Marcello, isso foi sacanagem desse Cabo Russo. Ele “plantou” a maconha no Otavinho, para parecer comércio.”

“Foi o Russo? Esse ‘cabra’ novo que chegou no Posto da Bica há pouco?”

“Foi, Marcello. Você sabe que o Otavinho não comercia. Ele até confessou pra nós, que já “puxou” uns tragos, de vez em quando. Mas jurou, Marcello, que a “erva” não estava com ele. Eu acredito no meu filho, Marcello. Ele não é mentiroso. Tenho certeza de que esse Russo “plantou” a “erva” no menino, pra tentar um “ganho”.”

“Vocês conversaram com Otavinho? Na delegacia?”

“Foi, conversamos. Ele disse que o Russo exigiu um “Cabral” para liberá-lo. Ele disse que não tinha tanta “grana” e, então, o Russo mandou que ele descesse com ele até a “Fortaleza” para apanhar comigo ou com o Fininho.”

“E, então?”

“Otavinho negou, dizendo que a droga não era dele, e que, portanto, não iria fazer o que fora ordenado. Acho que Otavinho não queria que eu soubesse do problema. Mas aí o Russo o prendeu e o levou lá pra Senhor do Matosinhos.”

“Vocês foram lá, os “caras” não quiseram liberar o Otavinho?”

“Não. Ele foi autuado em flagrante como traficante. Foi a palavra do Russo contra a dele, e a do Russo prevaleceu. Tirou fotografia, impressões digitais, o “escambau”. Foi fichado, Marcello, o nosso filhinho. Agora isso vai ficar pra sempre. Mesmo que ele receba uma pena mais leve, por ser primário, o crime de tráfico é muito castigado, Marcello. E a ficha dele vai ficar suja, vai acabar com o futuro dele. “Porra”, tanto eu quanto a Cacilda estávamos sonhando com o futuro dele. Ele queria entrar para a Escola de Sargentos Especialistas da Aeronáutica, em Guaratinguetá. Mas agora, com a ficha suja, nem pensar, terminou o sonho dele.”

“A ficha dele foi enviada pra algum lugar?”

“Acho que não. O Delegado Amarante nos informou que ele descerá amanhã para o Ponto Zero. Provavelmente, a ficha irá acompanhá-lo, e depois, de lá, mais tarde, será enviada para a vara criminal.”

“Olha, “Jaburu”, vou ver o que posso fazer. Se quisermos livrar o Otavinho, temos que agir rápido, antes que ele chegue ao Ponto Zero. Lá, será impossível. Tem que ser hoje à noite. Vou reunir a rapaziada, e veremos o que poderemos fazer. Por enquanto, procure ajudar a Dona Cacilda. Ela me parece muito afetada. Vou mandar minha mãe vir aqui te ajudar com sua mulher. Aguarde notícias minhas.”

“Obrigado, Marcello. Se você conseguir ajudar o Otavinho, ficaremos lhe devendo a nossa vida. Que Deus te ilumine.”

Roma deixou a casa de “Jaburu”, e dirigiu-se para o barraco do Marinho.

“Cara, temos um problema. Queria toda a rapaziada lá no Botequim do Baixinho em meia hora. Vou descer pra esperar o “Da Ida”, que vem acompanhando o Fininho, e iremos pra lá, encontrar com vocês. Você tem que agir rápido. Dá um pulo no Querosene e veja se o “Cutela” e o “Ourinho” podem aparecer, também. Com certeza, vou precisar do “Beizola” e do “Português”. Vá agora, te vejo daqui a uns minutos.”

“Tá legal, até mais.”

Marinho cumpriu à risca sua tarefa. Quando Roma e “Da Ida” chegaram, estavam todos presentes, inclusive “Cutela” e “Ourinho”.

“Olha aí, moçada. Vamos precisar trabalhar sem ver dinheiro hoje à noite. É um grande favor para mim. Depois combinamos um “ganho” pra dividir entre vocês.”

“Qual é o “galho”, Roma?”

“O Otavinho, da Dona Cacilda, foi preso hoje à tarde. Parece que esse novato do Posto da Bica, o tal de Russo, “plantou” uma “mochila de erva” no Otavinho, pediu uma “grana” alta, e como não foi atendido, levou o garoto pra Delegacia do Senhor do Matosinhos. Ele foi autuado como traficante, e amanhã vai ser levado pro Ponto Zero. Quero libertar o menino e queimar a ficha dele, hoje à noite. Tem que ser hoje. Amanhã não dará mais tempo”.

“Complicado, Roma. A gente vai ter que ir na casa dos “homens”. Puxa, vai ser “pedreira”.”

“Não há dúvida, ‘Cutela’, que vai ser “barra pesada”. Mas tenho que fazer, pois não quero ver o Otavinho “queimado” na vida. Gostaria da ajuda de vocês, do Querosene.”

“Se você for, reuniremos uma rapaziada e vamos juntos, Roma.”

“Obrigado, “Cutela”. Agora, eu queria saber um negócio. Alguém sabe alguma coisa desse tal de Russo? Qual é a dele?”

“Esse “cara” é um “fudido”, “filho da puta”, Roma. Ele deve ter “plantado” a droga no garoto. É coisa dele. Ele tá enchendo o “saco” da rapaziada do morro, pegando dinheiro de todos. Outro dia eu e o

“Lelé” estávamos “puxando” um “baseado” numa boa, sem incomodar ninguém, lá na Grotta, quando ele chegou com a maior “bronca”. O “Lelé” teve que soltar “cenzinho” pra ele nos esquecer. E ouvi dizer que ele comentou que vai começar a visitar o Fininho, pois o dinheiro que o “bicho” dá chega muito pouco pra ele.”

“É, o “cabra” é safado, mesmo. Quem sabe onde ele mora?”

“Eu sei. Ele mora na Rua Uranos, perto de uma “mina” que eu estou tirando um “sarrinho”. Outro dia tava “brincando” com ela dentro do carro, quando vi ele chegar em casa. Sei onde é.”

“Ótimo, “Piroca”. Então, eu quero que você e o “Beißola” saiam agora pra Uranos, e esperem ele chegar. Quando avistá-lo, você, “Beißola”, “queima” o “cara” legal. Aí, você e “Piroca” podem subir pro Morro do Alemão e pedir um “refresco” pro nosso amigo Alcir. Ele nos deve e vai ajudar vocês.”

“Pode deixar conosco. Vamos agora mesmo.”

“OK. Os outros, prontos, com “berro” armado, à meia-noite. Alguém sabe quantos homens ficam lá na delegacia de madrugada?”

“Há, mais ou menos, um mês, me seguraram quando vendia um “baseado” pra um “boneco”, lá do asfalto, e me levaram pro Senhor do Matosinhos. De madrugada, ficaram oito, contando com o comissário de plantão. Se a gente for uns 15 e chegar de surpresa, acho que pegaremos os homens despreparados.”

“Obrigado, “Ourinho”. Então, é isso, quero “Ratinho”, “Marinho”, “Tísico”, “Da Ida”, “Caixa”, “Da Mena”, “Grilo”, “Português”, “Azulão”, “Maravilha”, “Lelé”, “Da Laura” e “Baba-ovo”. Posso contar com vocês dois, “Cutela” e “Ourinho”?”

“Estamos prontos, Roma. De “berro” e tudo.”

“Ótimo. Vamos precisar de quatro carros. “Tísico”, “Lelé”, “Da Laura” e “Azulão” irão dirigindo. Tem que ser jogo rápido. Render os caras; “queimar”, só com reação. Aí, libertamos todos os presos que estiverem lá. Otavinho vem no carro comigo, e vamos levá-lo pro Tuiuti. Antes de sair, quero o arquivo todo queimado.

Tenho de ter certeza que a ficha do Otavinho está lá. A ficha dele virá conosco. Entendido?”

“Tudo certo, chefe.”

“OK. Meia-noite todos na “lixreira” com os carros. “Tísico” leva a Veraneio. “Lelé”, você “puxa” um carro no Estácio. “Azulão” dirige a minha Brasília. “Da Laura” vai no “TL” do “Da Ida”. “Cutela”, tanto você quanto o “Ourinho” podem esperar no barraco do Marinho.”

“OK, Roma.”

“Meia-noite na “lixreira”. Até já.”

O assalto à Delegacia foi fácilimo. Apenas quatro policiais vigiavam os 12 presos, incluindo Otavinho. O comissário de plantão havia se ausentado para visitar uma amiga e não estava presente na hora do ataque. Não houve qualquer reação por parte dos policiais.

A ficha de Otavinho foi localizada e guardada com o próprio Roma 45. O restante do arquivo da delegacia foi queimado, minutos antes dos pistoleiros abandonarem a delegacia.

Os 11 presos libertados ganharam a rua e fugiram para o Morro do Catumbi. Otavinho seguiu na Veraneio, dirigida por Paulinho “Tísico”, junto com Roma 45, “Da Ida” e “Ratinho”. Ele foi deixado no Morro do Tuiuti, sob os cuidados de “Caolho”, que o escondeu por dois meses, quando então retornou ao ambiente familiar, reiniciando suas atividades estudantis.

Seu processo foi levado ao Morro do São Carlos, e foi queimado na presença de “Jaburu” e Dona Cacilda, que choravam de emoção, abraçados.

Russo estacionou seu “fusquinha” na frente do portão de sua garagem, e buzinou, esperando a mulher vir para abrir o portão. Antes, porém, que o portão fosse aberto, “Beizola” e “Piroca” saíram de um carro que estava estacionado em um local próximo, completamente às escuras, e descarregaram os seus revólveres, calibre 38, no tórax e na cabeça do Cabo Russo, que morreu sem oferecer resistência. Os dois pistoleiros fugiram em direção ao Morro do Alemão, onde

foram abrigados por uma semana por Alcir, um grande amigo de Roma 45.

Otavinho não foi mais importunado pela polícia e, no final do ano seguinte, prestou concurso com sucesso para a Escola de Sargentos Especialistas da Aeronáutica, transferindo-se para Guaratinguetá, no início de 1975. Ele graduou-se no final de 1977, tornando-se sargento meteorologista, indo trabalhar no Aeroporto de Viracopos, em Campinas. Antes de mudar-se para Campinas, ele contraiu núpcias com Georgina, uma linda professorinha morena, natural de Guaratinguetá. Ele nunca mais retornou ao Morro do São Carlos, obrigando “Jaburu” e Dona Cacilda a periodicamente viajarem a Campinas para visitá-lo, junto à nora e aos três netos, que nasceram nos anos seguintes. Soubese do seu paradeiro pela última vez em 1983, e aparentemente ele vivia tranquilo e feliz, junto à família.

“Jaburu” viveu em completo silêncio mais seis anos, falecendo em 1979, vítima de um infarto fulminante do miocárdio. Dona Cacilda viveu em sua fase maníaca por dez anos, sempre proclamando aos quatro ventos que ela era mãe de dois filhos, um chamado Otavinho e o outro Garboso Infante. Ela faleceu, vitimada por um carcinoma gástrico, em 1983.

A polícia investigou sumariamente o ocorrido, e encerrou as investigações por completa falta de evidências. A morte de Russo foi registrada, mas nenhum dos seus companheiros de farda clamou por vingança.



PARTE V

# O MACHISTA



**E**m muitos momentos da vida, não se sabendo ao certo qual das personalidades, se a de Garboso Infante ou a de Roma 45, Marcello Foscolo demonstrava sua índole mafiosa, muito provavelmente de origem genética, visto que tanto Salvatore Foscolo como Sandrina nunca deram mostras de qualquer influência mafiosa em suas personalidades. Pelo contrário, durante o tempo em que conviveram no Morro do São Carlos, Salvatore e Sandrina assimilaram a cultura local, jamais mostrando qualquer atitude pouco democrática ou tentando fazer valer um ponto de vista por outro mecanismo que não fosse uma discussão franca, aberta e democrática de todos os elementos envolvidos no problema.

O mesmo não se pode falar a respeito de Marcello. Apesar do bom coração que possuía, aí mais na personalidade de Garboso Infante, em numerosos momentos de sua vida, em outros, não menos frequentes momentos, Marcello tentava fazer valer sua palavra e suas ideias por meio da força e da violência, muitas vezes ultrapassando limites e invadindo direitos alheios. Nesses momentos antidemocráticos, de força e violência, parecia, claramente, que a personalidade dominante era a do Roma 45.

Um dos valores mais profundos e arraigados na alma de Marcello Foscolo era um sentimento fortíssimo de inviolabilidade da família. Para ele, a família era a unidade indivisível da matemática da vida, e só a família unida poderia planejar e obter êxito, em transformar um presente árduo num futuro de conquistas. A quebra do elo familiar, para Marcello, representava o fim para todos os componentes da, supostamente, infeliz família.

Preservar a família, a despeito de todos os riscos envolvidos neste processo de preservação, era obrigação de todo o ser humano. Infeliz era o indivíduo que atentava contra o bem-estar familiar, estando este no alcance das garras de Marcello. Certamente este indivíduo iria lamentar profundamente ter se envolvido naquela ação que determinou um dano familiar.

Neste grandioso sentimento pró-família, no entanto, havia pontos de vista distorcidos, fora da realidade e, até mesmo, doentios.

Primeiro, havia a aberração das ações criminosas, chefiadas pelo Roma 45, ações incoerentes, pois em numerosas ocasiões suprimiram de várias famílias os seus líderes, seus chefes, os responsáveis pelo equilíbrio econômico e emocional dessas infelizes famílias. Quantos pais de família não tiveram suas vidas ceifadas em decorrência de violência gerada pelo Roma 45 ou pela quadrilha sob sua chefia!

Segundo, a saúde, a indivisibilidade da família era, segundo Marcello, uma obrigação de todos os membros que compunham o ambiente familiar, mas a mulher, a mãe de família, a esposa, era o membro a quem mais cabia zelar pela união familiar. Na sua concepção, um dos fatores mais importantes em determinar a destruição familiar, era a infidelidade conjugal e, segundo ele, principalmente, a infidelidade feminina.

Marcello Foscolo acreditava que a infidelidade masculina não era alicerçada pelo sentimento do amor, e sim, corria por conta de uma necessidade, provavelmente, hormonal, que o homem carregava em si, em relação ao sexo. Com isso, pensava ele, a infidelidade masculina não submetia a risco o equilíbrio familiar, e era, então, passível de perdão.

Ele, entretanto, acreditava ser a mulher um animal diferente neste aspecto. Segundo ele, para a mulher, amor e sexo se confundiam, trilhavam os mesmos caminhos, sincronicamente. E ele ia mais além em suas crenças, pois pensava que o sexo na mulher era uma resposta a um estímulo oriundo da emoção, que aflorava ao consciente, revestido pelo sentimento que chamamos de amor, e não havia nenhuma ligação com produção e liberação hormonal, como acontecia no sexo masculino. Sendo assim, a infidelidade feminina sempre colocava em risco a unidade familiar e, conseqüentemente, deveria ser coibida a qualquer preço, inclusive e, principalmente, com o uso de métodos de violência.

Os dois capítulos seguintes servirão para demonstrar com clareza, assim espero, a visão distorcida, doentia, seja de Marcello Foscolo ou de Roma 45, que estava abrigada na razão patológica daquele ser humano.

## O CASO DO ‘ZÉ CHIFRUDO’

Era, à primeira vista, difícil de se entender como um homem do tipo de José Carlos de Paiva conseguiu atrair a atenção e o amor de Marieta Pimenta de Paiva, levando o casal ao matrimônio.

À primeira vista, nada havia de interessante ou atraente em José Carlos. Bonito ele não poderia ser considerado; muito pelo contrário, sua fronte alargada, seu nariz que mais lembrava o focinho de um suíno, suas numerosas falhas dentárias e seu queixo proeminente e afilado, formavam uma face digna de piedade. José Carlos era um feio. De corpulento, ele não poderia ser chamado; muito pelo contrário, de físico acanhado, ele lembrava mais um habitante de um nosocômio de tratamento de tuberculose. Culto, isto era um adjetivo que não lhe poderia ser imputado; muito pelo contrário, Zé Carlos não havia frequentado a escola primária em sua cidade natal, Teófilo Otoni, e mal sabia assinar o nome.

Por outro lado, um substantivo poderia ser apropriado a Marieta: “mulheraço”. Marieta fazia a população masculina do Morro do São Carlos perder a seriedade. Não havia um só representante do sexo masculino, seja ele criança, adolescente, adulto jovem, homem de meia-idade, ou idoso, que não se virasse para apreciar o desfile daquele maravilhoso carro alegórico, no que se constituía a Marieta Pimenta de Paiva. Maravilhosa, na sua exuberante forma física, Marieta exibia seios fartos, mas bem delineados e rígidos, que enchiam as bocas masculinas de saliva, quando ela passava em seus vestidos que não procuravam ocultar a exuberância daquelas glândulas mamárias. A cintura de Marieta dava a ela a qualidade, a qual aplicamos a expressão “mulher-violão”. O que ela possuía de melhor, porém, mais atraente, mais voluptuoso, mais delicioso, era o seu quadril, de onde se projetava posteriormente o mais desejado, mais atraente, mais apetitoso traseiro do Bairro do Estácio de Sá. A esse corpo divino, Deus forneceu como

acabamento um rosto sublime, de rara beleza. Seus cabelos, seus olhos castanhos, grandes e brilhantes, seu sorriso alvo de dentes perfeitos, tudo isso fazia de Marieta uma mulher deslumbrante. E ela tinha plena noção de seu fascínio. Quando caminhava, sabia mover aquela fonte de pecado, que era o seu traseiro incrivelmente maravilhoso, em um rebolar lento e ritmado que alucinava os habitantes do São Carlos, e acredito, todos no Rio de Janeiro, que foram agraciados por Deus com aquela visão celestial. A criançada do Morro do São Carlos, na sua inocente mas incrível sabedoria, criou um pequeno verso, com o qual prestava merecida homenagem, quando Marieta desfilava sua beleza pelas ruas do Estácio:

“Marietinha  
do bole-bole,  
peitinho duro,  
“bundinha” mole”.

À primeira vista, era difícil explicar o casal José Carlos-Marieta. Quem se dispusesse, no entanto, a conhecer e entender a história do casal, facilmente compreenderia aquela união.

Marieta nasceu e cresceu em Belo Horizonte, e foi naquela cidade, no ano de 1960, que José Carlos, aos 28 anos de idade, conheceu sua exuberância física, a qual tinha tão somente 20 anos de existência. José Carlos havia imigrado de Teófilo Otoni para a Capital mineira, e arranhou um emprego de auxiliar e aprendiz de mecânico de automóveis numa oficina, que estava situada numa região pobre do Bairro de Lourdes. Em frente à oficina mecânica morava a família Pimenta da Costa, com sua numerosa prole de 11 filhos, da qual Marieta era a filha mais velha.

José Carlos passava as suas horas de folga no emprego admirando, boquiaberto, o vaivém de Marieta ao longo da rua em que esta morava,

e imaginem qual foi a sua surpresa e deslumbramento, quando um dia, aproveitando a chance de se aproximar e falar com Marieta, viu que ela aceitava e até estimulava seu cortejamento. Marieta aceitou o convite para ir ao cinema, aceitou os beijos e as carícias íntimas que José Carlos lhe ofertou no “escurinho” do filme a que assistiam, e, para completo delírio e deslumbramento daquele pobre aprendiz de mecânico, cedeu a ele toda a opulência física que Deus lhe havia dado, naquela mesma noite de domingo, num terreno baldio, próximo à casa dos Pimentas da Costa.

É impossível descrever o que se passou na mente de José Carlos, após aquela noite memorável. Imaginem, ele que, até aquele momento, não tivera a chance ou a competência de ter uma só namorada, era desde aquele instante o feliz mortal, agraciado com a dádiva de usufruir do corpo mais admirado e cobiçado das redondezas. O que ele não sabia, ou não quis saber, é que a mesma sensação de êxtase e deslumbramento que vivera já havia sido experimentada pelas torcidas do Cruzeiro e do Atlético Mineiro.

O casamento aconteceu, rapidamente, após um curto romance, e José Carlos e Marieta, com renda muito baixa, foram habitar uma das várias favelas que, naquela época, já começavam a invadir o espaço territorial de Belo Horizonte. Marieta conseguiu um emprego em uma tecelagem e José Carlos tornou-se um mecânico, melhorando um pouco sua renda mensal. E, aparentemente, o amor entre os dois se solidificou e, até mesmo, cresceu. Ambos retornavam ao modesto lar, assim que se viam liberados nos empregos, e chegavam ávidos, um pelos carinhos do outro. E se amavam horas a fio, pela noite adentro, absortos, entre aquelas quatro paredes, e totalmente alheios ao mundo exterior. Inicialmente, tiveram o cuidado de evitar gravidez, por um duplo motivo: primeiro, pela vida sofrida, difícil do ponto de vista econômico e, segundo, para não impor obstáculos naquela vida amorosa deliciosa que cursavam.

Um óbice, entretanto, surgiu 18 meses após a união do casal. Um obstáculo completamente inesperado e totalmente inexplicável para José Carlos. Um dia, ao acordar pela manhã, chegando ao

banheiro a fim de eliminar a primeira urina do dia, José Carlos sentiu uma ardência quase que insuportável, uma dor cortante no interior de sua uretra, que parecia ser causada pelo jato de urina que eliminava. E sua surpresa tomou proporções maiores, chegando ao pânico, quando notou as calças dos seus pijamas embebidas por um líquido espesso e viscoso, de odor fétido. Aquilo era um achado completamente novo em sua vida, e José Carlos, ao chegar à oficina mecânica, solicitou ao patrão permissão para se ausentar por algumas horas, a fim de procurar atendimento médico no Posto do INPS.

Ele esperou, pacientemente, sua vez de ser atendido na Urologia e, após um rápido exame físico, José Carlos ouviu do médico um diagnóstico completamente desconhecido no seu dicionário mental: uretrite gonocócica.

“Gonorreia é uma doença causada por um micróbio, uma bactéria. É uma doença venérea”.

“Desculpe, doutor, mas eu não entendo estes nomes complicados. Que coisa é essa tal de doença venérea?”

“Doença venérea, senhor José Carlos, é aquela que é passada de uma pessoa para outra mediante relação sexual. O senhor, por exemplo, se contaminou, foi infectado pelo micróbio, ao ter um ato sexual com uma parceira que estava infectada pelo micróbio. Deu pra entender?”

“Acho que sim, doutor. Mas o senhor vai desculpar mas, com todo o respeito, eu acho que o senhor está errado quando diz que eu estou com essa tal de gonorreia.”

“Vou lhe dizer, Sr. José Carlos, tenho plena certeza do meu diagnóstico. Vejo dezenas de casos de gonorréia, diariamente, e o exame bacterioscópico pelo Gram da sua secreção uretral não deixa dúvida. Está lá, o diplococo Gram-negativo, sem dúvida *Neisseria gonorrhoeae*, o causador da doença. E tem mais, Sr. José Carlos, vamos precisar que o senhor nos informe todos os contatos sexuais que teve nas últimas três semanas, pois teremos que contactar a todos para que sejam submetidos a exame a fim de evitar a propagação descontrolada da doença. Mas



não se preocupe, sempre agimos com o máximo sigilo, evitando comprometer as pessoas, claro, na medida do possível.”

“Mas é justamente por este fato, doutor, que eu lhe digo, que o seu diagnóstico está errado. Sou um homem casado, doutor, há quase dois anos, e lhe digo, muito bem casado. Eu e minha mulher nos amamos e vivemos um para o outro. E quer saber mais, doutor, a minha Marieta foi a primeira e única mulher com a qual eu tive um ato sexual. Nunca, doutor, nunca mesmo, eu pratiquei sexo com outra mulher, que não fosse a minha rainha. Por isso é que afirmo com todo o respeito que o senhor errou, doutor.”

“Não, não errei, Sr. José Carlos. Infelizmente, não estou errado. O senhor realmente não teve relações sexuais com outra mulher, uma amiga, uma colega de trabalho, alguém, mesmo que tenha sido uma relação sexual rápida, até mesmo incompleta, sem eliminação de esperma?”

“Nunca, doutor, nunca, nem com essa tal esperma ou sem ela.”

“Então, Senhor José Carlos, vamos precisar que o senhor traga a sua esposa para que possamos examiná-la.”

“O quê? Que absurdo é esse? O senhor está me ofendendo, ofendendo minha mulher. O que o senhor está pensando? Marieta é uma mulher honesta, ela vive para a nossa vida. Isso é um absurdo.”

“Acalme-se, por favor, Senhor José Carlos. É muitíssimo importante que o senhor traga a sua esposa aqui. É para o bem dela. Deixe-me lhe explicar: a gonorreia é uma doença banal, facilmente curável, no homem, Senhor José Carlos. Basta que o senhor tome uma aplicação de penicilina benzatina, e pronto, estará curado. Mas, na mulher, Senhor José Carlos, a gonorreia, se não for tratada de imediato, pode levar à consequências gravíssimas, inclusive causando infertilidade, isto é, a incapacidade de a mulher ter filhos. A sua esposa está infectada, Senhor José Carlos, e necessitará ser examinada e tratada com a máxima urgência, com o risco de sofrer de problemas incapacitantes num futuro próximo.”

“Mas, doutor, eu não fiz sexo com ninguém, lhe juro. Só o faço, com a minha Marieta, me explique, como é possível?”

“Prefiro deixar esta explicação para mais tarde, Senhor José Carlos. Agora, o importante é tratá-lo hoje, e examinar e tratar a Dona Marieta, se possível ainda hoje.”

“Isso é impossível. Ela está no trabalho.”

“Não, Senhor José Carlos, o senhor terá que buscá-la e aguardarei a chegada de vocês. Um colega meu, o Dr. Marcos Felício, que é psiquiatra aqui no Posto do INPS, irá conversar com vocês dois, após o exame da Dona Marieta e o início do tratamento dela. Agora, por favor, pelo seu próprio bem e o bem-estar de sua querida esposa, vá ali até a enfermeira Luzia tomar a sua injeção, e depois vá, imediatamente, apanhar a Dona Marieta e trazê-la aqui.”

Apesar da contrariedade, José Carlos seguiu à risca as ordens médicas, e, hora e meia mais tarde, adentrou o posto médico trazendo uma assustada e desconfiada Marieta. Dr. Álvaro José Borges, o urologista, e o psiquiatra, Dr. Marcos, os aguardavam.

A história clínica foi a portas fechadas, apenas com a presença dos dois médicos e Marieta. José Carlos havia sido ordenado ficar esperando no lado de fora. Marieta negou, veementemente, inicialmente, qualquer experiência extraconjugal nas últimas três semanas. Depois, todavia, em razão do terror causado pelas explicações médicas das consequências danosas a que ela e o marido estavam sujeitos, confessou, chorando, os muitos atos sexuais que havia praticado com vários colegas de trabalho na tecelagem e, também, com rapazes que moravam ou trabalhavam em outras firmas, nas imediações da tecelagem. Eram atos sexuais, aparentemente sem preocupação sentimental, puramente físicos, bestiais, numerosas vezes realizados rapidamente no banheiro masculino da tecelagem ou em outras ocasiões no mato que crescia nos muitos terrenos baldios do bairro onde se localizava a tecelagem.

E ela confessou, ainda, que, nas últimas duas semanas, o sexo extraconjugal foi limitado ao imenso negro Juvenal, o vigia noturno da tecelagem, com o qual mantinha sexo anal, diariamente, quando este chegava ao trabalho, no final do expediente. Ela vinha apresentando uma

secreção purulenta que saía pelo ânus, manchava as calcinhas e revestia as fezes ao defecar. Queixou-se, também, de dores em pontada na região do períneo posterior e da presença de sangue nas fezes, nas últimas vezes que foi ao banheiro para defecar. O exame bacterioscópico comprovou a proctite gonocócica. O tratamento foi iniciado pela enfermeira Luiza e, então, o Dr. Álvaro solicitou que José Carlos entrasse no consultório.

O constrangimento pairava no ar. As quatro pessoas presentes àquele consultório permaneceram em silêncio por alguns minutos. José Carlos olhava para a cabisbaixa Marieta, que chorava copiosamente, e ele mesmo começou a sentir o rosto molhado pelas lágrimas que não conseguia conter. Era evidente a emoção que dominava o casal. Dr. Álvaro e o Dr. Marcos permaneceram silenciosos durante aquele momento de emoção. Com a experiência que possuíam em lidar com pessoas em momentos emocionais fortes e arrasadores, ambos compreenderam, de imediato, olhando para a face e os olhos de José Carlos e Marieta, estudando a reação que os dois exibiam, que, primeiro, parecia existir amor e muito amor naquele relacionamento e, segundo, que José Carlos amava tão loucamente a sua Marieta, que sua reação ao conhecimento da verdade seria de sofrimento profundo, porém pacífica e conciliadora.

E José Carlos recebeu a pancada da verdade da voz da própria Marieta, e chorou, chorou muito, agarrado à amada, que não parecia sofrer menos. Marieta, entre soluços, jurava que ele, José Carlos, era o amor da vida dela, que ela nunca, sequer, imaginou uma vida sem o seu querido José Carlos ao seu lado, e que ele era o único homem com o qual ela admitia ter filhos. Ela jurava de joelhos, abraçada às pernas de José Carlos, que não conseguia resistir a um impulso fortíssimo, um desejo incontrollável que vinha de dentro dela, um impulso e um desejo de fazer sexo com a pessoa mais próxima, não importando quando, onde ou quem seria, mas que esses homens que a possuíam sexualmente nada representavam para ela. Na verdade, ela nem ao menos poderia descrever os seus rostos, eram apenas objetos saciadores daquela gana

irresoluta que dela se apossava, periodicamente. Esses homens, brancos ou pretos, magros ou gordos, cabeludos ou calvos, pobres ou ricos, eram apenas os consolos que ela usava numa prática masturbatória.

Para o psiquiatra Marcos Felício, era mais do que evidente que Marieta sofria de ninfomania. Ele, então, sugeriu que José Carlos e Marieta o procurassem em seu consultório particular. Ele estava ciente da dificuldade que o casal teria para pagar um tratamento psiquiátrico, porém, ofereceu umas sessões gratuitas com Marieta e outras com o casal para que o diagnóstico de ninfomania pudesse ser estabelecido com precisão e que pudessem desenvolver um plano de ataque ao problema que fosse viável economicamente ao casal.

O período de consultas com o Dr. Marcos Felício não curou Marieta. Ajudou, porém, na medida que ensinou ao casal o que era a ninfomania e quais eram as suas consequências. Mostrou a José Carlos que Marieta o amava de verdade, mas a traição era incontrolável em virtude da doença da qual sofria. Se ele amava a Marieta e quisesse continuar vivendo com ela, teria que assimilar com serenidade e bravura os desvios patológicos da mulher e, mais, saber protegê-la, e, por via do carinho, tentar influenciar o curso da doença. Ensinou a Marieta que o mal venéreo é uma das consequências desagradáveis da doença, mas havia outras, até mais graves, como, por exemplo, deixá-la exposta à violência física de pessoas mentalmente enfermas, que encontravam na violência uma forma até mesmo de potencializar o prazer sexual. Ela deveria exercitar um autocontrole que lhe possibilitasse diminuir quantitativamente as crises de impulsão sexual, e se fosse impossível eliminar por completo a doença, pelo menos ela com o exercício desse autocontrole, tentaria selecionar os indivíduos aos quais se entregaria, a fim de prevenir as sabidas consequências danosas da ninfomania.

Uma necessidade, que foi aceita tanto por Marieta quanto por José Carlos, era a de deixar aquele ambiente no qual viviam, para iniciar uma nova vida em um lugar onde ninguém os conhecesse, um local

onde o problema de Marieta não fosse de conhecimento público. A preferência seria a mudança para uma grande cidade de outro estado. Assim, em 1962, o casal José Carlos e Marieta mudou-se para a Cidade do Rio de Janeiro, indo residir em uma pequena casa alugada na Rua de São Carlos, esquina com a Rua São Roberto, a poucos metros da “lixreira” e muito próximo ao início do Morro do São Carlos.

Ali, a felicidade invadiu de vez a vida do casal, com Marieta arranjando um emprego de recepcionista em uma poderosa empresa de seguros e investimentos, localizada na Avenida Rio Branco, enquanto José Carlos ficava em casa, trabalhando avulsamente, como biscateiro, usando seus conhecimentos de mecânica para consertar carros e aparelhos eletrodomésticos da população do Estácio de Sá. Ali, Marieta engravidou e pariu três vezes, de 1965 a 1972, três meninos, motivos do amor e orgulho de José Carlos.

Apesar das três gestações e dos três partos, a natureza protegeu o belíssimo corpo de Marieta, e ela, assim que se via livre das gestações, voltava a exibir a mesma exuberância e opulência física. Como já expressei, no entanto, Marieta melhorou muito de sua enfermidade psíquica, sem, contudo, haver sido curada. Ela melhorou, exercitando um autocontrole que minimizou o número e a potência de suas desvairadas crises em busca de sexo e, também, por limitar suas escapadas sexuais extraconjugais a parceiros de melhor nível intelectual e socioeconômico, e sempre longe do ambiente familiar e do bairro onde residia.

Marieta nunca transgrediu esses princípios com qualquer habitante do Estácio de Sá, e, muito menos, do Morro do São Carlos. Apesar da admiração e do desejo que despertava nas hostes masculinas da região, nenhum homem do bairro recebeu a dádiva de possuir fisicamente a linda Marieta. Para não se radicalizar e dizer que nenhum homem havia sido agraciado com essa dádiva, falava-se, porém não se provava, que o banqueiro de bicho Fininho, já havia realizado algumas incursões sexuais no físico fenomenal da musa Marieta.

Aparentemente, porém, o problema de Marieta continuava a existir, e ela aceitava as investidas de executivos da empresa onde

trabalhava ou de outras organizações nas adjacências. Eram todos, no entanto, homens de poder aquisitivo, que, por meio de ofertas monetárias ou em forma de bons presentes, procuravam usufruir do corpo maravilhoso daquela humilde recepcionista. Marieta viu, então, nessas investidas a chance de, ao mesmo tempo, saciar a sua volúpia sexual com parceiros saudáveis e de bom nível intelectual e socioeconômico, e também aumentar a renda e o conforto familiar, recebendo ajuda financeira e material de ordem diversa. Sua casa, outrora humilde, recebeu vários incrementos em forma de aparelhos eletrodomésticos de primeira linha, conforto esse existente em raras residências do Estácio de Sá. Várias vezes, ela chegava de volta ao lar dirigida pelos parceiros em automóveis de última linha, caríssimos, muitos deles importados. E tudo isso acontecia com a aquiescência e, até mesmo, a cumplicidade de José Carlos, que aceitava a chegada dos caros presentes ofertados a Marieta, com um largo sorriso.

Ela, no entanto, sempre voltava, correndo, caindo nos braços do amado José Carlos, recebendo manhosamente suas carícias e seus afagos, e junto com os filhos vivendo uma vida serena de aparente amor e felicidade.

As más “línguas” do bairro, no entanto, não perdoavam os deslizes extraconjugais de Marieta. A infidelidade dela tornou-se assunto em pauta em qualquer encontro, seja de homens, em um bar, ou de mulheres, na feira ou no supermercado. Inicialmente, foi formado um comitê que seria responsável por ir a José Carlos, a fim de procurar acordá-lo para o que estava acontecendo, e que ele parecia não perceber. Qual foi a surpresa do comitê, quando todos ouviram de José Carlos o repúdio àquela invasão de privacidade, afirmando que o comitê era, na verdade, formado por alcoviteiros fofoqueiros e invejosos, e que ele, José Carlos, sabia e aprovava o comportamento da esposa, isto é, o fato de ela receber presentes e vir algumas vezes para casa em companhia de gentis colegas de trabalho.

A reação da população do bairro à suposta pusilanimidade de José Carlos foi de revolta e, imediatamente, ele ficou conhecido pelo

grotesco apelido de “Zé Chifrudo”. Ele, porém, assimilou o apelido com uma atitude de indiferença. A vida, então, trilhou o seu curso.

Ainda não se sabe por que cargas d’água, a Marieta, que antes exibía um comportamento muito discreto em relação aos homens do Bairro do Estácio de Sá, resolveu, um belo dia, no final do ano de 1973, começar a assediar Roma 45, claramente com o objetivo de levá-lo ao leito para fins sexuais. Os olhares lançados por ela, suas palavras excitantes quando o procurava para conversar, e o uso das mãos, procurando tocá-lo e acariciá-lo, seriam mais do que suficientes para dar a entender a qualquer pessoa que Marieta estava querendo realizar uma escapada com Roma 45.

Ele recebia as investidas com serenidade, sempre procurando evitar um clima que desencadeasse uma euforia em busca do prazer sexual. Roma não via com bons olhos a possibilidade de ser o objeto de traição de uma mulher casada. Marieta parecia, entretanto, não perceber a rejeição dele em relação as suas investidas.

Aparentemente, contudo, a persistência venceu, e numa manhã ensolarada de domingo, 14 de março de 1974, Marieta e Roma 45 seguiram para curtir a emoção do sexo num hotelzinho de segunda categoria, localizado na Rua Haddock Lobo. O sexo, esperado por ela, não aconteceu. O que se seguiu foi um dantesco espetáculo de violência e selvageria, com Roma espancando violentamente a mais graciosa mulher do Estácio de Sá. Ao final, não satisfeito com o espancamento, Roma empalou Marieta, para tanto fazendo uso de um pequeno tubo de metal, que ficou alojado por inteiro no reto da infeliz.

Roma desceu à portaria do hotel e pediu para que o empregado da recepção lhe chamasse um táxi. Assim que o carro encostou na porta do hotel, Roma solicitou que o motorista deixasse o volante do carro e viesse ajudar no transporte de sua amiga, que havia passado mal, lá no quarto. Ele subiu com o recepcionista do hotel e o motorista do táxi, e, ao chegar ao quarto, abriu a porta e solicitou que os dois entrassem.

Tão logo os dois homens adentraram o cômodo, a cena que depararam falava por si mesma. Marieta estava desfalecida, completamente nua; a sua face estava edemaciada e completamente deformada, pois era uma mistura de tons vermelho-escuro e vermelho-vivo. Os olhos, aparentemente, estavam fechados, porém não havia certeza, pois as pálpebras arroxeadas e edemaciadas ocultavam a presença dos globos oculares. Seus lábios carnudos, outrora lindos e incrivelmente desejáveis, assim como os dois pavilhões auriculares, estavam partidos em vários pontos e sangravam abundantemente. Seu tórax, parede abdominal e as mamas variavam do tom azulado ao arroxeadado até ao vermelho-vinho. E sua linda e divina retaguarda, jazia submersa numa poça de sangue vivo que jorrava do orifício anal.

Não havia dúvidas de que aquela mulher ali prostada, diante dos olhares dos dois homens, fora vítima de sevícias selvagens, com um inegável instinto de crueldade. Os homens viraram-se com o objetivo de interpelar Roma e, então, quase foram vítimas de parada cardíaca, tamanha foi a surpresa com o que depararam.

Na frente dos dois estava aquele imenso cidadão, empunhando uma “45” em cada uma das mãos.

“A senhora ali na cama precisa de ajuda. Vocês dois irão transportá-la para o táxi e levá-la ao Hospital Souza Aguiar. Mas, lembrem-se, vocês nada viram, apenas ouviram uns ruídos surdos e, depois de algum tempo, resolveram investigar, encontrando a infeliz nesse estado lastimável. Não viram e não têm ideia de quem possa ter perpetrado este ato odioso. Lembrem-se: repitam esta história toda a vez que alguém perguntar. Tomem cuidado com as contradições. Repitam a história até mesmo sob ameaça de prisão. Sei onde fica este hotel e tomei nota da placa do táxi. Se a missão não for cumprida como estou determinando, irão se encontrar comigo novamente, e aí mandarei os dois para o inferno. Entenderam?”

“Sim, fique tranquilo, meu senhor. Por favor, vire essa arma para lá, pois ela pode disparar por engano.”



“Não se preocupe, ela só disparará pela minha vontade. Lembrem-se: posso voltar a qualquer momento, se não cumprirem a parte de vocês.”

“Já estamos indo, patrão.”

Marieta foi enrolada em um lençol, e carregada com muito cuidado até o táxi. A infeliz, fora de sentido, e os dois homens partiram em direção ao Hospital Souza Aguiar, onde, na calçada em frente ao hospital, ela foi abandonada, e o táxi desapareceu. Funcionários do hospital, então, a conduziram ao interior do nosocômio, onde o tratamento foi iniciado. Ela foi submetida a uma cirurgia de urgência para a retirada da barra metálica encravada na luz do reto. Uma colostomia temporária foi instalada, e Marieta, após a recuperação anestésica, tomando cortisol venoso para coibir o edema cerebral, foi encaminhada à enfermaria de mulheres de cirurgia proctológica, onde, no terceiro dia do pós-operatório, recobrou a consciência e solicitou que avisassem ao “Zé Chifrudo”.

Marieta e “Zé Chifrudo” não relataram o que havia se passado com ela. A polícia bem que tentou extrair toda a verdade do casal, inclusive quem seria o perpetrador daquela selvageria. Tudo, porém, foi inútil. Marieta recusava-se a apontar o culpado, procurando sempre eximir o seu amado “Zé Chifrudo” de qualquer suspeita. A polícia, então, arquivou o processo por absoluta falta de evidências.

A alta hospitalar ocorreu 15 dias após a segunda cirurgia, para fechamento da colostomia. Apesar de Marieta haver recuperado quase todo os seus traços físicos maravilhosos, do ponto de vista psíquico, a derrocada da infeliz foi contínua e progressiva. Ela pareceu ter caído em um profundo estado de depressão, e vivia apática, completamente alheia ao mundo em seu redor, inclusive em relação ao seu grande amado, “Zé Chifrudo”.

Este, por sua vez, sofria atrozmente com a derrocada de sua adorada Marieta. Ele chorava diariamente ao vê-la apática e inteiramente alheia ao mundo. Procurou levantar o astral da esposa, porém, raramente, conseguia estimular um amarelo e acanhado sorriso.

Marieta licenciou-se no emprego, e iniciou tratamento antidepressivo em uma clínica psiquiátrica filiada ao seu seguro de saúde. Ela, finalmente, recebeu alta do tratamento em junho de 1974 e procurou retornar ao trabalho.

Na quarta-feira, dia 8 de agosto de 1974, ela foi a primeira a chegar ao serviço. Cumprimentou os porteiros e subiu à seção onde trabalhava, no décimo nono andar do edifício. Lá chegando, providenciou a feitura do primeiro café do dia, limpou e preparou a sua mesa para o dia de trabalho, e foi cuidar das plantinhas que viviam no parapeito da janela lateral do corredor.

O porteiro Feliciano, às 7h40min daquela manhã, ouviu um sonoro e surdo barulho, como um objeto que houvesse se chocado contra o solo, no piso superior da garagem. Subiu para verificar, e encontrou o corpo de Marieta, espatifado no cimento frio do chão da garagem. Sua cabeça explodira com o choque contra o solo, e seus lábios pálidos, algo arroxeados, não mais exibiam qualquer sorriso. Não havia mais beleza no rosto e no corpo da ex-musa Marieta. O Estácio de Sá havia se tornado mais feio e desprovido de charme.

O enterro de Marieta, três dias após o suicídio, foi ultra concorrido. Todo o Morro do São Carlos e o Bairro do Estácio de Sá acompanharam o féretro, a fim de prestar homenagem e dizer adeus àquele ser que durante 12 anos ofertou graça, beleza, simpatia e amor ao bairro. A família de Marieta veio de Belo Horizonte, e após o sepultamento, deixou o Rio de Janeiro, levando os três filhos do casal para serem criados pelos avós, na Capital Mineira.

Apenas três dos habitantes do Estácio de Sá não compareceram ao enterro de Marieta: Sandrina, em virtude da hipertensão grave e da vergonha que sentiu ao tomar conhecimento do ocorrido; Roma 45, por ainda nutrir um ódio doentio contra aquela que julgava uma adúltera vagabunda; e “Zé Chifrudo”, que na noite anterior fora internado no Hospital Souza Aguiar, por haver ingerido um copo duplo de soda cáustica. O sábado, dia 11 de agosto de 1974, marcou o fim da família José Carlos de Paiva e Marieta Pimenta de Paiva no Bairro do Estácio de Sá.

## JUREMA

Jurema Diniz de Azevedo disputava com Marieta Pimenta de Paiva o lugar da mulher mais bonita do Bairro do Estácio de Sá. Poder-se-ia afirmar que Jurema era, sem dúvida, a mulher mais bonita do Morro do São Carlos, visto que, tecnicamente, Marieta morava na Rua de São Carlos, antes do início do morro, propriamente dito.

Aliado a sua estonteante beleza morena, Jurema vivia num invejável luxo e apogeu econômico, desde que se mudou, em 1951, após seu casamento com Fininho, para habitar aquela residência, localizada no início do Morro do São Carlos. Aproveitando-se do fato de que Fininho ganhava uma fabulosa quantidade de dinheiro em espécie, diariamente, e da necessidade de se gastar o dinheiro sem possibilidades de economias, visto que aquele dinheiro era fruto da contravenção, Jurema esmerava-se nas compras de artigos luxuosos para a residência do casal, roupas de estilo para ela, Fininho e os dois filhos, joias e artigos de maquiagem e embelezamento. Assim, pode-se dizer que sua deslumbrante beleza morena, natural, era realçada e, até mesmo, potencializada por um guarda-roupa maravilhoso, uma maquiagem exuberante e um penteado digno de estrelas hollywoodianas.

A sua residência era, sem nenhuma dúvida, a mais bonita e luxuosa de todo o bairro. Todas as novidades lançadas no ramo de eletrodomésticos eram imediatamente adquiridas para incrementar a beleza e a funcionalidade de seu lar. Assim, por exemplo, a residência de Fininho e Jurema foi, durante um bom tempo, a primeira e única a possuir televisor a cores, a qual foi adquirida no dia de seu lançamento no comércio carioca.

Jurema sempre saía elegantemente vestida, quase sempre em seu carro, um Opala preto, sempre novo, dirigido pelo motorista, o seu Nicanor, que ficava à disposição dela e das duas crianças.

Os dois filhos, Edinho e Luciana, vieram ao mundo em 1953 e 1955, respectivamente. Apesar das duas gestações, concluídas com partos vaginais, Jurema, com o auxílio de massagista, nutricionista e professor de Educação Física, manteve a sua forma física invejável e seu corpo de contorno escultural. Fininho não colocava limites nas aquisições materiais da esposa. A Jurema nada, absolutamente nada, era negado. E um ponto sem discussão no relacionamento do casal era o de fazer de Jurema o principal destaque do desfile da Escola de Samba Unidos do São Carlos, nos carnavais cariocas, todos os anos, sem exceção. Assim, Jurema esbanjava beleza e riqueza em cada carnaval, desfilando como destaque no carro alegórico principal da escola, sempre vestindo fantasias lindíssimas, onde abundavam ouro, esmeraldas, pérolas e diamantes.

Edinho e Luciana cresceram, estudando nos melhores estabelecimentos particulares de ensino na Cidade do Rio de Janeiro, e a vida dos dois jovens destoava flagrantemente da vida pobre e limitada dos outros jovens do Morro do São Carlos e, por que não dizer, de todo o Estácio de Sá.

Poder-se-ia afirmar que Jurema Diniz de Azevedo era a morena mais admirada, porém a menos cobiçada do Estácio de Sá. Diferentemente do que acontecia com a pobre Marieta, mulher do “Zé Chifrudo”, nenhum homem do Morro do São Carlos ou do Bairro do Estácio de Sá ousava dirigir um gracejo, uma palavra mais insinuante ou, até mesmo, um olhar mais insistente à morena Jurema. Conhecendo bem o marido da musa Jurema, o poderoso Fininho, sempre cercado de guarda-costas e pistoleiros perigosíssimos, principalmente um deles, conhecido como Roma 45, ninguém se atrevia a tentar uma emoção sentimental com aquele monumento de mulher. Jurema, quando desfilava pela Rua de São Carlos ou pelo Largo do Estácio, era respeitada por todos os homens. Se, por acaso, fosse possível realizar uma enquete, naquela época, envolvendo todos os representantes do sexo masculino no Estácio de Sá, perguntando se gostariam de viver uma aventura amorosa com a linda Jurema, a resposta seria, com certeza, que sim, porém em uma outra encarnação, uma outra vida; talvez, numa outra

galáxia, desde que houvesse a certeza de que Fininho e seus capangas haviam permanecido na Terra.

Mesmo assim, entretanto, embora com todos os riscos a serem corridos, Jurema, aos 40 anos de idade, se envolveu amorosamente, no início do ano de 1974, com um habitante da localidade. O treloucado amante chamava-se Guilherme da Silva Alencar, morava na Rua Sampaio Ferraz desde 1958, tinha 38 anos de idade, era casado e pai de seis filhos e, como profissão, dirigia um táxi.

Jurema estava descontente em seu casamento. Apesar da riqueza e da luxúria que predominava em sua vida, a linda morena achava que o interesse sexual de Fininho em relação a ela estava em uma curva descendente. Começou a se achar pouco atraente, e os problemas aumentaram em uma progressão quase geométrica com a aproximação do seu quadragésimo aniversário.

Fininho, pelo seu lado, profundamente envolvido e absorto pelo trabalho, não se deu conta, ou se deu conta, não depositou qualquer importância, naquela diminuição da atividade sexual do casal, e sequer notou a instabilidade emocional, a insegurança, a irritabilidade e a inquietude que se apossou da esposa. Para Jurema, a perda da capacidade de atrair os olhares masculinos, de ser desejada sexualmente pelos homens, era tão humilhante e dolorosa, que ela, se pudesse escolher, preferiria a morte a ter que viver tal desventura. E, então, o problema caminhava para um final infeliz e indesejável, visto que a falsa indiferença exibida pela população masculina do bairro em relação a ela, a empurrava cada vez mais para o fundo de um poço, no qual a sobrevivência demandaria uma mudança de atitude em relação à vida do cotidiano.

Ela começou a acalentar o desejo de manter um romance extraconjugal. Iniciou a alimentação do sonho de encontrar um homem que resgatasse o romance, a poesia e o desejo do sexo em sua vida. E foi por acaso que ela encontrou Guilherme, que, casualmente, por acaso também buscava a chama do amor, do romance e do sexo, fogo que,

aparentemente, havia se extinguido em seu casamento, após 18 anos de união e do nascimento de seis filhos.

Um belo dia do mês de fevereiro de 1974, Jurema se dirigia a Ipanema, para visitar o seu cabeleireiro, quando o Opala, dirigido pelo velho Nicanor, teve um pneu furado. Nicanor havia perdido o costume e também alguma força para efetuar a troca do pneu, e então precisou caminhar até o posto de gasolina mais próximo para solicitar ajuda. Jurema, um pouco impaciente, pois via o seu horário marcado no cabeleireiro se aproximando, ficou esperando em pé na calçada da Rua São Clemente, junto ao Opala. Foi, então, avistada por Guilherme, que a conhecia e por pleno acaso passava com o seu táxi, livre de passageiros, naquele exato momento, pela Rua São Clemente. Guilherme parou junto ao Opala e, gentilmente, ofereceu os seus préstimos a Jurema, que aceitou acompanhá-lo em seu táxi até Ipanema, após deixar um bilhete no para-brisa do Opala para Nicanor, com instruções. Daí, surgiu o romance, e apareceu explosivamente, crescendo descontroladamente, alimentado pela fome de romance, carinho, amor e sedução, que era a tônica das vidas daqueles dois protagonistas.

Jurema saía diariamente todas as manhãs, sempre acompanhada por Nicanor, o qual dispensava logo que deixava o Estácio, pedindo que ele retornasse no final da tarde para apanhá-la naquele mesmo local. Era então que Guilherme chegava em seu táxi e os dois se amavam insaciavelmente nos motéis da Avenida Niemeyer, sempre pagos por Jurema. Com o passar do tempo, com a impunidade, a autoconfiança se instalou no casal, e Guilherme, no final da tarde, ao fim do idílio diário, dirigia Jurema de volta ao Estácio de Sá, e a deixava na esquina das Ruas Maia Lacerda e São Roberto, quando ela, após beijá-lo carinhosa e acintosamente, subia a Rua São Roberto, em direção à Rua de São Carlos, para chegar a sua residência, no Morro do São Carlos.

Nicanor, apesar de amedrontado pela gravidade e audácia da situação, calava-se por amor e respeito à patroa, e também para preservar o seu necessário emprego. E tudo continuaria da mesma maneira, se não houvesse a figura desprezível de Edivaldo Azevedo, o gago e viciado Didi, primo de Fininho.

Didi mudou-se de Paracambi para o Rio de Janeiro, logo após o casamento de Fininho e Jurema, com a falsa alegação de que iria emprestar seu valioso trabalho ao primo Fininho, que havia galgado as escadarias da fortuna. Qual o que, na verdade, Didi foi sempre um parasita odioso e odiado por Fininho e Roma 45. Só conseguia sobreviver graças à piedade de Jurema, que lhe fornecia alimentação, dava a ele as roupas não mais em uso por Fininho, e contribuía economicamente com o seu alcoolismo. Com o envolvimento crescente de Jurema no relacionamento amoroso com Guilherme, no entanto, a morena passou, sem se aperceber, a negligenciar a ajuda ao miserável Didi. E assim...

“OOOlá, memeu priprimo quequerirido. Eu prepreciso fafalar contitigo.”

“Porra, seu merda. Já te disse que não gosto de ver os seus “cornos” nojentos na minha frente. Já te falei que aqui é lugar de trabalho, de homem trabalhador, decente, não de verme asqueroso, parasita, nojento, igual a você, seu “merda”.”

“MMMas priprimo, eueu...”

“E não me chame de primo. Não sou seu parente. Minha família é decente, não tem parasita igual a você. Se não sair da minha frente, seu “puto”, te meto a “porrada”. “Porra”, “Jaburu”, pede pra chamar o Roma pra chutar essa nojeira humana lá pra fora.”

“MaMaMas priprimo, eu prepreciso fafalar concontitigo. ÉÉÉ sososobre a JuJuJurerema.”

“Veja lá, seu “merda”. O que é que há em relação a minha mulher, seu “corno”? Você tem que lavar essa boca podre pra dizer o nome dela.”

“EEEla tá tete tratraindo.”

“Ó seu “filho de uma puta”, vou te enfiar um tiro nos “cornos”, não fale assim dela, seu “merda”.”

“MaMaMas ééé ververdade. EEElala tá tá te tratraindo comcom ooo GuiGuiGuilherlherme, o motorisrista quequeque momomora nana SaSaSampapaio FfeFerrrraz.”

“Quem? Quem é esse cara? Oi, Roma. Esse “filho de uma puta” tá inventando aqui que a Jurema tá me traindo com um tal de Guilherme, motorista que mora na Sampaio Ferraz.”

“Ó, “cara”, veja lá o que você está criando. A Dona Jurema é mulher honesta, séria. Que “merda” é essa que você está falando?”

“ÉÉÉ vvverdadade, RRRRomma. O GuiGuillhermme eestá “cococommemendo” aa JuJurema. EEElle tototodo dddididia trtrtraz eeella ààà tttatardde, mamais oou mmmennos ààs cicicinco hhhorraas, eee dddeixa eella nna eeesquinna dada SSSão RRRoobbberto eee MMMMaiiia LaLacercerda.”

“Seu “viado”, mentiroso, vou te “fuder”, seu “viado”...”

“Calma, Fininho. Vamos resolver isto logo, apurar tudo de uma vez. Acho que devemos esperar próximo à esquina da São Roberto com a Maia Lacerda, pra ver se isso procede. Se for mentira, aí, então, você vai calar de vez, companheiro, pois eu mesmo vou cortar sua língua, pode contar com isso.”

“ÉÉÉ aaa pppupurra vvverddadde, RRRoomma.”

“E então, Fininho? O que você decide?”

“Que horas são?”

“Três e quinze da tarde. Temos mais ou menos uma hora e meia.”

“OK. Vamos lá. Eu e você, Roma, no seu carro. Você pilota. Vamos ficar escondidos na esquina de Zamenhoff com Maia Lacerda. É pertinho da São Roberto. A gente deve ter boa visão de lá, se for verdade. Enquanto isso, pede pro “Da Ida” te cobrir no Botequim do Baixinho, e pede pro Ratinho ficar aqui dentro no escritório, de olho nos negócios e nesse “bosta” do Didi.”

“Vamos, então.”

Durante a vigília na esquina da Zamenhoff com Maia Lacerda, com os olhos fixos na esquina oposta de São Roberto e Maia Lacerda, era inegável o clima de tensão dentro daquele veículo, principalmente, por parte de Fininho. Mudo, de olhar fixo na esquina da angústia, ele,



que queria desacreditar toda aquela história, como uma leviandade criada por um odioso ser humano, na verdade, temia que a veracidade dos fatos se concretizasse diante de seus olhos. Fininho sentia o coração bater fortemente, parecendo querer se livrar daquela prisão óssea, que era a caixa torácica, enquanto que suas mãos se inundavam de suor, exigindo constantemente que ele as secasse em suas calças.

E a angústia perdurou por cerca de uma hora, quando às 16h54min do dia 4 de dezembro de 1974, terça-feira, o táxi amarelo de Guilherme encostou na esquina, e Fininho presenciou, com um soluço preso na garganta, o beijo longo e apaixonado trocado por Guilherme e Jurema. O casal ficou uns cinco minutos trocando carícias, até que, finalmente, Jurema abriu a porta do táxi, saiu e caminhou, com um movimento provocante de seu quadril maravilhoso, em direção à Rua do São Carlos.

“Porra, Fininho, eu vou lá acabar com toda essa palhaçada. Enfia uma bala no “cara” e trago a Dona Jurema pro carro.”

“Não. Fique aqui. Não faça nada.”

Roma já havia aberto a porta do automóvel para sair, quando Fininho o segurou pelo braço, impedindo a sua saída. Roma olhou para o amigo, e só então viu que o rosto de Fininho estava completamente molhado, e que as lágrimas começavam a pingar em seu colo. Roma jamais havia visto o seu patrão chorar ou sequer reclamar qualquer coisa. Lentamente, ele fechou a porta do automóvel, e mudo e cabisbaixo, respeitou a dor do amigo.

“Eu dei e dou tudo o que ela pediu e pede. Nunca lhe neguei nada nessa nossa vida. Ela sempre foi o que havia de mais importante na minha existência. Nem os meus filhos e meus pais mereceram de mim um amor tão cego, tão intenso. Ela era a minha luz, a estrela que me guiava, a rainha que governava o meu reino. Sempre disse sim a ela, não existia o “não” a um desejo dela. Por quê? Por que ela fez isso? Me diga, se lhe faltava carinho, amor, ternura, porque ela não veio a mim, não chamou a minha atenção, não propôs discutir o problema comigo? Por que ela não me deu uma chance de consertar o que havia de errado conosco?”

Por quê? Por quê? Porquê? Nunca aprendi a perdoar. Não aceito traições de qualquer espécie, muito menos traição conjugal. Como poderei tocá-la, como poderei beijá-la, sabendo que uma outra boca a beijou e dela recebeu tanto afeto? Como poderemos fazer amor, se eu pensarei naquele patife a penetrando, acariciando seus seios, sua bunda, e gozando dentro dela? Ela foi minha. Fui o seu primeiro homem. Achei que seria o único. Acabou, Roma. Acabou um amor divino, uma vida de sonhos, tudo acabou. Tenho que pensar. Não sei, neste momento, como agir. Vamos, estou precisando tomar uns “tragos” lá no Baixinho. Vamos.”

A semana correu, e Fininho a viveu mudo e muito sério. Conversava muito pouco e não demonstrava haver tomado qualquer decisão. A única ordem dada por ele era que ninguém, sabedor do que estava acontecendo comentasse o fato com qualquer pessoa, e que “Da Ida” mantivesse Didi sob vigília para evitar que aquele elemento procurasse Jurema para extorquir dinheiro e com isso alertasse a mulher, do fato de que ele, Fininho, tinha ciência do romance.

Na segunda-feira, dia 10, Fininho convocou Roma, “Da Ida”, Ratinho, “Maravilha” e “Lelé” para uma reunião em seu escritório.

“Olha aí. Vou precisar de você, Roma, amanhã, às três da tarde. Quando sair, gostaria que você, “Da Ida”, tomasse o lugar do Roma na vigília da “Fortaleza”. Acho que vou ter que me ausentar por um tempo, não sei quanto, mas é quase certo que terei de ficar fora um período. Ratinho, você conhece o mecanismo do negócio. Então, gostaria que amanhã, quando eu saísse com o Roma, você assumisse a gerência do negócio e ficasse até a minha volta. Ficarei alcançável, qualquer dúvida você pode tirar comigo. Quanto a vocês, “Maravilha” e “Lelé”, gostaria que levassem o Didi para viajar, alegando que o estariam levando para Paracambi, onde ele iria ficar por algum tempo, recebendo uma “grana” legal de mim. Isso deve ser feito hoje à noite. Assim que chegarem ao Rio da Guarda, encham a cabeça dele de chumbo, amarrem uma pedra na perna dele e o desovem no rio. Ele deve desaparecer para o mundo. Está tudo entendido?”

“Tudo.”

“OK. É só. Vamos agilizar tudo.”

Três horas e trinta minutos da tarde, daquela terça-feira, dia 11, e a Brasília de Roma 45 estava estacionada no alto do plano inclinado, no qual se constituía a Rua Maia Lacerda. Dentro do carro, ao volante, estava Fininho e, ao seu lado, no banco dianteiro, Roma 45. O carro estava com o motor ligado e o tanque cheio.

“Tem certeza de que é isso, exatamente, que você está querendo, Fininho? Acho que você deveria pensar um pouco e voltar atrás. Você gosta dela, “cara”; ela é sua mulher, mãe de seus dois filhos. Acho que matá-la vai ser um castigo grande para você, e muito maior para o Edinho e a Luciana. “Porra”, a moçada pode emboscar esse Guilherme numa boa, e “fechá-lo” de uma vez. Você pode dar uma boa surra nela, castigá-la no dinheiro, mas mantê-la viva, “cara”. Ela errou, sem dúvida, mas mulher é isso mesmo, um “bicho” sem muito “tutano”, não pensa no que faz. Dá uma boa surra na “desavergonhada”, mas deixa ela viva, pra refletir sobre o erro e criar os filhos, “porra”.”

“Não, Roma. Pensei muito nessa semana que passou. Para mim ela morreu como mulher, então vai morrer como ser humano. Não a quero mais, mas ela não vai gozar a vida e a beleza dela ao lado de ninguém. Não vai ser minha, mas não será de ninguém mais. Quero vê-la morta.”

“Pense bem, Fininho. Pense no Edinho e na Luciana, pelo menos, e reconsidere a decisão.”

“Não, tá decidido. Não há retorno. Quanto ao “cara”, quero ele vivo, mas sem condições mais de “fuder” mulher alguma. Entendeu? Vivo, mas sofrendo numa cama, “fudido”, não podendo mais “cornear” marido algum.”

“Você é quem manda, Fininho. Mas ainda acho que ele poderia receber um “teco” na cabeça, pra dormir de vez, e ela poderia entrar na “porrada” pra nunca mais esquecer a “sem-vergonhice” em que se meteu.”

Roma, enquanto falava, examinava as duas pistolas “45”, que estavam completamente carregadas. Após examinar as armas, tirou do bolso um papelote e uma pequena “trouxinha” onde havia um punhado de maconha, depositou a “erva” no papelote, enrolou cuidadosamente, fazendo um pequeno cigarro. Com um isqueiro, acendeu a extremidade do cigarro, oposta àquela que prendia entre os seus lábios, e sorveu profundamente por vários segundos, aquela fumaça liberada pelo cigarro. Depois exalou a fumaça pela janela aberta da Brasília, e continuou aquele ritual de “saborear” o cigarro até o seu final. Ele e Fininho não mais conversaram, até às 16h38min, quando o táxi amarelo de Guilherme passou pela Brasília azul de Roma, e os dois ocupantes do táxi nem sequer notaram a presença daquele veículo estacionado, tais eram o enlevo e o envolvimento que viviam.

O táxi parou no local de praxe, a esquina de Maia Lacerda e São Roberto, e, neste momento, a Brasília começou lentamente a descer o plano inclinado. O casal no táxi trocou demoradas carícias habituais, e, após uns cinco minutos, Jurema abriu a porta e desceu à calçada da Rua São Roberto, caminhando em direção à Rua de São Carlos. Neste momento, Fininho acelerou a Brasília, e segundos após, o veículo se aproximou do táxi.

O primeiro disparo saiu com um estampido da pistola da mão direita de Roma 45, e atingiu Jurema quando esta se afastava, estando a 15 metros do táxi. O projétil penetrou a carne morena de Jurema, imediatamente à esquerda de sua coluna vertebral, entre as asas das duas omoplatas. O impacto do projétil contra o dorso de Jurema projetou o corpo da infeliz para frente e para cima, e ela, então, protagonizou um bailado desconjuntado, grotesco, com os seus braços e pernas agitadas, debatendo-se no ar, tal como um cisne que tenta alçar voo, após perder a coordenação motora de suas asas. Seu corpo, outrora moreno, caiu desconjuntado, pálido, em meio a uma enorme poça de sangue, a uns três metros do local do impacto do projétil. A necropsia, realizada no dia seguinte, revelou que a aorta fora decepada por completo em sua inserção no ventrículo esquerdo.

Guilherme não teve tempo de tomar noção do que estava acontecendo, pois o segundo disparo, este originando-se da pistola da mão esquerda de Roma 45, ocorreu quase imediatamente após o primeiro, e depois de estilhaçar o vidro esquerdo traseiro do táxi, explodiu contra a apófise posterior da quarta vértebra cervical de Guilherme, fragmentando-a por inteiro e decepando cerca de trinta por cento da medula espinhal do infeliz. Os setenta por cento restantes da medula àquele nível, imediatamente, cessaram suas funções em razão do intenso calor provocado pela passagem do projétil nos tecidos vizinhos. Guilherme tombou o seu tórax sobre o volante, e a buzina do táxi soou insistentemente anunciando a tragédia, a grande tragédia da morte de Jurema e da tetraplegia do motorista de táxi, Guilherme.

Fininho continuou na direção da Brasília, até o final da Rua Maia Lacerda. Na esquina com a Rua Estácio de Sá, parou o veículo, deu sua direção a Roma 45, fez sinal para um táxi, e desapareceu.

Roma voltou ao Morro do São Carlos, guardou a Brasília e assumiu o seu posto de guarda-costa da “Fortaleza”, no Botequim do Baixinho, liberando “Da Ida”.

Vinte e quatro horas após o crime, Fininho se apresentou à polícia, e confessou haver matado a mulher Jurema e ferido o amante, Guilherme. Disse haver ficado transtornado quando se cientificou da traição da esposa, a quem amava loucamente, e, perdendo a cabeça e a noção de certo ou errado, praticou os crimes, dos quais, agora, se arrependia amargamente. Estava acompanhado de um brilhante criminalista, e após, prestar depoimento na polícia, foi liberado para responder o processo em liberdade, sem necessidade de fiança, por haver evitado o flagrante.

Após um ano e meio de processo, Fininho foi condenado a seis meses de detenção, pena que foi abolida pelo fato de ser primário e haver colaborado com a justiça durante as investigações do crime e da abertura do processo. Apesar de considerado culpado, foi sentenciado levemente, pelo pretexto de haver realizado o crime sob violenta emoção,

sem possibilidades de discernimento do que seria certo ou errado; em outras palavras, agiu sob efeito de uma psicopatia temporária.

Tanto Fininho como Roma 45 continuaram as suas vidas habituais. Roma nunca foi sequer interpelado por uma possível participação no crime. Edinho e Luciana venceram a dor imediata, continuaram vivendo com o pai, que não mais se casou. Os filhos repudiaram a atitude da mãe, e prestaram solidariedade com a tresloucada ação do pai.

Guilherme viveu mais quatro anos. Ele foi atendido após o atentado, levado ao Hospital Souza Aguiar, onde ficou em terapia intensiva, ligado a um respirador. Conseguiu se liberar do respirador, mas continuou entevado, sem poder realizar quaisquer movimentos com braços e pernas. Viu sua mulher se prostituir para conseguir criar os seis filhos, que debandaram na vida, assim que adquiriram alguma independência. Morreu, na miséria, vitimado por uma pneumonia por *Pseudomonas aeruginosa*.

Didi foi dado como desaparecido, dois anos após haver sumido por completo. Dele ninguém mais teve notícia.

PARTE VI

S O L A N G E





**F**inalmente o amor invadiu o coração de Garboso Infante. E tudo aconteceu por acaso.

O mês de setembro de 1975 parecia chegar ao final, quando Sandrina começou a exibir sinais de insuficiência renal crônica. Ela já sofria há algum tempo de uma hipertensão arterial grave e, naquele setembro, apresentou edema facial, profundo abatimento, palidez intensa, mucosas descoradas, pálidas, bem como crises frequentes de vômitos. O clínico que a acompanhava não encontrou dificuldades em diagnosticar a insuficiência renal crônica, após analisar os exames de Sandrina, que mostravam uma anemia importante, assim como uremia e aumento do índice sérico da creatinina. Ele aconselhou Garboso Infante a levar a mãe à Clínica São Vicente, na Gávea, onde ela deveria ficar internada para a realização de hemodiálise.

Assim foi feito. Sandrina foi internada. A tarde daquela quarta-feira, dia 28 de setembro, apenas se iniciava, quando Garboso Infante chegou ao quarto de Sandrina para visitá-la.

“Oi, desculpe-me.”

“Não há problema. A nossa querida Sandrina teve um pequeno acidente. Ela não conseguiu esperar a minha chegada para levá-la ao banheiro, e evacuou no leito. Estou terminando de dar um banho nela e trocar sua roupa. Já disse a ela que ela tem que ficar bem bonita pra receber você. Será que daria pra você esperar um pouquinho ali no corredor, enquanto terminamos aqui?”

“Claro. Claro. Não há pressa.”

Garboso Infante saiu do quarto e sentou-se em uma poltrona, imediatamente em frente à porta. Pela fresta da porta, entreaberta, ele acompanhou as ações daquele anjo jovem, maravilhoso, cheio de ternura, que com extremo carinho cuidava de Sandrina, ao mesmo tempo em que com ela conversava tentando lhe elevar a moral, o ânimo e a autoestima.

“Esse que chegou é o seu filho, Sandrina?”

“É meu filho, Solange. Chama-se Marcello.”

“Que homem bonito, Sandrina. Puxa, como é grande e forte. Olhar para ele dá até maus pensamentos.”

“Oh, minha filha, ele é uma criatura linda, carinhosa, uma joia de filho. Gostaria tanto que ele encontrasse uma moça boa, como você, e se casasse. Tivesse filhos. Moramos num ambiente muito ruim, minha filha, o Morro do São Carlos, no Estácio. É um antro de vícios e crimes. Gostaria que o Marcello saísse daquele ambiente de tentação.”

“Pois te digo, Sandrina, bonito como ele é, se seu filho quisesse alguma coisa comigo, não pensaria duas vezes. Aceitaria de imediato.”

“Oh, meu bom Deus. Como isso seria bom! Seria as minhas preces sendo atendidas.”

“Bem, estamos quase terminando. Agora só falta passar um pouquinho desse perfume, e pronto. Quero você linda e cheirosa pra receber o seu filhão maravilhoso. Acabamos, vou pedir pra ele entrar. Nos veremos mais tarde, tchau.”

“Você pode entrar agora. Já terminei a higiene dela.”

“Sou muito grato a você pelo carinho que dedica a minha mãe.”

“Sandrina é uma mulher maravilhosa. Gosto muito, muito dela. Conversamos muito. Tenho um grande afeto por ela.”

“Obrigado. Mas, por favor, não vá tão de imediato. Gostaria de conversar com você...”

“Sim, pois não, sobre o que deseja conversar? É sobre a Sandrina?”

“Não. Quero dizer, sim. Sim, é sobre mamãe. O que você acha do problema dela?”

“Olha, eu não sou a melhor pessoa pra falar sobre a doença e as condições dela. O Dr. Carlos Ribeiro é quem pode lhe oferecer informações mais abalizadas. Eu sou uma simples auxiliar de enfermagem.”

“Eu sei. Mas, de qualquer modo, você deve ter uma ideia de como está reagindo ao tratamento, não é mesmo?”

“Ah, sim. Ela está muito melhor do que quando chegou à clínica, antes da hemodiálise. Na minha opinião, a melhora dela é indiscutível.”

“Que bom. Mas, desculpe a minha curiosidade. E você, como se chama?”

“Solange. Solange Tibúrcio da Paz, as suas ordens. Muito prazer.”

“O prazer é meu, por inteiro, Solange. Meu nome é Marcello. Marcello Fulvio Foscolo. Sabe, estou encantado com o carinho que dedica a minha mãe. Gostaria de poder retribuir o seu belo gesto, de alguma maneira. Será que aceitaria a minha companhia para jantar, hoje à noite?”

“Olha, eu teria um imenso prazer. Mas sou solteira e moro com a minha mãe, que já está idosa, lá no Morro do Pavãozinho, em Copacabana. Mamãe fica muito preocupada quando estou fora à noite. É que o ambiente no Pavãozinho é meio pesado, e é muito perigoso para uma mulher subir sozinha o morro.”

“Entendo perfeitamente.”

“Mas, na verdade, eu adoraria jantar contigo. Poderíamos conversar, nos conhecer melhor. A Sandrina fala muito de você. Acho que seria fantástico ouvir você falando sobre você mesmo. Bem, minha mãe é uma excelente cozinheira e sempre faz comida em excesso. Por que você não vem até a minha casa, hoje à noite, jantar comigo e com a minha mãe? Ela vai adorar te conhecer, tenho certeza. É só não reparar no ambiente e na casa que moramos, e na simplicidade do jantar. Somos muito humildes.”

“Isso não é problema, Solange. Só fico com receio de atrapalhar você e sua mãe.”

“Que bobagem. Não irá atrapalhar em nada.”

“OK. Então irei lá. A que horas devo chegar? E qual o seu endereço?”

“Ótimo. Moro na Travessa do Sossego, número 18, no Morro do Pavãozinho. Fica em Copacabana. Que tal às oito horas da noite? Você quando chegar no pé do morro, deve...”

“Não se preocupe, Solange. Conheço bem o Pavãozinho, estarei lá às oito.”

“É perigoso...”

“Não se preocupe. Não me acontecerá nada. Te verei às oito. Agora, deixe-me entrar pra ver mamãe. A gente vai se ver mais tarde. Será um grande prazer e uma alegria imensa pra mim te rever, Solange.”

“Pois eu vou estar de olho no relógio, querendo que as horas voem.”

“Tchau, anjo.”

“Tchau, Marcello.”

Havia sido amor à primeira vista. Logo que viu Solange, Garboso Infante imediatamente se apaixonou. Depois, o extremo carinho que aquele anjo vestido de branco ofertou à sua mãe serviu para consolidar o afeto que havia surgido repentinamente nas entranhas de Garboso Infante.

Não que Solange, do ponto de vista físico, fosse uma mulher excepcional. Não, não era. Solange era uma mulher comum, de uma beleza comum, um corpo de linhas nada extraordinárias. Morena, de cabelos e olhos negros, estatura mediana para uma mulher, ela, porém, exibia um carisma, um charme, uma meiguice que a colocava na posição de uma mulher excepcional. Possuidora de uma personalidade e humor alegres e positivos, Solange cativava a todos que dela se aproximavam, sempre exibindo um sorriso cintilante e uma alegria ofuscante, que irradiava de seu olhar.

Solange Tibúrcio da Paz havia nascido há 25 anos em Aquidauana, Estado do Mato Grosso, cidade às margens da estrada que liga Campo Grande a Corumbá. Nasceu, fruto de um namoro entre sua mãe, que na época já tinha 42 anos de idade, e que trabalhava como cozinheira para a família de um rico fazendeiro da região, com um peão da fazenda, um bóia-fria, anos mais jovem. Assim que soube da “barrigada” da namorada, o peão abandonou a fazenda e seu trabalho, sumindo no horizonte pantanoso, nunca mais sendo visto ou ouvido por aquelas “bandas”.

A família, para qual a mãe de Solange trabalhava, não aceitou com entusiasmo a notícia da gravidez, assim como o nascimento daquela

menina, e a mãe, envergonhada e desamparada, resolveu, após o parto, abandonar Aquidauana e migrar para a Cidade do Rio de Janeiro.

Veio habitar uma modesta residência, localizada no número 18 da Travessa do Sossego, no Morro do Pavãozinho, no coração de Copacabana. Para pagar o aluguel, alimentar a filha e a si própria, e criar a menina com alguma dignidade, Dona Rosa Tibúrcio da Paz trabalhava arduamente, cozinhando de madrugada, para encher as marmitas dos trabalhadores que habitavam o Pavãozinho e que cedo, muitas vezes antes das seis horas da manhã, saíam em direção ao trabalho. Além disso, durante o dia, Dona Rosa lavava e passava uma enorme quantidade de roupas, encomenda de toda a vizinhança do morro. Mesmo com a árdua tarefa diária, ela era uma mãe zelosa, carinhosa ao extremo, mas de princípios acentuadamente rígidos, pois achava que a filha deveria crescer física e culturalmente até o momento de encontrar um bom moço, que seria o único homem que Solange teria durante a sua vida, assim mesmo após o casamento.

E Solange cresceu realizando o ideal de Dona Rosa. Estudou o primário, o curso ginasial e o científico, e aos 18 anos de idade se inscreveu num curso de formação de auxiliares de enfermagem, o ministrado no Hospital do INPS de Ipanema, e formou-se dois anos após, indo trabalhar durante o dia, diariamente, na Clínica São Vicente, no Alto da Gávea.

O jantar na modesta residência de Dona Rosa, naquela noite de quarta-feira, dia 28 de setembro, aconteceu. E ocorreu, envolto num ambiente de intensa alegria. Garboso Infante chegou elegantemente vestido, um terno de linho claro, feito pelo Geraldo Alfaiate, que acentuava seu portentoso físico de musculatura invejável e sua pele morena. Dona Rosa, assim que tomou conhecimento da presença daquele jovem para jantar, preocupou-se em solicitar a ajuda das vizinhas para dar um retoque nos cabelos e nas unhas das mãos, e esmerou-se em preparar um jantar delicioso. Solange vestiu-se simples, mas de um tremendo bom-gosto, e estava simplesmente deslumbrante, usando o seu lindo sorriso como os melhores votos de boas-vindas. E com as duas

dúzias de rosas vermelhas trazidas por Garboso Infante, Solange e todo o ambiente floresceram.

O namoro iniciou-se naquela mesma noite, com a benção de mamãe Rosa, feliz de ver a filha radiante. Ao ser inquirido de suas funções profissionais, Garboso Infante afirmou ser comerciante, e que sua fonte de renda, até certo ponto bem próspera, era uma grande loja de Loteria Esportiva no Bairro do Estácio de Sá, da qual era sócio, com outras duas pessoas.

O namoro seguiu, findou o ano de 1975 e penetrou profundamente 1976, e cresceu, evoluiu e criou raízes poderosas, difíceis, quase impossíveis, de se cortar.

Em razão de se haver aprofundado o envolvimento com Solange Garboso Infante esqueceu por completo da preta Isa e seu volumoso traseiro, abandonou o vício da maconha e, até mesmo, negligenciou levemente suas obrigações profissionais com Fininho e com o jogo de bicho no Bairro do Estácio de Sá.

E, assim, nadando naquele oceano de paixão, amor, delírio e sonhos, Solange e Garboso Infante chegaram ao dia 8 de outubro de 1976, um sábado, parte do qual resolveram passar em um apartamento do Motel Vips, na Avenida Niemeyer.

O orgasmo atingiu Solange e Garboso Infante, concomitantemente. E após a explosão do gozo, os dois se mantiveram abraçados, colados um ao outro, numa modorra, um estado de semiembriaguez. Não trocavam palavras, apenas alguns gemidos, e Garboso Infante roçava os seus lábios na sedosa pele da face e do pescoço de Solange. E assim permaneceram por um longo tempo, semiadormecidos, naquele estado de quase hibernação, com o metabolismo decrescendo a cada minuto. Garboso Infante foi o primeiro a falar.

“Eu te amo, Solange. Meu anjo, como estou me sentindo bem. Parece que meu amor por você duplica a cada segundo que passa. Não quero te perder, minha flor. Tremo de medo só em pensar nisso.”

“Não se preocupe, Marcello querido. Não existe hoje a menor possibilidade de você me perder. Eu estou te amando alucinadamente, meu amor.”

“Quero gozar ao seu lado cada segundinho de minha existência, meu anjo. Mas, espere, hoje, pela manhã, quando falamos ao telefone, você disse que tem uma novidade, uma surpresa para me contar.”

“Estou morrendo de medo, querido. Tenho medo de sua reação. Vou te contar, mas por favor procure se controlar, não se exalte, acho que poderemos trocar ideias e resolver tudo.”

“Você está me matando de curiosidade. O que é de tão grave que pode causar uma reação negativa, exaltada, de minha parte?”

“Sabe, Marcello, ontem tive uma consulta com o Dr. Paulo Cezar Carvalho, ginecologista da Clínica São Vicente. Sabe, ele me examinou e disse que estou esperando um neném, Marcello. Um neném nosso, de nós dois, meu amor.”

A explosão aconteceu e pegou Solange de surpresa. Ela, que temia uma reação negativa do namorado, não podia acreditar no que via e ouvia. Aquele homem que se caracterizava pela seriedade, dançava à sua frente, cantando desafinadamente, e completamente nu. Um espetáculo que ela julgaria como ridículo e grotesco, se não houvesse sido tomada por um transe de surpresa e amor.

Após dançar por uns minutos, Garboso Infante projetou-se sobre Solange, e com sua boca colada ao umbigo da amada, balbuciava palavras como se quisesse ser ouvido apenas por aquele ser incipiente, ainda em formação, que habitava as entranhas da amante.

“Mas o que levou você a procurar o ginecologista?”

“A minha “regra” está atrasada quase um mês. Lembra-se daquele dia em que transamos e que no final descobrimos que a “camisinha” havia se perdido no meio da transa? Acho que foi ali que aconteceu de você me engravidar.”

“Bendita hora. Bendita “camisinha” perdida.”

“Mas o que faremos agora, Marcello? Estou morrendo de medo e ansiedade.”

“O que faremos? Ora, é claro, que você terá o neném. É o nosso filhinho. Nós vamos enchê-lo de amor.”

“Mas, Marcello. Isso vai matar a minha mãe. Se não casarmos o quanto antes, para despistar, dando a impressão que engravidei depois, mamãe não irá me perdoar, Marcello. Ela é muito da “antiga”, não aceita esse negócio de sexo antes do casamento.”

“Isso não é problema, meu anjo. A gente se casa, até mesmo hoje, se você quiser e for possível.”

“Não, não podemos agir assim, tão repentinamente. Não, essa não é a solução. Acho que poderei falar com mamãe, que queremos casar tão logo quanto possível. Mamãe é muito ligada nas amigas, na vizinhança, na sociedade. Ela vai pedir que primeiro deveremos ficar noivos, e então poderíamos marcar o noivado para dezembro, e casaríamos a seguir, logo no início de janeiro.”

“Sem problemas, anjinho. Vamos fazer assim. Poderemos marcar a festinha de noivado para o dia 16 de dezembro, que é o dia do meu aniversário. Eu pedirei você em casamento e marcaremos o casório para o dia 10 de janeiro de 1977. Concorda?”

“Eu te amo, meu amorzinho. Claro que concordo. Eu e o nenenzinho concordamos.”

Garboso Infante calou-se naquele momento e permaneceu calado, enquanto Solange sonhava acordada com o filhinho e a vida futura do casal.

Estava presa, engasthada na garganta de Garboso Infante, a verdade sobre a sua vida profissional, seu envolvimento com a contravenção e o crime, as mortes das quais foi responsável. Não seria fácil colocar Solange a par de tudo. Ela não aceitaria jamais viver ligada a um elemento com o passado semelhante ao do Roma 45. Bem, ele não precisaria contar tudo, ocultaria os crimes mais cabeludos, imperdoáveis.



Juraria não mais praticar tais atos. Solange iria se chocar, mas aceitaria a confissão, no final, como um ato de contrição e arrependimento. Ele tinha necessidade de conversar com Solange sobre o assunto.

“Solange, meu anjo, já que o dia é para confidências e revelações, eu gostaria de conversar com você sobre um segredo da minha vida. Uma faceta da minha vida, que até a própria Sandrina desconhece, mas que eu tenho que dividir com você, atendendo ao meu desejo de iniciar uma vida nova junto a você e a nossa criança.”

“Você me mata de curiosidade e apreensão assim, Marcello.”

“É. Eu gostaria que você promettesse me escutar por completo, e não tomar atitudes intempestuosas, sem refletir e discuti-las comigo, antes.”

“Puxa. O negócio deve ser grave. Fale logo, Marcello.”

“Você me promete?”

“Prometo. Agora, fale, vamos.”

Garboso Infante, então, relatou a Solange seu envolvimento no mundo criminal, como forma de profissão, como método de sobrevivência pessoal e, também, como um mecanismo de ajuste social. Deu ênfase, principalmente, a este último aspecto, relatando com detalhes o assalto ao Banco do Brasil, com o objetivo de promover os tratamentos médicos de Dona Eliza e Seu Mateus, o acerto de contas com o gerente de banco, Afrânio de Oliveira, para restaurar a dignidade e o valor profissional de Seu Geraldo Alfaiate, a invasão do Hotel Biltmore, fazendo o empresário ianque, Mr. Bishop, como refém a curto prazo, como uma ponte para se chegar ao grande sonho da comunidade do Morro do São Carlos, que foi a fundação do Centro Social, Cultural e Esportivo Salvatore Foscolo, a vingança da chacina da família de Aristides Leitero com a mesma moeda, isto é, a chacina da família Sampaio, em Sobral, e a invasão e destruição dos arquivos da delegacia policial, para promover a libertação e a “limpeza” da ficha do menino Otavinho. Garboso Infante, também, relatou o assassinato dos

pedófilos “Bôia” e “Tourada”, como vingança do estupro, do qual havia sido vítima. Contou da sua infância no SAM e dos assassinatos, em legítima defesa, de Erondino e Pascoal. Evidentemente, ele omitiu de sua confissão os fins trágicos do Cabo Gumerindo, quando do assalto ao Hotel Biltmore, e do Cabo Russo, que havia injustamente prendido Otavinho. Garboso Infante, principalmente, omitiu de Solange os detalhes do sequestro da pequena Beatriz, e das horrendas histórias de Marieta e Jurema.

Solange ouviu tudo aquilo em silêncio, boquiaberta e com o espanto refletido em seu olhar comunicativo. Ela não poderia crer, não conseguia acreditar, que aquele ser humano que tanto amava, aquele ser humano que aos seus olhos só inspirava respeito, amor, ternura e uma imensa vontade de união de vidas, aquele homem viril mas, ao mesmo tempo, delicado, de imensa sensibilidade e de nobres sentimentos, aquela pessoa bonita que estava diante dela, havia sido capaz de realizar atos tão torpes, indignos, selvagens e de valor social questionável. Não, o autor daqueles crimes desatinados e horrendos, certamente, não poderia ser o seu Marcello, o Marcello que ela havia elegido como seu companheiro na vida e como pai de seus filhos. Depois de algum tempo em que procurou vencer a estupefação, Solange falou.

“Marcello, que horror, meu amor! Por favor, me diga que tudo isso é uma brincadeira de mau gosto. Diga que é mentira, que é uma invenção sua. Não pode ser, meu Deus. Não, você não fez isso, Marcello. Eu não consigo acreditar.”

“Perdão, meu amor. Fui, praticamente, obrigado a fazer. Era parte de minha profissão, parte de um pacto meu com a sociedade do Morro do São Carlos.”

“Não, não me venha com esta história idiota de promover a igualdade social. A miséria é um erro, um crime social, mas não podemos corrigir ou apagar erros e crimes, cometendo novos crimes. Não, Marcello, crime não corrige crime. Crime perpetua a criminalidade; crime clama por crime. Quem você pensa que é? Um Deus, um ser

divino e todo-poderoso, que pode julgar o que é bom ou ruim para toda uma sociedade, e tentar resolver os problemas dessa sociedade com seus métodos nefastos? Não, meu querido, você é um reles humano, agora um criminoso odioso, que deveria estar atrás de grades, pagando pelo mal que causou. E o que você fez pela sua sociedade? Você resolveu o problema da fome, da miséria, do desemprego, da insegurança, do precário acesso à saúde em sua comunidade? Não, meu amor, a sua comunidade continua faminta, miserável, ociosa, insegura e doente, apesar de seus atos violentos, do desamor e das ações que praticou com a falsa alegação de estar resolvendo problemas sociais individuais. Sim, falsa, completa e miseravelmente falsa alegação, pois, na verdade, os seus atos horrendos só serviram para alimentar seu ego, que buscava violência, vingança e reconhecimento pelos seus pares. Sim, vingança, pois é isso que você fez desde cedo, vingar-se de uma sociedade por esta lhe haver negado um berço revestido de ouro. Não, eu não aceito essa desculpa de objetivo social. Você é um criminoso, um bandido, um marginal, e deveria estar alijado da sociedade, expiando os seus crimes.”

“Por favor, Solange, não fale assim. Não pense isto de mim. Eu não sou esse monstro que você está pintando.”

“Não? O que você é, meu amor? Como denominar alguém que invade propriedades alheias, saqueia e apodera-se de bens alheios pelo uso da força e da violência, e que faz justiça com as próprias mãos, usando a vingança e o chamado dever profissional como alegação para matar? Assassino, ladrão, selvagem, são alguns adjetivos que se usa para denominar tais elementos. E, infelizmente, minha vida, você é merecedor das três denominações.”

E, pela primeira vez, desde a infância, Garboso Infante chorou. O medo de perder a mulher que amava invadiu aquele homem de valentia comprovada. E as lágrimas rolaram pela sua face morena em absoluto silêncio, observadas por Solange, que, àquela altura, também não conseguia resistir à emoção, à tristeza e às lágrimas.

“Marcello, Marcello, meu amor. O que vamos fazer, Marcello? O que será de nós dois, meu amor? Como sairemos desta?”

“Por favor, Solange, eu não quero te perder. Essa faceta da minha vida terminou, te juro. Vou viver limpo daqui para a frente. Por favor, meu anjo, procure entender que sempre convivi com a violência, e que apenas respondi com a mesma moeda. Mesmo que não entenda, pelo menos, me perdoe, meu amor, e me dê um crédito de confiança. Deixe-me viver, tentar reparar os meus erros na medida do possível, com a força transmitida pelo seu perdão e seu amor, e também pela presença do meu filho. Você é católica, professa a sua fé, acredita em Deus e segue os seus princípios. Sempre ouvi que a maior virtude divina é a capacidade de perdoar àqueles que erraram e tentam se redimir. Não acha que este é o momento no qual você deverá provar ser capaz de atender e seguir a doutrina divina?”

“Eu sou humana, Marcello, feita de carne e osso, de uma matéria passível do erro e da incerteza. Não sei se poderei algum dia te perdoar. Só sei que te amo loucamente, que, infelizmente, neste momento, te amo e te venero, sou alucinada por você, Marcello. Porém, dentro de mim existe um novo ser, uma personalidadezinha a ser formada, e a qual eu pretendo dar os melhores meios, o melhor incentivo, o melhor apoio emocional, para vê-la transformada em uma personalidade linda, rica em valores espirituais, onde apenas o amor, a piedade, o carinho, a honestidade e a fé possam crescer. Como iremos cobrar dele uma vida calcada no amor, na piedade, no carinho, na honestidade e na fé, se o seu pai herói foi quem mais odiou, humilhou, maltratou, usurpou e desacreditou no passado? Diga-me, Marcello, como olhar na face dele ou dela no futuro, e manter nosso sorriso nos lábios?”

“A nossa criança não precisará saber de meus erros no passado. Podemos dela omitir esse detalhe. Eu não tenho conhecimento dos erros cometidos pelos meus pais. Eles não são perfeitos, devem ter cometido erros, os quais ignoro. E você, você sabe de todos os deslizes de seus pais?”

“Você sabe muito bem que fui criada com a verdade. Não conheci o meu pai, mas de minha mãe conheço toda a história.”

“Aí está um ótimo exemplo, o seu pai. Ele abandonou você e sua mãe. Você sequer o conheceu. Mas, nem por isso, deixa de querê-lo

como pai. Quer erro mais imperdoável do que desconhecer e abandonar um filho à própria sorte?”

“Você também sabe que não o considero como pai. Ele foi um acidente de percurso na vida da minha mãe. Emprestou a ela um punhado de esperma da qual fui feita. Mas ignoro completamente a existência dele. Por ele não nutro qualquer sentimento.”

“Por favor, Solange. Tente me perdoar. Nós teremos um filho daqui a alguns meses. Você não vai querer que ele nasça e cresça sem a presença do pai. Eu quero ajudar você na criação dele. Por favor, meu anjo, reflita e dê-me a felicidade do seu perdão. Eu já te falei e até jurei, essa vida foi superada, acabou para mim. Vou viver limpo daqui em diante, te prometo, meu amor.”

“Mesmo que eu o perdoe, a sociedade não o perdoou. Você terá de se apresentar à justiça, confessar os seus crimes e pagar por eles. De qualquer maneira, ficará afastado de mim e de seu filho.”

“Não, isso não. Até hoje me mantive longe da polícia e da justiça. Não, não vou me entregar. Qual seria o objetivo neste momento, de me entregar à polícia? Eu seria alijado do mundo, não teria chance de viver com os seres que amo. Não, isso nunca. Aí, então, é que o nosso neném ficaria com maior vergonha do pai. Um pai presidiário, o marcaria pela vida inteira. Por favor, reflita, pese o bem-estar de nosso filho, e não me peça este sacrifício, que seria o fim da minha vida e dos meus sonhos.”

“E quantas vidas e sonhos você dizimou? Isto não conta?”

“Por favor, amorzinho. Já te pedi e expliquei. Foi uma reação a tudo de ruim que aconteceu na minha vida no passado. Certo, destruí sonhos e vidas, mas agora estou querendo reparar os meus erros, vivendo utilmente na sociedade. Por favor, não me negue esta oportunidade, virando as costas para mim.”

“Hoje não dá para te oferecer esta chance. Tenho que pensar, Marcello. Hoje estou arrasada. Quero ir para casa, abraçar minha mãe, conversar com ela. Quero chorar com ela, pois é minha melhor amiga. Quero chorar, chorar muito, sozinha. Preciso de tempo pra pensar, Marcello. Conversaremos um outro dia; agora, por favor, leve-me para a minha casa.”

Solange contou o drama que vivia para sua mãe. Falou de seu grande amor por Marcello, sua gravidez, ainda nos estágios iniciais, e do envolvimento de Marcello com o mundo do crime. Contou do seu drama, do drama que vivia por estar entre o perdão ao homem que amava, sabendo de tudo que ele havia feito de nocivo, e virar-lhe as costas, negar-lhe o seu perdão, e seguir sua vida sozinha com uma criança, a qual também negaria a ventura de conhecer o pai.

Dona Rosa, apesar de suas posições conservadoras, apiedou-se da filha, prometeu-lhe todo o apoio e suporte, qualquer que fosse a sua decisão. Perguntou a Solange se quando Marcello jurou sair da vida de crimes, se ela achava que havia sinceridade em suas juras; perguntou se Solange julgava ser sincero e honesto o arrependimento de Marcello. Recebendo respostas positivas às suas perguntas, Dona Rosa ousou dar a sua opinião, que seria que ela achava que se Solange voltasse às costas a Marcello, mais do que a outros, ela estaria punindo a si própria e, principalmente, a criança, visto que ela amava Marcello com todas as suas forças e que a pobre criança já chegaria ao mundo com uma brutal carga negativa, que seria a ausência de um pai.

Dona Rosa achava que Solange deveria refletir sua vida, seu envolvimento amoroso com Marcello, as desvantagens que sua criança teria em nascer sem pai e, acima de tudo, julgar a honestidade dos sentimentos de Marcello em relação a ela. Deveria, então, se chegasse à conclusão de que não gostaria que tanto ela quanto a criança perdessem o amor e o carinho de Marcello, exercitar sua capacidade de perdoar, mas exigindo que o futuro marido abandonasse por completo aquela vida, inclusive largando o atual trabalho, que, sem qualquer dúvida, o colocava diariamente em contato com o crime. Se assim decidisse e se Marcello atendesse suas exigências, Solange deveria esquecer o passado dele, ou melhor, deixar que ele mesmo pense e sofra com os remorsos do mal que praticou, e amá-lo e apoiá-lo, para ajudá-lo a vencer aquela enorme barreira, que ele mesmo construiu diante de si.

Assim, após discutir, pensar, chorar e sofrer durante uma semana, Solange comunicou a Marcello sua decisão de perdoá-lo, caso ele concordasse a largar o atual trabalho e o local que habitava.

“Mas como, Solange? Eu sou bem pago para fazer o que faço. Com o que faturemos poderemos ter uma vida tranquila, farta, e oferecer um futuro decente ao nosso filho. Não tem cabimento largar um trabalho tão bem remunerado.”

“Que futuro, Marcello? Oferecer que tipo de futuro à nossa criança? Não existe futuro na sua profissão. Aliás, nem profissão é. Você a denomina guarda-costas mas, para mim, você é tão somente um pistoleiro. E, então, se aparecer na sua frente um desafeto colocando o negócio do seu patrão em risco, o que você fará? Só duas respostas são admitidas a esta pergunta: matá-lo, ratificando sua vida de criminalidade, ou não reagir e morrer. Qualquer das opções anularia qualquer futuro, nossa criança seria filha de um assassino ou, então, ficaria órfã, chorando e sofrendo com a morte do pai. Não, meu querido, disse eu não abro mão, ou você abandona o trabalho que o liga ao crime ou pularemos fora de sua vida, eu e nosso filho, apesar de nosso grande amor.”

“E, aí, como viveríamos? Mesmo se arranjasse um outro emprego, você sabe que não possuo qualificações profissionais. Iria ganhar uma miséria e nossa vida seria horrorosa.”

“Não importa, Marcello. Prefiro um milhão de vezes viver uma vida humilde, suada, porém, honesta e feliz, vivendo com a segurança de que o sol nascerá para nós amanhã, do que viver na luxúria e na riqueza, mas amedrontada por ver o meu homem, pai de meus filhos, na cadeia, como assassino, ou no cemitério, assassinado. Não, Marcello, acho que você deve se dar por muito feliz pelo fato de ter recebido a promessa do perdão que me pediu, e deveria acatar essa minha exigência. Por favor, se você realmente gosta de mim e de nossa criança, por nós, abandone por completo essa vida. Nos dê uma chance para que possamos viver seguras e felizes.”

“OK. Falarei com o Fininho após o nosso casamento.”

“Nada disso, falará com esse tal de Fininho hoje, se é que ainda pense em casar comigo.”

“Mas como viveremos, meu amor?”

“Deixe-me falar. Já te contei que mamãe tem um irmão, o Tio Fernando, que mora em Bodoquena, perto de Aquidauana. Assim que nasci, mamãe, envergonhada, abandonou o emprego e sem comunicar a ninguém da família, nem ao menos o irmão, veio para o Rio de Janeiro. Aqui no Rio, vivemos muitos anos sem qualquer contato com o Tio Fernando. Até que há uns dez anos, ele nos achou aqui no Rio e veio nos visitar. Ele casou-se com uma mulher de família muito rica da região e está muito bem de vida. É fazendeiro, um dos maiores agricultores de soja do Mato Grosso. Ele gosta muito de mim e de mamãe. Insiste em nos ajudar economicamente, mas você sabe como mamãe é orgulhosa, nunca aceitou qualquer ajuda. Essa semana ligamos para ele, e mamãe contou a ele de mim e de você, dos nossos planos de casamento, de nosso neném, do seu passado, ressaltando que você é honesto e trabalhador, e que só necessita uma ajuda, um empurrãozinho para vencer esse obstáculo. Ele, então, falou com mamãe que acabou de adquirir uma fazenda em Aquidauana, onde pretende plantar soja e criar gado, e que você parece o nome ideal para ser o capataz, o administrador da fazenda.”

“Mas eu não possuo qualquer experiência com fazenda.”

“Você é forte e inteligente. Num instante aprenderá e dará conta do recado. Com a sua criatividade, até mesmo, trará novas ideias ao negócio. Em Aquidauana existe um hospital e meu tio conhece o diretor. Ele disse que eu seria imediatamente contratada como enfermeira. E mamãe, que iria conosco, poderia me ajudar a cuidar do nosso neném.”

“E a gente poderia mudar logo após o casamento?”

“Imediatamente após. Tio Fernando, inclusive, virá ao casamento com a família, e iremos embora com eles. Ele cuidará de nossa mudança.”

“E Sandrina, Solange, como ficaria?”

“Ela irá conosco, Marcello. O Hospital São Geraldo de Aquidauana possui um aparelho de hemodiálise, e ela poderá continuar o tratamento lá. Eu cuidarei de tudo, não se preocupe com Sandrina.”

“Hum... Parece que você pensou em tudo, com detalhes. Não é verdade?”



“É verdade, Marcello. Quero muito, preciso ser feliz. Faço tudo, pago o que for necessário pela nossa felicidade, meu amor. Mas, como disse, de uma coisa não abro mão: você sairá hoje, direto, para se despedir do seu patrão de crimes.”

“Não fale assim, por favor.”

“Falo sim. Sem isso, não haverá felicidade.”

“OK, Solange. Vou procurar o Fininho, hoje à noite, e dizer que não trabalharei mais. Tenho, porém, que dar um mês de prazo para ele se ajustar, contratar outro. Mas sairei, com certeza.”

“Obrigado, querido. Seremos muito felizes em Aquidauana, pode acreditar.”

Fininho não conseguia ocultar sua decepção, indignação e revolta.

“Porra, que tremenda “babaquice”, meu “chapa”. Acho que você está cometendo uma grande “burrada”. Não devemos nos entregar de “bandeja” a mulher alguma. Elas tomam conta do “pedaço” e saímos “fudidos”. Não se deve alterar a vida que queremos e gostamos de viver para seguir atrás de uma mulher, igual a um cachorrinho. Não viu o exemplo da Jurema? Dava tudo do melhor a ela, pra ela me colocar um par de “chifres”. São todas levianas e vagabundas, Roma.”

“Solange não é leviana, nem vagabunda. E eu a amo, Fininho. Ela exigiu que largasse essa vida e mudássemos para Aquidauana. Por isso, estou fazendo isso.”

“Que Aquidauana? Onde é essa “merda”? Tá louco, “cara”? Vai pro meio do mato, como você vai viver lá?”

“Pode deixar, eu conseguirei. Amo de verdade a Solange, e ainda terá a criança que irá nascer. Elas irão me dar forças para lutar, trabalhar muito e vencer.”

“Porra, Roma. E eu, como fico? Como conseguir outro pessoal de total confiança em apenas um mês?”

“Você sabe que já tem esse pessoal, aqui mesmo. Se eu fosse você, dividiria a minha função em duas partes. Uma, a parte administrativa,

que seria o contato e a liderança da turma, eu entregaria ao “Ratinho”. O cara é “safo”, sabe lidar com o pessoal e tem liderança. A outra parte, a técnica, de guarda-costas, propriamente dito, eu colocaria o Jorge “Da Ida”. O cara é inteligente, esperto, frio e bom de gatilho. Com ele, você ficará tranqüilo. Além do mais, a moçada é toda da mais completa confiança.”

“Você acha que o “Ratinho” e o “Da Ida” darão conta do recado?”

“Disso não tenho a menor dúvida. Os dois são excelentes e extremamente confiáveis, além de que somente eles conseguirão manter a rapaziada unida.”

“OK, Roma. Queria, porém, te lembrar de um aspecto. Durante todos esses anos participamos juntos de ações, algumas boas, outras nocivas. Cometemos alguns delitos, uns, até certo ponto, gravíssimos, portanto, somos cúmplices. Você sabe de fatos sobre mim, que serão suficientes para acabar com a minha vida, me colocar na prisão, pelo resto dos meus dias. Mas, o mesmo se aplica a você. Posso te colocar na prisão a qualquer momento que desejar. E, além do mais, tenho uma máquina criminal que controlo. Se eu me sentir ameaçado por aquilo que você sabe, apesar da imensa afeição que lhe dedico, não hesitarei em te mandar pro inferno.”

“Fique tranqüilo, Fininho. Eu te considero um pai, ou melhor um irmão mais velho. O que soube no passado morrerá dentro de mim, no momento em que colocar meus pés definitivamente fora daqui. E, além de tudo, você sabe que não sou “traíra”, nem alcaguete. Aliás, detesto “traíras” e alcaguetes. Fique tranqüilo, meu amigo. Você não precisa temer absolutamente nada de minha parte. Sou fiel a você, para sempre.”

“Bem, obrigado, Roma.”

“Fininho, vou conversar com a rapaziada agora. Gostaria de saber: você, realmente, está inclinado a usar o “Ratinho” e o “Da Ida”?”

“Vou dar uma chance a eles e observar. Se eles forem aprovados, ficarão nas posições.”

“OK. Agora, obrigado, patrão, do fundo de minha alma. Devo minha vida a você, Fininho, pelo crédito que recebi quando fugi do SAM. Se não fosse você, nem sei onde estaria e o que seria, hoje.”

“Você me pagou com juros, usando como forma de pagamento sua lealdade, sua franqueza, sua honestidade, sua amizade e seus serviços de qualidade insuperável. Estamos quites, meu querido.”

“Obrigado, chefe. E veja bem quando for ao Mato Grosso lembre-se do amigo que habita a “merda” que se chama Aquidauana, e me paga uma visita. Será muito bem-vindo.”

“Claro, lembrarei.”

Todos chegaram ao Centro Social, Cultural e Esportivo Salvatore Foscolo pensando que a razão daquela chamada para uma reunião extraordinária seria algum serviço a ser executado. E seria em boa hora, visto que a última grande ação da qual participaram havia ocorrido já iam uns longos três anos. Temiam estar enferrujando.

“OK, companheiros. O motivo pelo qual convoquei esta reunião é para comunicar a todos que a nossa parceria profissional está encerrada.”

Todos se entreolhavam, sem compreender o que o chefe, Roma 45, queria dizer com aquelas palavras iniciais. O burburinho, que parecia tomar conta do ambiente, deu lugar ao silêncio, assim que o chefe retomou a palavra.

“E a razão de nossa separação profissional é que decidi abandonar esta vida.”

“Como assim, Roma? O que você quer dizer com isto?”

“Parei com essa vida profissional, Marinho. Pedi e consegui a minha liberação do cargo de “leão de chácara” do jogo do bicho junto ao Fininho e estou deixando para sempre a chefia desse nosso grupo.”

“Esperem. Ouçam primeiro tudo que tenho para lhes dizer, antes de expressarem as opiniões, as dúvidas e o desagrado de vocês. Estou fazendo isto, tomando esta atitude, por minha livre e espontânea

vontade, para atender um desejo meu de viver limpo na sociedade de hoje em diante, de conseguir um trabalho árduo mas honesto, que seja reconhecido como de utilidade pela sociedade, para que eu possa voltar a erguer a minha cabeça. Hoje sou um homem comprometido com uma mulher e uma criança, hoje ainda um feto, um ser em vida uterina, mas pelo qual já nutro o maior dos amores. Vivo com minha futura mulher, Solange, 24 horas no meu pensamento, sonhando em unir a minha vida a dela. Acontece que a condição inegociável para que eu possa concretizar este meu sonho é que eu abandone, por completo, não só a minha vida profissional do momento, mas também que me afaste para a eternidade do Morro do São Carlos. Por isso, me despeço de vocês, meus amigos e companheiros de lutas, alegrias e tristezas. Agradeço a cada um de vocês o apoio incondicional, do qual fui recipiente, a ajuda cega e destemida, que não me negaram um único segundo de nossas vidas em comum, e a lealdade canina, com a qual me agraciaram. Levo todos vocês dentro de mim, no espaço mais inatingível de minha alma, e estarei sempre pronto a recebê-los em minha futura residência em Aquidauana, Estado do Mato Grosso e, também, sempre pronto a ajudá-los em tudo o que estiver ao meu alcance e que possa servir como um remédio para os males futuros que qualquer um de vocês venha a sofrer. Sou eternamente grato a todos, e serei um eterno amigo de todos.”

“Porra, Roma, esse palavreado é muito bacana, “cara”, mas, na verdade, acho que estamos sendo vítimas de uma tremenda “sacanagem”. E, nós, como ficaremos? Por acaso, você pensou como iremos viver daqui pra frente? Eu, por exemplo, só estou no grupo, só continuo no crime, por sua causa. Tive “n” chances de arranjar um trabalho de verdade, honesto, até mesmo, como feirante com o meu pai, que Deus o tenha, mas não, fiquei, e fiquei, “cara”, pois gostava de você e do pessoal, porque sempre acreditei em você, meu “chapinha”. Pular fora agora e nos deixar, morrendo afogados, acho uma “puta” de uma “sacanagem”, Roma.”

“Quero deixar claro, Miguel, que nunca lhe prometi que iria viver nessa vida para sempre. Não prometi a você, nem a ninguém,

nunca! Estou com a minha alma tranquila pela decisão que estou tomando. Sou livre, meu companheiro, e nunca abri mão da minha liberdade, prometendo o que não poderia cumprir.”

“É, “porra”, mas, e aí. E a gente? Agora vai cada um para o seu lado, acaba a união, pinta uma sujeira e um é preso. E, então, sabe o que acontecerá? Ao receber as “carícias” dos homens, o “cara” vai “caguetar” todos nós, e aí “fudeu”, “cara”. Como ficaremos? Eu tenho dois filhos pra criar, e tenho que ganhar o leitinho deles. Mas como, se você nos está tirando o tapete. Como vou correr atrás de “batente” agora, sem experiência prévia, com a “ficha” que tenho na praça?”

“Mas você só sairá se quiser, Miguel. O grupo vai continuar unido. O Fininho vai querer o “Da Ida” e o “Ratinho” para me substituírem, e tanto o “Da Ida” quanto o “Ratinho” estão aqui neste momento e podem confirmar o que digo. Eles continuarão com o grupo, e serão todos pagos da mesma forma de outrora pelo Fininho. Ajudarão o “Da Ida” e o “Ratinho” na defesa dos interesses do Fininho, e nas horas ociosas poderão continuar no comércio da “erva”. Nada mudará. Perguntem agora, se assim o desejarem, ao “Da Ida” ou ao “Ratinho”.”

“O Roma tem razão, pessoal. Continuaremos nos negócios com uma filosofia idêntica à do passado. Nada se alterará.”

“Mas, é claro, aqueles que se sentirem descontentes e inseguros, estão livres para abandonar o grupo.”

“Roma, você é de opinião que não sofreremos pela falta de visão nas ações, com a sua saída?”

“Olha, Marinho, sinceramente acho que não. Tanto o “Da Ida” quanto o “Ratinho” são astutos, inteligentes e experientes. Muitas vezes, nas ações passadas de que participamos, ouvi e aceitei sugestões de ambos, que contribuíram para o sucesso das ações. Portanto, creio que não haverá mudanças radicais de atitudes, comportamentos e resultados obtidos.”

A reunião chegou ao seu final assim, com todos tristes, muitos resignados, e uns poucos ainda revoltados. Garboso Infante foi um por um, abraçando longamente a todos. Quando se despediu de Marinho, a

ele entregou uma de suas pistolas “45”. Ao dizer adeus a Yan “Maravilha”, deixou com ele a outra “45”. Ali parecia terminar a saga Roma 45.

O dia 16 de dezembro chegou, finalmente, e, com sua virada, aconteceu o noivado de Solange e Garboso Infante. E a comemoração do noivado foi simples, mas ao mesmo tempo intensa e com estilo, visto que a data não só marcava o noivado, como também significava 29 anos exatos de vida para Garboso Infante.

À comemoração, marcada para às 20 horas na casa de Dona Rosa, no Pavãozinho, compareceram Sandrina, apesar de debilitada, o amigo Messias com a mulher Mercedes e os filhos, Seu Geraldo Alfaiate e a esposa Dona Maria, e “Jaburu” e Dona Cacilda. Fininho, apesar de convidado, não esteve presente, mas enviou um telegrama no qual se desculpava pela ausência com a alegação de estar deveras atarefado. Ainda pela manhã, entretanto, naquele mesmo dia, o Ponto Frio fez a entrega, na casa de Dona Rosa, de uma geladeira de doze pés, marca Frigidaire, e um aparelho de televisão a cores de 29 polegadas, um presente de Fininho para o casal. Garboso Infante não convidou nenhum dos membros da outrora quadrilha de Roma 45. Dona Rosa convidou uns poucos vizinhos e amigos, que compareceram, todos com votos de felicidades para o futuro casal.

A noite transcorreu em meio a muita alegria, e, após o delicioso jantar, estilo americano, preparado por Dona Rosa, Garboso Infante pediu a palavra e, solenemente, requisitou a mão da jovem Solange em casamento. Dona Rosa, com rápidas palavras, disse de sua alegria em relação ao pedido, e suplicou a Garboso Infante que fizesse a sua Solange muito feliz. Sandrina, também rapidamente, pediu a benção divina para o casal, e então as champanhes foram abertas e sorvidas, após o brinde ao casal. O casamento foi marcado para o dia 10 do mês de janeiro do ano que se iniciaria dali a 15 dias.

Era, aproximadamente, meia-noite quando os primeiros convidados se despediram para se retirarem. Aos trinta minutos de

17 de dezembro, Garboso Infante solicitou aos retirantes Messias e Mercedes, que estes levassem o seu carro e com eles conduzissem Sandrina, de volta ao lar. Ele, Garboso Infante, ficaria um pouco mais na casa de Dona Rosa, até quando o último convidado se retirasse e, então, ajudaria na arrumação da casa. Ele voltaria para a sua residência de táxi, um pouco mais tarde.

O relógio marcava duas horas da madrugada, quando Garboso Infante beijou Solange no portão da casa, e iniciou a descida do Morro do Pavãozinho. Às 2h 20min, quando começava a chover, ele conseguiu um táxi para levá-lo ao Estácio de Sá. O motorista do táxi recusou-se a subir a Rua de São Carlos e deixou Garboso Infante no Largo do Estácio, às 2h 50min. Ele, então, iniciou a subida da deserta Rua de São Carlos, em direção ao morro, em meio a um temporal amedrontador.





PARTE VII

# EPÍLOGO



**E**m muito curto espaço de tempo, Garboso Infante estava completamente molhado. E logo o seu melhor terno, o que usara naquela noite para o seu noivado com Solange.

A noite era muito escura e o tempo inclemente. Parecia haver rompido uma represa nos céus, tal o imenso volume d'água que desabava sobre a Terra. Os ruidosos trovões e os raios que ziguezagueavam, iluminando a noite, haviam se desvanecido, e agora a escuridão era completa, total e aterradora. Para complicar o quadro, as luzes das ruas haviam se apagado, logo no início da tempestade, e a Rua e o Morro do São Carlos estavam desertos e completamente às escuras.

Para Garboso Infante, no entanto, tudo aquilo era detalhe, sem importância. Destemido e conhecedor daquele ambiente, como poucos, tanto o temporal quanto a escuridão não constituíam quaisquer problemas para ele. Feliz, com o coração acelerado pela alegria, ele iniciou a discreta subida da Rua de São Carlos, cantarolando o enredo musical da Unidos do São Carlos, para o carnaval de 1977. Não se preocupava com o terno molhado, visto que Geraldo Alfaiate já havia iniciado a confecção do terno azul-escuro com o qual estaria no dia 10 de janeiro de 1977, no altar da Igreja Santa Cruz dos Militares, na Praça 15 de Novembro. Refletia e pensava com um carinho impaciente na criança que nasceria em junho do próximo ano. Ele ainda teria que discutir com Solange, porém já havia idealizado que, se fosse um menino, gostaria de chamá-lo Salvador, uma forma aporuguesada de Salvatore, em mais uma homenagem ao seu querido e saudoso pai. Se fosse uma menina, proporia o nome de Sandra, a forma aporuguesada mais próxima de Sandrina.

Embora não importasse se, por acaso, viesse uma menina, na verdade, Garboso Infante sonhava com ardor com um menino. Gostaria de criá-lo à imagem do falecido pai, honesto, polido, possuidor de uma cultura invejável, romântico, atraente para as mulheres que buscavam nos homens romance e cultura, e dono de um reconhecido senso de justiça. Faria dele um trabalhador braçal incansável, mas que, quando fosse solicitado a declamar um poema, colocaria para o mundo toda

a emoção dos maiores poetas da literatura mundial. Sim, pensava no sonhado filho como um futuro estadista, que baseasse suas atividades administrativas e políticas, buscando a tão sonhada igualdade social em todos os aspectos da vida.

Sim, a tão sonhada igualdade social entre os homens, era isso que incutiria em seu filho desde o berço, e o faria por meio de exemplos próprios. Após o casamento, na administração da fazenda a ele reservada em Aquidauana, usaria a política da igualdade social entre os trabalhadores rurais, boias-frias. Incentivaria o trabalho coletivo como forma de crescimento individual, propondo ao patrão, tio de Solange, que parte dos lucros gerados pelos trabalhadores na fazenda fosse dividida entre eles.

Com o tempo, com o progresso e o crescimento material e humano da fazenda, ele teria condições de propor uma mudança administrativa, com a implementação de um minissistema de cooperativa rural, no qual a fazenda seria dividida em vários pedaços, e cada pedaço seria responsabilidade de um trabalhador, que, usando seu trabalho árduo e eficiente, promoveria o crescimento agrocultural ou pecuário ou ambos, dentro daquele seu espaço de terra. Ele venderia sua produção agrícola ou pecuária à cooperativa, a preços abaixo do mercado, que ficaria responsável pela comercialização dos produtos a preços de mercado. O lucro obtido pela cooperativa, cinquenta por cento seria do patrão e os outros cinquenta por cento, a cooperativa usaria como caixa a fim de adquirir maquinária, sementes e matéria-prima, as quais seriam cedidas aos associados, os minifazendeiros, como forma de estímulo à safra seguinte. Os que trabalhassem mais, os mais eficientes, logicamente, seriam mais beneficiados na divisão dos lucros. Isto seria como uma minirreforma agrária, na qual o patrão continuaria com a posse da terra e dos beneficiamentos, arrendaria essas terras e beneficiamentos aos trabalhadores, e esses, por sua vez, se beneficiariam, economicamente, da terra e dos beneficiamentos. O arrendamento seria, então, pago pelo trabalho.

Ele mostraria que o trabalho e o homem são os dois elementos de fundamental importância em qualquer sociedade e atividade

profissional; e que todos os profissionais merecem o mesmo tratamento, isto é, todos têm direito a recompensa econômica digna, proporcional à sua produção, e a benefícios semelhantes.

Com este exemplo, ele, certamente, influenciaria decisivamente a educação do filho, que cresceria convivendo com justiça social. E foi, assim sonhando, que aquele eterno sonhador, que atendia a alguns pela alcunha de Garboso Infante, chegou e ultrapassou a esquina escura da Rua de São Carlos com São Roberto, e se encaminhou em direção à lixeira.

O vulto negro saiu por trás da parede da lixeira, tão logo Garboso Infante começou a passar em frente a ela. E saiu, ágil e silenciosamente, e a noite escura o escondeu, impedindo a formação de sombras. Garboso Infante não percebeu sua presença, e um sibilo, um zunido mais corretamente falando, antecedeu por frações de segundo o violento choque da barra de ferro contra o lado direito da face e da têmpora de Garboso Infante. O vulto havia desferido o primeiro golpe usando a barra de ferro, à semelhança de um bastão de beisebol, como um atleta batador, que faz a famosa jogada chamada “swing”, na tentativa do objetivo máximo, o “home run”. Instintivamente, Garboso Infante, antes de dobrar os joelhos para cair, ainda levou a mão direita à cintura, como estivesse procurando um dos revólveres “45”, que lá não mais existia. O segundo golpe, veio quase que imediatamente após o primeiro, de cima para baixo, quebrando o envelope ósseo craniano, linearmente do occipital ao frontal. Sangue misturado a massa cefálica desprendeu-se após o segundo golpe, como que oriundo de uma explosão, e foi rapidamente lavado pela forte torrente de água que desabava do céu. O imenso corpo de Garboso Infante, em movimentos convulsivos, desabou ao solo e, então, uma série, que parecia interminável, de golpes de barra de ferro promoveu o esmagamento do crânio e da face de Garboso, determinando o fim das convulsões, o fim do ato respiratório e o fim dos batimentos cardíacos.

O vulto, envolvido pela escuridão e abafado pelo ruído da tempestade, atirou a barra de ferro para dentro das quatro paredes da lixeira, e saiu caminhando em direção ao Largo do Estácio de Sá.

O corpo disforme de Garboso Infante ficou prostrado à frente do portão de entrada da lixeira, limpo, com o sangue e os fragmentos de cérebro lavados pela chuva e pela enxurrada.

O corpo foi descoberto às cinco horas da manhã, a polícia chegou e, após examinar os documentos que mostravam que a vítima se chamava Marcello Fulvio Foscolo, pediu o rabeção, que removeu os restos mortais para o Instituto Médico Legal, privando a comunidade do Morro do São Carlos de presenciar um espetáculo dantesco.

Sandrina foi informada da morte do filho ainda pela manhã, e imediatamente, num pranto incontrolável, avisou ao Messias, que entrou em contato com “Ratinho”, solicitando que este fosse avisar a Solange, no Pavãozinho, e a ajudasse na liberação do corpo, no IML.

Solange e “Ratinho” reconheceram o corpo de Garboso Infante no IML, não pela aparência física, mas pelas roupas que vestia e pela aliança na mão direita que mostrava gravado o nome de Solange e a data 16 de dezembro de 1976. Em razão de evidência clara da *causa mortis* como esmagamento e esfacelamento cerebral por uso de instrumento contuso, no caso, provavelmente, uma barra de ferro, achada no local, no interior de uma lixeira, não se fez necessária a necropsia e o corpo foi prontamente liberado, tendo sido removido para a capela número três do Cemitério do Caju, onde foi velado durante toda a noite. O sepultamento aconteceu no dia seguinte, 18 de dezembro, e foi pago por completo por Fininho e acompanhado por uma enorme multidão, inclusive Fininho e alguns membros da quadrilha de Roma 45.

Sandrina, em estado de choque, não pôde comparecer ao velório e enterro do filho, ficando em sua residência, aos cuidados do casal Geraldo Alfaiate e Dona Maria.

Dona Cacilda e “Jaburu” jogaram, junto com as flores e terra, um retrato do filho Otavinho, antes do caixão de Garboso Infante ser totalmente coberto pela terra.

Garboso Infante ou, talvez, Roma 45 morreu do mesmo modo que viveu, sem deixar pistas para a polícia. O caso foi dado como assassinato de autoria desconhecida, por completa falta de evidências e testemunhas.

No dia 25 de dezembro, Natal de 1976, sete dias após o enterro de Garboso Infante, chegou ao Cemitério do Caju um outro enterro, de um outro morador da Rua de São Carlos.

O corpo, já em adiantado estado de decomposição, de José Carlos de Paiva, o Zé “Chifrudo”, foi encontrado no dia 22 de dezembro, em sua residência, completamente suja e desarrumada, após a polícia haver arrombado a porta da casa, atendendo aos apelos dos vizinhos, muito preocupados pelo desaparecimento do Zé “Chifrudo”, que ali residia, solitariamente, desde o falecimento de sua Marieta e, também, por causa do forte mau cheiro, que exalava da residência.

Zé “Chifrudo” foi achado caído ao solo na sala, perto da mesa, onde, além de uma garrafa de cachaça vazia, os policiais encontraram uma caixa contendo um pó, cuja análise revelou ser um raticida organofosforado, um copo duplo com uma mistura de água e do organofosforado, bem como, um bilhete escrito à mão, porém inacabado.

#### “ATODOSQUESEINTERESSAREMPELAMINHAMORTE”

Gostaria que soubessem que sou o único e principal responsável por ela ter ocorrido. Por favor, não culpem ninguém por esse ato.

Esse ato pode até parecer um ato de covardia para muitos, talvez todos, que dele tomarem ciência. Pois saibam que, na verdade, é um ato de amor de um ser, talvez mesquinho e menor, mas que não aceita, não se permite, mais viver sem a companhia de sua deusa, de seu guia, de sua luz, de sua mestra, de sua adorada Marieta. Desde que me foi vedado o direito de vê-la, de ouvi-la, de tocá-la, de me ajoelhar aos seus pés e chorar no seu colo, de acariciá-la, de amá-la, ficou claro para mim que, também, me havia sido vedado o direito de continuar a viver.

Tentei reencontrar a minha Marieta pela primeira vez, logo após Deus a ter levado para junto dele, e falhei. Consegui apenas um problema a mais, uma estenose do esôfago, que me obrigou a um tratamento de dilatação esofagiana. Revoltei-me contra Deus, clamando contra o

seu egoísmo, por querer a minha fada só para ele, não me dando o direito de ir encontrá-la. Mas, depois, comecei a raciocinar que talvez Deus tenha impedido a minha viagem para junto de Marieta, não por egoísmo, mas, talvez, por achar que eu tenho mais uma missão na Terra, uma dívida a saldar com a sociedade.

E, então, hoje, eu talvez, pela primeira vez na minha vida, prestei um serviço relevante à sociedade, extinguindo

---

Assim terminou o bilhete de Zé ‘Chifrudo’. A polícia entendeu que ele havia tentado e conseguido o suicídio, ingerindo uma grande dose de veneno organofosforado. A necropsia não revelou muito, os órgãos encontravam-se em avançado estado de autólise, e o exame toxicológico foi considerado inconclusivo. Seu atestado de óbito foi assinado como suicídio por envenenamento por organofosforado. O corpo foi liberado pelo IML e, graças à boa ação dos vizinhos, que se cotizaram, um sepultamento simplório pôde ser realizado. Pouquíssimas pessoas compareceram ao enterro.

O que a polícia não conseguiu deduzir foi que Zé “Chifrudo” chegou em sua casa, completamente molhado, às 3h 15min do dia 17 de dezembro. Estava todo vestido de preto, apesar da escuridão daquela noite.

Logo ao chegar, sentou-se à mesa, após apanhar uma garrafa de cachaça, a lata de veneno para ratos e um copo duplo de água. Misturou uma grande quantidade de veneno de rato na água, e começou a escrever o bilhete. Bebia a cachaça no gargalo e, quando estava escrevendo a porção média do bilhete, Zé “Chifrudo” ficou subitamente impossibilitado de realizar qualquer movimento, em virtude de uma súbita e violenta dor torácica, que se irradiava ao seu membro superior esquerdo e impedia, até mesmo, os movimentos respiratórios. Segundos depois, caiu ao solo, já em parada cardiorrespiratória. Sucumbiu a um extenso infarto de



parede anterior do miocárdio, sem sequer haver provado uma gota do veneno organofosforado.

Foi enterrado e, ninguém, sequer a polícia, correlacionou sua morte e seu bilhete inacabado ao assassinato de Garboso Infante.

“Minha filha, o Geraldo Alfaiate vai ficar gerenciando os poucos bens que possuo. Assim que eu for chamada por Deus, ele entrará em contato com você, para passar para você e para o meu netinho todos os bens.”

“ Por favor, Sandrina, não fale nisso. Não estou preocupada com qualquer bem e não foi por isso que vim aqui. Vim para te ver e confirmar o convite meu e de mamãe para que você fosse morar conosco em Aquidauana. Lá eu teria condições de cuidar de você.”

“Não, minha filha. Você não merece mais esse peso, esse trabalho. Não, o meu lugar é aqui, e aqui irei morrer em breve. Já estou no final, minha filha, será questão de meses.”

“Oh, Sandrina. Desculpe-me por chorar. Eu não queria viver o que estou vivendo agora.”

“É a vida, minha filha. São os desígnios de Deus que estão sendo cumpridos. Devemos ter resignação, aceitar os fatos do jeito que aconteceram, e seguir nossa missão na Terra.”

“É, mas é duro passar por tudo isso. Bem, meu anjo, preciso voltar pra casa. Mamãe está me esperando para terminar de arrumar as malas. A nossa mudança já foi, e viajamos amanhã pela manhã para Campo Grande, e de lá, para Aquidauana. Assim que o neném nascer te envio uma foto. Se for menino, chamar-se-á Salvador e, se for menina, Sandra.

“Obrigado pela homenagem a Salvatore e a mim. Bem, me dê um beijo. Seja muito feliz e cuide bem do meu netinho. Faça dele um homem de bem.”

“Fique tranquila, quanto a isso. Adeus, Sandrina. Fique com Deus.”

E assim Solange se despediu da ex-futura sogra, para se mudar definitivamente para Aquidauana.

Ela havia chegado ao Estácio de Sá no final da manhã, daquele dia 10 de janeiro de 1977, e, no Largo do Estácio, encontrou “Ratinho”, aquele fiel escudeiro, um Sancho Sem-Pança, mais um personagem cervantiano dessa história. “Ratinho” a acompanhou até o número 595 da Rua de São Carlos, onde morava Sandrina.

Agora, ainda acompanhada pelo silencioso “Ratinho”, Solange descia o Morro e a Rua de São Carlos, olhando tudo cuidadosamente, todos os pontos no chão que outrora foram pisados pelo seu amado Marcello. Ela sentiu muito, muitíssimo, a sua morte, mas não se havia surpreendido por ela e pela maneira como ocorreu. Ela desconhecia toda a vida criminal de Roma 45, mas podia imaginar o porquê de sua morte violenta. Era fácil entender por que um ser humano que havia trilhado na vida, baseando-se na filosofia do “aqui se faz, aqui se paga” e agia, seguindo o princípio, a Lei de Talião, do olho por olho, dente por dente, como dizia, era fácil entender, porque este ser humano seria vitimado pela própria filosofia que adotara na vida. E Solange desconhecia por completo o drama de Zé “Chifrudo” e Marieta.

Solange, também, não tinha ciência de que não fora Marcello nem sequer Garboso Infante o ser que semeou o desamor, plantou violência e pregou o medo. Ela não conheceu Roma 45 e sua personalidade doentia. Na verdade, o caso de Marcello Fulvio Foscolo havia sido um caso de personalidade dupla. Na sua mente, coabitava o meigo, doce, honesto, romântico e sonhador Garboso Infante, e o impulsivo, frio e estéril de sentimento, o assassino Roma 45. Eram personalidades distintas, que podiam ser facilmente separadas uma da outra, por qualquer pessoa que tivesse tido a oportunidade de conviver com as duas. As duas raramente coexistiam, mais comumente uma aflorava por períodos curtos e logo dava lugar para a outra. Solange só conheceu Garboso Infante, nunca foi apresentada à Roma 45. E sua meiguice, charme e amor só fez hipertrofiar a personalidade de Garboso, completamente anulando a de Roma 45. Já Zé “Chifrudo”

tinha a nobre missão de livrar a sociedade da maleficência de Roma 45. Infelizmente as duas personalidades habitaram o mesmo corpo, o corpo de Marcello Foscolo, e para eliminar Roma 45, Zé “Chifrudo” privou a sociedade do convívio com uma flor com imagem de homem, o doce e amoroso Garboso Infante.

Solange continuou descendo, olhando tudo e a todos, passou pela Escola Canadá, onde Garboso Infante estudou e foi expulso, passou pelo Botequim do Baixinho e lá, sentado a uma das mesas, viu o Jorge “Da Ida”, o novo Roma 45, que a reverenciou com um aceno de sua cabeça, e passou em frente à Fortaleza de bicho, pela qual o seu querido Marcello chegou a matar seres humanos.

“Ratinho” despediu-se dela e entrou no Botequim do Baixinho. Ela continuou descendo, alisando a sua barriga que já dava mostras de haver crescido consideravelmente.

Chegou ao Largo do Estácio de Sá, parou e olhou longamente a Rua de São Carlos. Tudo parecia em seus devidos lugares, parecia que nada havia acontecido nos últimos 29 anos, naquele local. A vida para todos parecia a mesma de sempre, com pessoas subindo e descendo a rua, sem dar sinais de qualquer modificação na vida.

Parecia que ali, naquele momento, a única vida modificada pelas ações de Marcello Fulvio Foscolo, com suas duas personalidades, fora a sua, Solange. No mais, tudo parecia o mesmo, inalterado.

Bem que afirmava o Mestre José de Alencar: “Tudo passa sobre a Terra.”

F I M